

EXAME
DE
ARTILHEIROS.

Luiz

ARTILHEIROS
DE
EXAME

Handwritten signature

E X A M E
D E
ARTILHEIROS
Q U E

COMPREENDE ARITHMETICA, GEOMETRIA, E
Artilharia, com quatro appendices: O primeiro de algumas perguntas uteis; o segundo do methodo de contar as ballas, e bombas nas pilhas; o terceiro das batarias; e o quarto dos fôgos artificiaes.

OBRA DE GRANDE UTILIDADE, PARA SE ENSINAREM
os novos Soldados Artilheiros, por perguntas, e respostas.

DEDICADO

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

GOMES FREIRE
DE ANDRADE,

DO CONSELHO DE SUA Magestade,
Sargento mór de batalhas de seus Exercitos, Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro, e Minas Geraes.

P O R

JOZE' FERNANDES *N.º 20*
PINTO ALPOYM,

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, E SARGENTO mór Engenheiro, e do novo Batalhão da Artilharia: Lente da mesma, por Sua Magestade que Deus guarde, na Academia do Rio de Janeiro.



LISBOA:

Na nova Officina de **JOZE' ANTONIO PLATES,**

Anno de M. DCC. XLIV.

Com todas as licenças necessarias.



ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR.

T O M O a confiança de
offerecer a Vossa Excel-
lencia huma obra, cujo fim he para fa-
cilitar o estudo aos novos Soldados Arti-
lheiros do Batalhaõ, de que sou Sargen-

to mor, que a rogos de Vossa Excellencia
foy Sua Magestade servido mandar crear
de novo nesta Praça.

Bem conhece Vossa Excellencia a
utilidade deste estudo; razaõ porque se
agradará, que o seu illustre Nome vá na
frente deste pequeno volume.

Se esta obra merecer a approvaçãõ
de Vossa Excellencia, será tal, qual eu a
desejo; e com ella procuro a occasiãõ de
segurar a Vossa Excellencia o grande cui-
dado que tenho de encher as obrigaçoens
do lugar, com que S. Magestade foy ser-
vido honrar-me.

De V. Excellencia.

O mais humilde, fiel, e obediente servidor.

Jozé Fernandes Pinto Alpoym.


T O M O a continen de

offerecer a Vossa Excel-

lencia huma obra, cujo fim he para fa-
cilitar o estudo nos novos sobraes diti-
-tos do Batallão, de que for Zargen-

101

AO



A O L E I T O R .

A Ordem do meu General, e a grande falta que há de livros no nosso idioma, que ensinam a Profissão da Artilharia, e não o desvanecimento de eu ser Autor me faz fahir á luz com este Exame de Artilheiros. Andáras contra a caridade, se achando alguma cousa, que encontre a boa doutrina, e o Real serviço que amim, ou me não occorreo, ou a não suube, a não commendares; porque bem sabes o quanto esta doutrina sendo pura, he necessaria; e sendo errada he prejudicial.

O que te seguro he, que li muito, fiz experiencias, e muitos calculos, para ajustar as coxarras, cartuxos, os ventos ás ballas, e alcances das peças; e na confusão, em que achey os Autores, me resolvi a seguir este novo methodo, que

amim

amim me parece claro, e util ao Real
serviço.

Estimarei, que te sirva de estimu-
lo, para sahires á luz com obra melhor,
e cheya de experiencia, para adiantar-
mos o Real serviço na justa doutrina,
que se dará aos nossos Artilheiros.

VALLE.

O que te seguro he, que li muito
na experiencia, e muitos calculos, pa-
ra ajustar as coxetas, cartuxos, os ven-
tos ás ballas, e alcanças das peças, e as
consultas, em que achei os Autores, me
relovi a seguir este novo methodo, por

CAR-

CAR

asbu

pe

de

na

F

heir

na v

olho

mas

que

me,

po

no

Dou

lhe p

E n

feito

tão

com

tão

nell

nhc

e li

Ar

AR

Real
nu-
or,
tar-
na,
A
pedi
Ex
s
o
o
p
p
b
ã
r
r
c
r

CARTA QUE PEDRO DE AZAM-
buja Ribeiro, Mestre de Campo com o ex-
pediente das ordens do Governo do Rio
de Janeiro escreveu ao Autor. M

Az-me V. m. a honra de me mandar
o seu Tratado de Exame de Arti-
lheiros para dar o meu parecer. Esta obta
na verdade he digna de a correr pelos
olhos sujeito de mais elevadas prendas;
mas como V. m. assim o permite, direi:
que huma, e muitas vezes lêra este Exa-
me, e recomendára á memoria, se o tem-
po mo permitisse; porque o Povo Roma-
no se fez Senhor das Gentes com a boa
Doutrina Militar; e toda esta felicidade
lhe proveyo da sciencia de seus Capitaens.
E não podia V. m. mostrar melhor os ef-
feitos de seu engengo, que com escrever
tão importante obra, na qual se vê hum
compendio das mais acertadas regras, e
tão uteis para a fabrica da Artilharia, que
nellas faz V. m. hum proprio desempe-
nho do seu talento, com tanta clareza,
e lição, como se em V. m. fosse toda a
Arte natureza.

Estava em V. m. este tesouro es-
condido

CR-
SS

condido, para agora o dar á luz, qual
outra Ave Feniz, que renalce das suas
proprias cinzas.

Muitos a devem estimar pela fal-
ta que há no nosso Idiôma de semelhan-
te doutrina; pois nem todos sabem en-
tender os livros Estrangeiros.

Em todo este compendio, não acho
regra ociosa; cada figura, he hũa lição, ou de
teorica, ou de pratica: E tendo couzas muy
fundas, estão na praxe tão claras, q̃ as póde
perceber com facilidade qualquer prin-
cipiante, á imitação dos Diamantes, que
os mais claros, são os de mayor fundo.
Paremos aqui, e não vamos á descobrir
campo; porque para realçarem as luzes
de tão sublime engenho, não he necessa-
rio querer V. m. ajuntarlhe as sombras
do meu humilde estillo. Guarde Deos a
V. m. muitos annos. Rio de Janeiro 6. de
Setembro de 1742.

Mayor venerador, e fiel amigo de V. M.

Pedro de Azambuja Ribeiro.

CAR-

*CARTA QUE ANDRE RIBEIRO
Coutinho, Mestre de Campo do Terço da
Artilharia da Praça do Rio de Janeiro
escreveo ao Autor.*

TENDO a larga sciencia de V. m. formado a grande esfera da Artilharia, no seu Tratado especulativo, quiz agora dar ao conhecimento de todos hum abreviado mappa daquella grandeza, neste Exame Pratico, que a sua politica me apresenta, para lhe dizer o meu parecer; e trocando os laços de amigo, pelas prizoens de verdadeiro, digo, que vi, com o gosto que se deve á formalidade, è individuação deste Tratado, as vastas, e diferentes materias, de que a machina de tão grande Arte se compoem, reduzidas ao mais pequeno ponto da expressão: *In parvo cernuntur magna.* Mas tão clara, e distintamente, que, sem duvida da mais curta intelligencia, se percebe a propriedade, o uso, e a utilidade de cada huma: *Non confusè, & indigestè res ipsæ cernuntur, sed singula per partes, velut in pictura noscentur.*

Sobre tres dedos do seu omnipo-

§§ ii

tente

Picinel. lib.
21. 186.

S. Basil. de
Virgin. vera.

tente Fundador descança o peso de todo o universo : *Quis appendit tribus digitis molem terra.* É a esta imitação vejo fundada a esfera da Artilharia sobre outros tres dedos de V. m. como seu Creador nesta Capitania; quaes são : a Filosofia, a Arithmetica, e a Geometria, em que se estabellecem todas as suas partes; servindo a Filosofia, para conhecer a qualidade dos mixtos, na composição das polvoras; e a dos metaes, para a fundição das peças : a Arithmetica, para averiguar os calculos, e computar os comprimentos, grossuras, e cargas : e a Geometria, para medir as distancias, e entender as linhas, as figuras, e as elevações; e não se dá impropriedade em haver dedos que ensinam a Artilharia, quando ha dedos, que aprendem a guerra : *Qui docet digitos meos ad bellum.*

Piel. 143. 1.

S. Math. 5. 19.

Por este Exame Pratico, em que V. m. sem tocar os defeitos de escuro, foubel achar as conveniencias de breve, mostra, que de justiça se lhe deve o renome de grande; porque se o he só aquelle, que obra, e ensina : *Qui fuerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.* Pratican-

S. Math. 5. 19.

do V. m. na campanha o mesmo, que di-
cta na Academia, ou se lhe hade negar o
merecimento, ou se lhe hade confessar o
encómio: antes passo a dizer, que ex-
cedendo-se V. m. a si mesmo, se nos represen-
ta mayor; porque sendo só acção da sciencia
incrédada fazer a muitos entendimen-
tos igualmente capazes de huma vasta
materia, achou V. m. meyo para igualar
(nò serviço de Sua Magestade) esta na-
tural differença, proporcionando-nos
dous Tratados, Especulativo, e Prati-
co, de tal modo os documentos da sua
nova doutrina, que ficando cada hum
satisfeito com a porção de sciencia,
de que he capaz a sua precepção, para
inteiro conhecimento da mesma Ar-
te (como se fosse graça, que enchesse dif-
ferentes merecimentos) tanto servem os
especulativos, como os Praticos ao com-
mum interesse.

Sendo a Pyrotechnia a Arte, que
ensina a usar do fogo, tão rara se mós-
tra nella a sciencia de V. m. que florece
entre os incendios, de que trata, assim
para utilidade da Republica, como para
recreação do entendimento; e com ma-
yor

yor razaõ do que ao Etna, se lhe deve
applicar o epigrese, de que: *Inter incen-*
dia viresc. Porque florece, para o agra-
do, pela verdade com que se demonstra,
pela clareza com que se expende; e pe-
las maximas, em que se funda; e flore-
ce para o proveito, reproduzindo-se em
muitos Officiaes deste batalhaõ, que pe-
los grandes progressos, que já fazem no
conhecimento de taõ difusas materias,
sem grande demora, chegará V. m. a ser,
mais que de discipulos, mestre de mes-
tres; e com igual brevidade, por este no-
vo Exame Pratico, formará V. m. hum
Terço de Soldados peritos na mais im-
portante Arte da guerra, desterrando a
obstinaçaõ, com que a ignorancia despre-
zava os estudos, o risco, em que muitas
vezes vi o credito de nossas Armas, e as
trevas, em que, por falta de argutas so-
luçoens, estava, no nosso Reyno, sepul-
tada esta profissaõ; e como he preciso que
a Magestade seja igualmente munida, e
exornada com letras, e com armas, a fa-
vor da sciencia, e trabalho de V. m. se
vinculaõ neste corpo Militar as duas pro-
fissoens, para mais luzida defenõa, e se-
guro

guro
granc
femo
intitu
e ain
diz,
do c
ment
defin
todos
zas,
Exan
das e
lhas,
corre
diver
res,
Apis
alter
V. m.
form
da se
discu
ravei
res d
melif
cume

guro decóro da Magestade.

Se o nome define o sujeito, com grande reflexão quiz V. m. que conhecessemos este segundo parto do seu talento, intitulado-o com o nome de Exame; e ainda que V. m. também nesta parte diz, que segue a outros Autores, duvidando com tudo, que elle tão verdadeiramente faça conhecer as suas obras; como define o presente Tratado, porque nem todos os Alexandres fizeraõ iguaes proezas, e como na lingua Latina não tem o Exame das colmeas differença do Exame das escollas, digo, que assim como as abelhas, para formarem o seu Exame, discorrem por amenos prados, voaõ por diversos ramos, e libaõ odoríferas flores, para nos darem faborosos favos: *Apis circumvolat omnia prata, ut promptam alteri prepararet mentam.* Assim também V. m. procurou a materia, de que havia formar o seu Exame, entrando na dilatada selva de varios Autores, saltando de discurso em discurso, e dentre as innumeraveis folhas de suas obras, escolheo as flores de suas experiencias, para nos dar em meliflua leocuaõ a utilidade de seus documentos.

Instar

Profod. Bene.
Per.

S. Joan. Chrif.
Hom. 12.

Joan. Anden.

Instar apes debes variis excerpere libris,

Mellifluo ut manet dulcis ab ore liquor.

E como V. m. mesclou o util com o suave, genuinamente convem a este Tratado o nome de Exame, do qual, até eu, a pezar de meus annos, me aproveitarei; porque para nós he, que V. m. o compoz, e não para si, que he outra natural propriedade do Exame: *Sic vos, non vobis, mellificatis apes.* Para melhor encher as minhas obrigaçoens em serviço publico, assim como o desejo fazer em particular a V. m. com hum grande respeito às invejáveis virtudes da sua Pessoa, as quaes espero justamente ver compensadas pela Real grandeza de S. Magestade, paragofto de seus veneradores, estímulo dos estudiosos, e pena dos ignorantes. Deos guarde a V. m. muitos annos. Rio de Janeiro 9. de Setembro de 1742.

Virgil.

Muito amigo, e fiel venerador de V. m.

Andre Ribeiro Coutinho.



L

D

APP

ton

San

EM

P

lo; p

bons

ao de

releva

os Ar

gento

Pinto

orden

LI



LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

APPROVAC, AM DO M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Por todos os principios se faz esta obra digna da immortalidade do prelo; pela pureza da fé, e utilidade dos bons costumes, o julgo, eu, obediente ao decreto de Vossa Emminencia, pelo relevante das doutrinas, com que instrue os Artilheiros, para o seu Exame o Sargento mór Engenheiro, Jozé Fernandes Pinto Alpoym, Cavalleiro professo na ordem de Christo, basta ter a approvaçõ,

SSS

da

daquelle herde nunca affaz louvado, epilogo de sciencias, exemplar do valor, que eu conheci, mayor prodigio que Hercules, desde a sua infancia, em letras, e armas protento, o Mestre de Campo do Terço da Artilharia da Praça, do Rio de Janeiro André Ribeiro Coutinho. E nestes termos a licença de Vossa Eminencia não só he graça, mas justiça. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, Convento da Boa Hora dos Agostinhos Descalços 12. de Novembro de 1743.

Fr. Antonio de Santa Maria.

Vista a informaçã, pôde imprimirse o Livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 12. de Novembro de 1743.

*Fr. R. de Alencastro. Teixeira. Soares.
Abreu. Amaral.*

DO ORDINARIO.

APPROVAC,AM DO P. M. D. LUIZ
de Lima, Clerigo Regular, &c.

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR.

O Livro intitulado Exame de Artilheiros, de que faz menção a petição inclusa, não contém nada contra a nossa Santa Fé, e bons costumes, além de ser de grande utilidade para o conhecimento, e bom uso da Artilharia nos ataques, e defença das Praças; e combates do mar. Vossa Excellencia ordenará o que for servido. Lisboa casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, aos 24. de Novembro de 1743.

D. Luiz Caetano de Lima. C. R.

Vista a informaçõ póde-se impri-
mir o Livro, e tornará para se con-
ferir, e dar licença para correr. Lisboa
24. de Novembro de 1743.

D. Jozé, Arcebispo de Lacedemonia.

APP
Az
Ore
talh

V
vincu
he, ta
pouco
nosso
tiça,
Autor
conté
desta
mayo
o que
vemb

DO P A C O.

APPROVAC, AM DE MANOEL DE
*Azevedo Fortes, Cavalleiro professo na
Ordem de Christo, Sargento mór de Ba-
talhas, e Engenheiro mór do Reyno, &c.*

S E N H O R.

VI este Livro intitulado, Exame de
Artilheiros, que por seu Autor traz
vinculada a approvaçãõ, e sendo, como
he, taõ util a doutrina de que trata, e taõ
pouco o que della se acha escrito no
nosso Idioma, parece, que mais de jus-
tiça, que de graça se deve conceder ao
Autor a licença, que pede; e tanto naõ
contém cousa, que encontre as maximas
desta Coroa, que antes lhe servirá de
mayor realce. Vossa Magestade mandará
o que for servido. Lisboa 26. de No-
vembro de 1743.

Manoel de Azevedo Fortes.

Visto

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença, para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 27. de Novembro de 1743.

Pereira. Teixeira. Cardeal.

Vaz de Carvalho. Costa.

Manoel de Azevedo Ferrer

Visto

DO

V Ift
na
de 174
Fr. R. a

V Ift
na
de 174

Q U
ce
M

DO SANTO OFFICIO.

V Isto estar confôrme com o seu original póde correr. Lisboa 8. de Mayo de 1744.

*Fr. R. de Alencastro. Teixeira. Soares.
Abreu. Amaral.*

DO ORDINARIO.

V Isto estar confôrme com o seu original póde correr. Lisboa 8. de Mayo de 1744.

D. Jozé, Arcebispo de Lacedemonia.

D O P A C, O.

Que possa correr, e taxaõ em oitocentos reis em papel. Lisboa 8. de Mayo de 1744.

Pereira. Costa.

EXA-

OFFICIO DE DONA

Este es un documento con el original
Vale para el correo. Lisboa 8. de Mayo
1744. No. de Novembro
R. de Alvaros. Teixeira. Soares.
Alvar. Amal.

Teixeira. Cardal.

DO ORDINARIO

Este es un documento con el original
Vale para el correo. Lisboa 8. de Mayo
1744.

D. José, Arcebispo de Lacedemonia.

D O P A C O

Este es un documento con el original
Vale para el correo, e taxa en oito
centos reis em papel. Lisboa 8. de
Mayo de 1744.

Perreira. Costa.

EXA-



A

T

P. 1.

P. 2.
R.



E X A M E
D E

ARTILHEIROS.

TRATADO I.
D A
ARITHMETICA.

P. 1.



UE he Arithmetica ?

R. He huma Arte, que ensina a fazer bem os calculos, ou seja sobre os numeros, ou sobre as letras do A B C, (que se chama Algebra especiosa,) e vem da palavra Arith-

mos, que significa numero.

P. 2. Que he Numero?

R. Numero não he outra cousa mais, que hum
A nome,

nome, que declara, e expressa as partes de huma grandeza, ou a collecção de muitas unidas.

P. 3. Que he Grandeza?

R. He tudo, o que póde crescer, ou diminuir: Ha duas especies de Grandeza; huma, cujas partes estaõ unidas, e se chama Grandeza continua, e pertence á Geometria: outra, cujas partes estaõ separadas, e se chama Grandeza discreta, ou numeros; e pertence á Arithmética.

P. 4. Que he Parte,

R. Parte, he huma cousa considerada de per si; ou por ser indivisivel, ou porque sendo divisivel, senaõ attende a sua divisibilidade.

Daqui se tira, que a unidade, he huma só cousa; porque dous, já he nome, ou numero; porque significa huma parte de huma grandeza junta a outra sua igual.

P. 5. Como se expressaõ as partes de huma Grandeza?

R. Expressaõ-se as partes de huma Grandeza com huns signaes, notas, ou caracteres, que se attribuem aos Arabes, e saõ os seguintes.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0.

1... Hum.

6... Seis.

2... Dous.

7... Sete.

3... Tres.

8... Oito.

4... Quatro.

9... Nove.

5... Sinco.

0... Nada.

6. Estes

6. Este
huma
exem
deza
huma
porer

P. 7.

R. O

sua fi
ou de
tos c
huma
meçar
da, n
fentaõ
dez v
exem
unida
palm
ou de
tercei

no se

como

gar, v

mos;

como

cem y

zes c

acter
que o

gares
8

6 Estes caracteres determinão o modo, com que huma, ou muitas grandezas se considéram, por exemplo: O caracter 3. quer dizer, que a grandeza, a que se applica, tem tres partes, cada huma mais pequena, que a mesma grandeza; porém todas as tres partes iguaes entre si.

P. 7. Como se dá o valor a estes caracteres?

R. O valor dos caracteres, não depende só da sua figura, depende tambem da sua situação, ou do lugar, que occupaõ; como quando muitos caracteres estão dispostos por ordem em huma linha; os que tem o primeiro lugar, começando a contar da direita para a esquerda, não valem mais, que aquillo, que representaõ; os que tem o segundo lugar, valem dez vezes mais, do que os primeiros: 1, por exemplo, no primeiro lugar, significa huma unidade, hum homem, huma moeda, hum palmo, &c. No segundo, vale huma dezena, ou dez, como dez homens, dez palmos; no terceiro lugar, vale dez vezes mais, do que no segundo, a saber: dez dezenas, ou cem, como cem homens, cem palmos; no quarto lugar, vale dez centenas, ou mil, como mil palmos; no quinto lugar, vale dez vezes mil, como dez mil palmos; no sexto lugar, vale cem vezes mil; no setimo lugar, vale dez vezes cem mil, &c. de fórte, que qualquer caracter, he dez vezes mayor, que o caracter, que o precede; contando, como acima, os lugares da direita para a esquerda.

8 E para augmentar o valor dos caracte-

res nos servimos de huma, ou muitas cifras, feitas como O; segundo o valor, que se lhe quer dar; e servem para encher os lugares vazios, que vão adiante do caracter; e per si sós, não valem as cifras cousa alguma, e só mostraõ o lugar do caracter, se he segundo, terceiro, quarto, ou quinto, como:

1	Hum	Unidade.
10	Dez	Dezena.
100	Cem	Centena.
1000	Mil	Milhar.
10000	Dez mil	Dezena de milhar.
100000	Cem mil	Centena de milhar.
1000000	Conto	Conto, &c.

9. Supponhamos a serie 2343, e aqueremos ler, diremos: dous mil trezentos quarenta e tres; porque 2 está no lugar do mil, por isso vale dous mil; e porque 3 está no lugar dos centos, por isso vale trescentos: logo já temos dous mil e trezentos; e porque 4 está no lugar das dezenas, por isso vale quatro dezenas: logo já temos dous mil trezentos e quarenta; e como 3 está no lugar das unidades, por isso vale tres unidades: logo temos dous mil trezentos quarenta e tres unidades, ou de palmos, ou de moedas, &c. è para saber qual he o lugar das unidades, dezenas, centenas, &c. começaremos pelo primeiro caracter da mão direita a contar para a esquerda; a este diremos unidade, ao segundo dezena, ao tercei-

ro cent
dezena d

amun d
arbo d

rechos
rechos

rechos
rechos

rechos
rechos

rechos
rechos

P. 10.
se ach

R. Far
e que

mo 6
isso v

de m
mos se

da, d
no lu

já ter
des;

está
1 H

P. II.
tica?

R. Sa
10

ro centena, ao quarto milhar, e ao quinto de-
zena de milhar, &c. como:

6 2 3 4 3

Unidade.
Dezena.
Centena.
Milhar.
Dezena de milhar.

P. 10. Quando dermos o valor aos caracteres,
se acharmos cifras, como havemos de ler?

R. Facilmente: supponhamos, que temos 62030,
e queremos dar-lhe o seu valor, e lendo, co-
mo 6 está no lugar de dezena de milhar, por
isso vale sessenta mil; e como 2 está no lugar
de milhar, por isso vale dous mil: logo já te-
mos sessenta e dous mil; como a 0 não vale na-
da, diremos sessenta e dous mil; e como 3 está
no lugar da dezena, por isso vale trinta: logo
já temos sessenta e dous mil e trinta unida-
des; porque a primeira cifra da mão direita
está no lugar das unidades.

O uso faz comprehender isto me-
lhor.

P. 11. Quaes são as operações da Arithmé-
tica?

R. São somar, diminuir, multiplicar, e repartir.

P. 12.

P. 12. Que he somar?

R. Somar he huma operaçã, pela qual tendo junto muitos numeros conhecidos em huma soma, se conhece o valor da soma, que não era conhecida.

P. 13. Como se faz?

R. Facilmente: sabendo as regras geraes.

P. 14. Quaes são?

R. São: devem-se dispor os numeros dados de tal fórte, que os primeiros caracteres de huns fiquem debaixo dos primeiros caracteres dos outros, a saber: as unidades debaixo das unidades, as dezenas debaixo das dezenas, as centenas debaixo das centenas, &c. e começando pela parte direita, se vão ajuntando os caracteres do primeiro lugar; e passando a soma a numero grande, se passaõ para o lugar seguinte, em que valem mais.

E X E M P L O.

15. **S** Ejaõ as duas somas, ou series, quatrocentos trinta e dous 432; e duzentos quarenta e cinco 245, de que se quer saber o valor: disponhaõ-se, como fica dito; estas 432 duas somas; ficando as 5 unidades da segunda debaixo das unidades da primeira; e as 4 dezenas da segunda debaixo das 3 dezenas da primeira; e as 2 centenas da segunda debaixo das 4 centenas da primeira; e logo começando da direita para a esquerda, di-

direme
dades
rado
lugar,
remos
ceiro l
crever
mos a
igual

16. Se
fizer
melmo
lugar
para o
res do
9, a c
passar

17. **S**
nhaõ-
go di
tem h
mos a
reserv
direme
gar,
huma
e ajun

diremos: 2, e 5 fazem 7; e porque são unidades, escreveremos o 7 debaixo dellas separado com huma risca, e passando ao segundo lugar, diremos: 3, e 4 fazem 7, que escreveremos debaixo das dezenas; e passando ao terceiro lugar, diremos: 4, e 2 fazem 6, que escreveremos debaixo das centenas; e assim teremos a nova soma, seiscentos setenta e sete 677, igual ás duas somas.

16. Se ajuntando os caracteres de hum lugar, fizer mayor numero, que o que compete ao mesmo lugar, se escreverá debaixo do mesmo lugar, o que lhe toca, e o mais se reservará para o lugar seguinte. Exemplo, se os caracteres do primeiro lugar, somados valem mais de 9, a dezena, ou mais dezenas, que houverem, passarão para o segundo lugar.

E X E M P L O.

17. **S**Ejaõ os dous numeros 459, e 665, para saber o que importaõ juntos; disponhaõ-se, como fica dito na primeira regra; e logo diremos: 9, e 5 fazem 14; e porque 14 tem huma dezena, e 4 unidades, escreveremos as 4 unidades debaixo do primeiro lugar, reservando a dezena para o segundo; e logo diremos: 1 dezena, e 5, e 6, do segundo lugar, fazem 12, em que ha duas unidades, e huma dezena, reservada para o lugar terceiro, e ajuntando-a a 4, e 6 fazem 11, e assim escreveremos

creveremos 1 unidade, reservando a 459
 dezena para o lugar, que se segue; e 665
 como não ha mais caracteres se porá 1124
 por baixo, como se as houvera.

18. Se ajuntando os numeros de qualquer lugar, produzem huma soma justa de dezenas, como huma, duas, tres, no lugar da soma, que corresponde, se porá huma cifra, e a nota, ou caracter, porque se expressão as dezenas, passaráo para o lugar seguinte.

E X E M P L O.

19. **O**S dous numeros 575, e 425 são dados para somar: depois de postos, diremos: 5, e 5 são 10; que valem huma dezena, que não pertence ao lugar das unidades, e assim escreverey huma cifra, guardando a dezena; e assim direy: 1 dezena, e 7, e 2 fazem 10, que são dez dezenas, ou cento; e porque chega a cento, ponho no lugar das dezenas huma cifra, e passo esta centena para o terceiro lugar, dizendo: 1, e 5, e 4 fazem dez centenas, ou mil, que já devem passar para o quarto lugar, e assim escrevendo huma cifra, reservo hum milhar, 575
 ou mil; e como não ha mais caracteres, o escrevo no lugar, que lhe toca; e se vê, que a soma dos dous numeros proprios he justamente mil. 425
1000

20. M
 e affi
 rà h
 houve
 cifras
 o lug

21. S
 mos e
 4, e
 dos n
 tres e
 assim

P. 22.
 saber
 R. O
 se tir
 mayor
 justam
 ros.

P. 23.
 R. Fa
 P. 24.
 R. As
 debay
 dades
 ponda
 dozen

20. Muitas cifras somadas não produzem nada; e assim por muitas, que sejaõ, só se escreve-rá huma; e basta ajuntar os caracteres, que houver, e depois disso accrescentar-lhe tantas cifras, quantas forem necessarias, para mostrar o lugar dos caracteres somados.

E X E M P L O.

21. **S** Ejaõ os tres numeros 2000, 3000, 4000; pede-se o valor da sua soma; ajuntare-mos os caracteres 2, e mais 3, e mais 4, e fazem 9; porque estaõ no lugar dos milhares, e lhe accrescentaremos tres cifras, que são lugares vãos, e assim a soma será 9000.

P. 22. Do somar estou inteirado, quero agora saber a operaçõ do diminuir?

R. O Diminuir, he huma operaçõ, na qual se tira hum numero mais pequeno de outro mayor, para saber o resto, o qual resto, he justamente a differença entre os dous numeros.

P. 23. Como se faz esta operaçõ?

R. Facilmente, sabendo-lhe as regras.

P. 24. Quaes são?

R. As seguintes: deve-se pôr o numero menor debayxo do mayor, de sorte, que as unidades de hum (segundo seus grãos) corres-pondaõ ás unidades do outro, as dezenas ás dezenas, &c; e começando da mão direita pa-

ra a esquerda; se deve hir tirando o menor do mayor, e escrevendo por bayxo de huma linha o resto, notando as unidades debaixo das unidades.

E X E M P L O.

25. **D** Ados os dous numeros 869, e 234, para diminuir o segundo do primeiro; depois de os ter dispostos, como fica dito, os 234 debaixo dos 869, diremos: 869 quem de 9 tira 4, restaõ 5, que escreveremos debaixo da linha; e passando ao segundo lugar, diremos: quem de 6 tira 3, ficaõ 3; que se escreverão; e no terceiro lugar, diremos: quem de 8 tira 2 ficaõ 6; e assim depois de haver diminuido os 234 dos 869, o resto he 635, differença dos dous numeros dados.

26. Quando o caracter de cima he menor, do que o que se ha de tirar d'elle, se poderá fazer valer huma, ou mais dezenas, que na operação do caracter seguinte, e se accrescentaráõ ao caracter do numero menor.

E X E M P L O.

27. **D** Ado o numero 678, para tirar d'elle 489, principiando, como fica dito na regra antecedente, vejo, que não posso tirar 9 de 8, e assim faço valer 18, accrescentando-lhe

lhe
18 t
da li
tey
gunc
com
rar o
lhe q
linha
gar,
creve
tiran
ça d
28. D
se as
crese
muit
dém
29. C
no c
por
ainda
o lug
o un
30. F
mos:
da,
ao se
no te

lhe huma dezena, dizendo: quem de 678
 18 tira 9, ficaõ 9, e se notaõ por baixo 489
 da linha; e logo a dezena, que accrescen-
 tey no primeiro lugar, a ajunto ao se-
 gundo lugar do numero menor, que he 8, e
 com a dezena faz 9; e porque se não pódem ti-
 rar de 7 faço valer o décimo 17, e tirando-
 lhe 9, ficaõ 8, que escreverey por baixo da
 linha; e a dezena a ajunto a 4 no terceiro lu-
 gar, e faz 5, que tirados de 6, fica 1, que es-
 crevo por baixo da linha, e assim vejo, que
 tirando 489 de 678, o resto he 189, diferen-
 ça dos dous numeros dados.

28. Desta sorte não fazem embaraço as cifras,
 se as houver; porque da mesma sorte se ac-
 crescentaõ, ou fazem valer, o que livra de
 muitos embaraços, que succedem nos que pe-
 dem emprestado aos caracteres seguintes.

29. Quando nos dous numeros ha cifras, assim
 no de baixo, como no de cima, se escreve
 por baixo da linha no lugar do resto, porque
 ainda que per si não tenhaõ valor, mostraõ
 o lugar dos caracteres seguintes.

E X E M P L O.

30. Dado o numero 800, para delle dimi-
 nuir 200, postos, como fica dito, dire-
 mos: quem de nada tira nada, fica na-
 da, e poremos huma cifra: passando
 ao segundo lugar, faremos o mesmo; e
 no terceiro, diremos: quem de 8 tira 2,

800

200

600

B ii

fi.

ficaõ 6, que elcreveremos.

31. Quando o numero, que se hade diminuir, he igual ao que hade ser diminuido, por baixo da linha se poem huma cifra, que he signal de não haver resto.

P. 32. Que he Multiplicar?

R. O Multiplicar he huma operaçaõ, pela qual hum certo numero se ajunta a si mesmo tantas vezes, quantas unidades ha em outro numero dado; como multiplicar 5 por 6, he ajuntar a si mesmo seis vezes, que faz 30.

P. 33. Como se chama o numero, que multiplica?

R. O Numero, que multiplica, se chama multiplicador.

P. 34. E o multiplicado, como se chama?

R. Chama-se numero multiplicado.

P. 35. E o que se gera da multiplicaçaõ como se chama?

R. Chama-se producto, como no Exemplo acima 5 he o numero multiplicador, e 6 o numero multiplicado, e 30. he o producto.

P. 36. Como se multiplica hum numero por outro, e se conhece o seu producto?

R. Multiplica-se sabendo as regras.

37. Deve-se pôr o numero multiplicador de baixo do multiplicado, do mesmo modo, que

se

se p
reita
racto
38. E
he
com
mor
racto
proc
o qu
meir

P. 39.
R. A
cto
rie d
num
ou a
com

40
gar,
saõ
ca,
hum
luga
6, e

se poem para fomar; e logo começando da direita para a esquerda, multiplicaremos o caracter debaixo por todos os de cima.

38. Porém antes de entrarmos nesta operação he necessario advertir, que para multiplicar com mayor facilidade, se deve saber de memoria os productos da multiplicação dos caracteres até 10: como por exemplo, o que produz 7 por 6, 5 por 8, 3 por 4, &c. para o que serve a Taboada seguinte, Figura primeira.

Taboada.
Figura 1.

P. 39. Como se usa desta Taboada?

R. Assim: quero saber, por exemplo, o producto de 6 multiplicados por 7; e correndo a serie de hum, e outro caracter, até se encontrar o numero do quebrado, em que se encontra, ou até encontrar no quadrado comum, e será como aqui 42, que he o producto de 6 por 7.

E X E M P L O

De Multiplicar.

40 **Q**Uero Multiplicar 24 por 3, o numero Multiplicador se porá por baixo no lugar, que lhe toca; e logo diremos: 3 vezes 4, são 12, ponho 2 por baixo de huma risca, que pertence ás unidades, e guardo 24. huma dezena na memoria para ajuntar ao lugar seguinte; e logo digo 3 vezes 2, faz 6, e 1, que guardey faz 7, e ponho 7; e af-

sim

sim 72 he o productõ, que se queria saber. Este exemplo basta, para todos os multiplicadores de hum só caracter.

41. Quando o multiplicador he composto de muitos caracteres, se multiplica o primeiro caracter por todos os do multiplicado; e logo se faz o mesmo do segundo caracter, e do terceiro, quarto, &c. e depois se somão todos estes productos parciaes, e a soma ferá o productõ buscado.

E X E M P L O.

42. Uero multiplicar 84 por 26, dispostos os numeros, como á margem, começarey a multiplicar os 84 por 6, primeiro caracter do multiplicador, dizendo: 6 vezes 4, 24, ponho 4, e guardo 2; 6 vezes 8, 48, e 2, que guardey, 50 ponho cifra, e guardo 5; e como não ha mais caracteres, escrevo 5 no lugar, que se segue; e faz esta multiplicação parcial 504. Logo faço o mesmo do segundo caracter 2, dizendo: 2 vezes 4, 8; que escrevo por baixo do multiplicador; 2 vezes 8, 16, escrevo 6, e guardo 1, que escrevo no lugar, que se segue, por não haver mais caracteres, que multiplicar, e logo somo estas duas multiplicaçoens, que fazem 2184, productõ de 84 por 26.

43. Quando no número multiplicado, e multiplicador se achem algumas cifras, sem fazer

caso

caso
pois
hou

44.

que
duas
duct

45.

tas
ajun
se q
se b

46.

ao nu
duct
dema

ra o
vez

só se
que

ção
ib
nisi

caso dellas, se multiplicaõ os caracteres, e depois ao producto se ajuntaráo as cifras, que houver em hum, e outro numero.

E X E M P L O.

44. **Q**Uero multiplicar 80 por 60, sem fazer caso das cifras, multiplicar 6 por 8, e faz 48, e porque cada hum tem huma cifra, ajunto duas cifras a 48, e faz tudo 4800, producto de 80 multiplicados por 60.

45. Quando o multiplicador he hum com muitas cifras, o numero de cifras, que tiver, se ajuntaráo ao numero multiplicado, ou o que se quer multiplicar; e será o producto, que se busca.

E X E M P L O.

46. **Q**Uero multiplicar 342 por 1000, que he 1 com tres cifras, acrescentaremos as mesmas tres cifras

ao numero 342, e valem 342000, producto de 342 por 1000; e assim os demais. Neste exemplo o caracter 1 não altera o numero 342; porque he o mesmo huma só vez, e as cifras não pôdem produzir nada; e só se acrescentaõ, para mostrar o lugar, em que ficaõ os caracteres, feita a multiplicação.

P. 47. Que he divisaõ, ou repartiçaõ?

R. Divisaõ, ou repartiçaõ he huma operaçaõ, pela qual se tira hum numero de outro, tantas vezes, quantas nelle se contem.

P. 48. O numero, que se quer dividir, como se chama?

R. Chama-se dividendo.

P. 49. E o numero, que divide, como se chama?

R. Chama-se divisor.

P. 50. E o numero, que expressa quantas vezes o divisor he conteudo no dividendo, que nome tem?

R. Chama-se quociente.
O quociente he conteudo no dividendo tantas vezes, quantas unidades tem o divisor; e assim quando se quer dividir 24, por 6, he o mesmo, que buscar, quantas vezes 6, he conteudo em 24; e porque he conteudo 4 vezes, 4 será o quociente, que he conteudo tantas vezes em 24, quantas unidades tem o divisor 6.

P. 51. Como se faz esta operaçaõ?

R. Facilmente: sabendo-lhe as suas regras, que são: Escripto o numero dividendo em huma linha, na mesma linha se escreverá o divisor da parte esquerda do papel, separando-o com huma risquinha, que abraçe por baixo o divisor, e o caracter do dividendo; e se vay comparando successivamente da esquerda para a direita

reita
amin
mero
divis
ducto
nota
qual
mo d

52. S
parec
poem
o pr
diren
achar
por l
do qu
2, fa
nota
qual
e con
dizen
mos,
cient
visor
tirado
sim c
be er
unida

reita, com todos os caracteres do divisor, examinando as vezes, que nelle cabe; e o numero de vezes, que cabe, se nota debaixo do divisor, e se multiplica pelo divisor, e o producto se tira do dividendo; e se ha resto, se nota por baixo do caracter do dividendo, ao qual resto se ajunta o caracter seguinte do mesmo dividendo; e assim successivamente.

E X E M P L O.

52. **S**Eja 64, o numero para se repartir por 2; postos os 64 em linha, como aqui parece, da parte esquerda da mesma linha, se poem o divisor 2, e comparado com o primeiro caracter 6 da esquerda, diremos: 2 em 6, que vezes cabe? e achamos, que cabe 3, que se notaõ por baixo do divisor, que he lugar do quociente; e multiplicando 3 pelo divisor 2, faz 6, que tirados de 6, fica nada, o que se nota por baixo do mesmo 6, como huma 0; á qual se ajunta o caracter seguinte, que he 4, e comparando o divisor, com este caracter, dizendo: 2 em 4, que vezes cabe? e achamos, que cabe duas vezes; e pomos 2 no quociente, e multiplicando estes 2 pelos 2 do divisor, achamos, que o producto he 4, que tirados dos 4 do dividendo, fica nada, e assim diremos: que 32 he o quociente, que cabe em 64 duas vezes, que he o numero de unidades do divisor 2.

53. Se o caracter do divisor he mayor, que o primeiro caracter do dividendo, no mesmo dividendo se tomarão dous caracteres primeiros, e com elles se fará a comparação, marcando com hum ponto por cima o caracter, que se tomou de mais.

E X E M P L O.

54. **S**Eja o numero 378, para se dividir por 7; dipostos os numeros, como na regra; antecedente, diremos: 7 em 3 não cabe, tomaremos logo o caracter seguinte, marcando-o com hum pontinho, e diremos: 7 em 37 não cabe 5 vezes, e marcaremos os 5 debaixo no quociente, e multiplicados pelo divisor 7, fazem 35, que tirados de 37, restaõ 2, que se escreverão por baixo do dividendo, ao qual resto se ajuntará por diante, o caracter seguinte do dividendo, que he 8, e logo tornaremos a comparar o dividendo, dizendo: 7 em 28, que vezes cabe? e acharemos, que cabe 4 vezes, que notaremos no quociente; e multiplicando este caracter do quociente, pelo divisor, diremos: 4 vezes 7, fazem 28, que tirados de 28, fica nada; e assim diremos, que 54, he o quociente de 378, divididos por 7, e que cabem os 54 do quociente, 7 vezes em 378, que são as unidades do divisor 7.

55. Se depois de principiada a operação, e posto

posto
res, e
do ac
rá hu
resto,
se teg
a con

56. **L**
dispo
8 não
quinte
porem
lo di
dos d
por b
fra, á
do di
nando
remos
póde
no qu
te do
coube
novo,
acham
no qu
for 8,
dos de

posto já no quociente hum, ou mais caracteres, e depois de junto o caracter do dividendo ao resto, o divisor não cabe nelle, se pôrá huma cifra no quociente, e se juntará ao resto, e seu acrescencamento, o caracter, que se tegue, no dividendo, e se fará de novo a comparação.

E X E M P L O.

56. **D**ado o numero 4832, para dividir por 8, queremos saber o quociente: dispostos os numeros, como fica dito, porque 8 não cabe em 4, tomaremos o caracter seguinte, dizendo: 8 em 48, cabe 6 vezes, e poremos 6 no quociente; e multiplicando pelo divisor, diremos: 6 vezes 8, 48, que tirados de 48, fica nada, e poremos $\begin{array}{r} 8 \overline{) 4832} \\ 48 \\ \hline 0032 \end{array}$ por baixo do dividendo huma cifra, á qual juntaremos o caracter do dividendo, que he 3; e tornando a comparar de novo, diremos: 8 em 3, que vezes cabe? e porque não pôde caber nenhuma poremos huma o no quociente, e juntaremos o caracter seguinte do dividendo, que he 2, ao 3, em que não coube o divisor; e tornando a comparar de novo, diremos: 8 em 32, que vezes cabe? e achamos, que cabe 4 vezes, e os notaremos no quociente; e multiplicando-os pelo divisor 8, diremos: 4 vezes 8, faz 32, que tirados de 32, dividendo, fica nada; e assim achamos

mos, que 604, he quociente de 4832, em que cabe 8 vezes, por serem 8 as unidades do Divisor.

57. Quando o divisor tem muitos caracteres, para começar a divisaõ, se tomarão no dividendo outros tantos caracteres; e se marcará com hum pontinho por cima do ultimo; e para saber as vezes, que cabe, se fará por partes, de sorte, que a primeira nota do divisor, ha de caber tantas vezes na primeira do dividendo, como na segunda, e na terceira; e o caracter achado para o quociente se multiplicará pelo divisor, e se hirão tirando os productos do dividendo, do pontinho, para a esquerda, marcando o resto (se o houver) e ao resto total, se accrescente o seguinte caracter do dividendo, do pontinho, para diante; e se torna a comparar de novo.

Por este modo logo se sabe de quantos caracteres ha de constar o quociente, contando do pontinho para diante.

E X E M P L O.

58. **D**ado o numero 78888, para dividir por 456, o seu quociente se busca, dispostos os numeros, como fica dito; porque no divisor ha tres caracteres, tomaremos outros tres no dividendo, e marcaremos sobre o ultimo hum pontinho; e logo veremos as ve-

456	78888
173	3328
	01468

vezes,

zes, que o primeiro, que he 4 do divisor, cabe no primeiro, que he 7 do dividendo; e achamos, que cabe huma só vez, e que tambem o segundo caracter 5 do divisor cabe da mesma fórte huma vez no segundo caracter 8 do dividendo, e assim tambem o terceiro caracter 6 do divisor, cabe no terceiro do dividendo; e assim poremos 1 no quociente, e multiplicando-o pelo divisor, hiremos diminuindo os productos do pontinho para a esquerda, dizendo: 1 vez 6, he 6, que tirados de 8, em que está o pontinho, fica 2, que notaremos por baixo do caracter do pontinho: 1 vez 5, he 5, que tirados de 8, ficaõ 3; 1 vez 4, he 4, que tirados de 7, ficaõ 3; e a este resto, que he 332, accrescentaremos o caracter do dividendo, que se segue por diante do pontinho; e com este numero debaixo, havemos de fazer a segunda comparação; porque fica sendo o dividendo; e assim diremos: comparando a primeira letra do divisor, com a primeira deste novo dividendo: 4 em 3, não cabe, porèm em 33, póde caber 8 vezes; e fica 1; que com o caracter seguinte, faz 12; e no segundo caracter do divisor, não póde caber 8 vezes; e assim tomaremos meoõs caracter, dizendo: 4 em 32, caberá 7 vezes, e notaremos 7, no quociente, e multiplicãdo 7 pelo divisor, hiremos diminuindo os productos, do novo dividendo, dizendo: 7 vezes 6, 42, que tirados de 48, ficaõ 6, que se porá por baixo, e guardo 4; 7 vezes 5, 35, e 4, 39, que tirados de 42, ficaõ 3, e guardo 4;

7 vezes 4, 28, e 4, 32, que tirados de 33, fica 1, que noto por baixo, e guardo 3, que tirados de 3, caracter, que se segue, fica nada, a este ultimo resto 136 ajuntaremos a letra seguinte do primeiro dividendo, que he 8; e será 1368, novo dividendo, para se tornar a comparar o divisor, dizendo: 4 em 3, entra 3 vezes, e fica 1, que com o caracter seguinte faz 16, em que tambem 5 cabe 3 vezes, e fica 1, que com os 8, faz 18, em que tambem 6 cabe 3 vezes, e assim marcaremos 3 no quociente, e multiplicaremos o divisor, dizendo 3 vezes 6, faz 18, que tirados de 18 do ultimo dividendo, fica nada, e guardo 1, e 3 vezes 5 faz 15, e 1, 16, que tirados de 16, fica nada, e guardo 1; 3 vezes 4, 12, e 1, 13, que tirados de 13, fica nada, e guardo 1, que tirados de 1, fica nada, e achamos, que dividindo 78888 por 456, o quociente 173, expoem o numero de vezes, que 456 do divisor, cabe no dito dividendo; e o mesmo expoente se contém no dividendo 456 vezes.

59. Deve-se advertir, que na divisaõ não pôde sobejar do dividendo, nem tanto, nem mais que o divisor.

60. A prova desta operaçaõ, he multiplicar o divisor pelo quociente; e se o producto for igual ao dividendo, está a operaçaõ certa; e se houver sobras, a este producto se lhe ajuntará as ditas sobras; e se com ellas for igual ao dividendo, está a operaçaõ certa.

P. 61.
ro ag
brado

R. Fa

P. 62.

R. Qu

a raza

se cor

de par

confid

chama

E

vara,

estas f

P. 63.

brado,

R. Cha

ás part

dera q

quebra

quem

P. 64.

do, co

R. Char

tas são

deza in

he nun

tes do i

P. 61. Estou inteirado destas operaçoens, quero agora saber, o como as farey nos quebrados?

R. Facilmente sabendo.

P. 62. Que he quebrado?

R. Quebrado he huma expressãõ, que declara a razãõ da parte, ou partes de hum inteiro, que se considera dividido em hum certo numero de partes: como, por exemplo, huma vara se considera dividida em 5 partes iguaes, a que chamaõ palmos.

Este numero 5 me declara as partes da vara, e se quero tomar por exemplo 4 partes, estas sãõ partes quintas, e se expressãõ $\frac{4}{5}$

P. 63. O numero, que fica por baixo do quebrado, como se chama?

R. Chama-se denominador; porque dá o nome ás partes, em que a grandeza inteira se considera quebrada, ou partida. Nesta expressãõ o quebrado $\frac{4}{5}$: o numero 5, he denominador; porque mostra ^s o nome, que devem ter as partes.

P. 64. O numero, que fica por cima do quebrado, como se chama?

R. Chama-se numerador; porque declara quantas sãõ as partes, que se hãõ de tomar da grandeza inteira: nesta expressãõ $\frac{4}{5}$, o numero 4, he numerador, que declara, ^s que das 5 partes do inteiro se hãõ de tomar 4.

O denominador de hum quebrado vale sempre huma grandeza inteira; como neste quebrado $\frac{4}{5}$, 5 que he denominador, significa a grandeza 5 inteira, partida, ou quebrada em 5 partes iguaes, das quaes se tomaõ 4.

65. Se o numerador de hum quebrado for igual ao seu denominador, vale o quebrado hum inteiro, se for menor, vale menos; e se for mayor, vale mais. Como esta expressãõ $\frac{4}{4}$, a grandeza 4, vale hum inteiro; porque 4 4 numerador, he igual ao denominador 4. Em $\frac{1}{2}$, o numerador 1, vale menos, que hum 2 inteiro; porque naõ he igual ao denominador 2; e nesta expressãõ $\frac{3}{2}$, o numerador 3, vale mais de hum inteiro; 2 porque he mayor, que o denominador 2.

P. 66. De que preparaçoens se necessita, para fazer nos quebrados as operaçoens de somar, diminuir, multiplicar, e repartir?

R. De algumas, como saõ, reduzir hum todo ás suas partes.

Multiplicaremos o todo, ou grandeza inteira, pelo numero de partes, a que se quer reduzir.

EXEMPLO.

67. **S** Eja o todo, por exemplo, 10 moedas de ouro, que se querem reduzir a tostoens; e porque cada moeda tem 48 tostoens, multiplicando 48 por 10, o productõ 480, será o nu-

o num
moeda
esta g
100 re
100,
reaes,
logo
reis.

68. Qu
cada a
numer
reduzi
rateis,
arratei

69. Poo
quebra
temos
duzir a
multiplicar
merado
desta f
brado,
he igua

70. Poo
unidad
inteiro
huma r

71. Que
remos
assim
deza;

- o numero das partes; e assim valerão as 10 moedas, 480 tostoens. Se quizermos reduzir esta grandeza a reaes; porque cada tostaõ tem 100 reaes, multiplicaremos o todo 480 por 100, e o producto 48000, será o numero dos reaes, que tem 480 tostoens, ou 10 moedas: logo 10 moedas tem 480 tostoens, e 48000 reis.
68. Querendo reduzir arrobas a arrateis, como cada arroba tem 32 arrateis, multiplicaremos o numero das arrobas, por 32 arrateis, e temos reduzido; como, quero reduzir 6 arrobas a arrateis, multiplicando 6 por 32, produz 192 arrateis, e tantos tem 6 arrobas.
69. Pode-se reduzir huma grandeza inteira a quebrado de hum certo nome, por exemplo, temos a grandeza inteira 4, que queremos reduzir a quebrado, que tenha o nome 6; multiplicando 4 por 6, o producto 24, será o numerador, e o denominador 6, como se pedia, desta fórte $\frac{24}{6}$. Esta grandeza reduzida a quebrado, fica $\frac{24}{6}$ sempre com o mesmo valor, $\frac{24}{6}$ he igual a 4 inteiros.
70. Pode-se reduzir hum inteiro a quebrado; a unidade he o denominador geral, e se poem o inteiro por cima do signal da divisaõ (que he huma rিকা) e a unidade por baixo.
71. Queremos pôr em quebrado 5 inteiros, porremos cinco por cima, e a unidade por baixo, assim $\frac{5}{1}$, e esta expressãõ não altera a grandeza; porque $\frac{5}{1}$ he igual a 5.
- D
72. Re-

Reduzir as partes ao seu todo.

72. **P** Ara esta operaçãõ, se deve dividir o numero das partes pelo numero das vezes, que ellas são conteudas nos seus todos; por exemplo, queremos reduzir 48000 reis em tostoens, como cada tostaõ tem 100reis, dividiremos aquelle numero por 100, e o quociente 480 será o numero dos tostoens; se de 480 tostoens quizermos fazer moedas de ouro, dividiremos o numero 480 por 48, numero de tostoens, que entraõ em huma moeda de ouro, e o quociente 10, será o numero das moedas.
73. Por esta regra se pôde dar o mesmo nome a duas grandezas diferentes, para conhecer mais claramente a razãõ dessas grandezas; sejaõ duas grandezas 600 palmos, e 20 braças dando-se a essas grandezas o mesmo nome, isto he, reduzindo as braças a palmos, ou (se for necessario) os palmos a braças, e feita a reduçãõ, se conhecerá melhor a razãõ, que ha entre essas grandezas; porque reduzindo as braças a palmos, seráõ 200, e vejo logo a differença, que ha, entre huma grandeza, e outra, e a razãõ de 600, para 200, que he como de 6 para 2, o que se não podia ver tão claramente sem esta reduçãõ.
74. Tambem se pôde reduzir hum quebrado a numero inteiro, e conhecer quantos inteiros vale (supponho, que o quebrado vale mais de

de inte
emplo
4, d
4 tra,

Redu

75. **S** me, if
careme
ro, pe
nador
meiro;
nomin
çãõ. I
e 3 m
e 4 fa
os no
mesmo
aos p
duzir
me, r
se red
3º qu
me co
tiplica
que f
e mul
he 8,

de inteiro, ou ao menos hum inteiro) por exemplo, quero reduzir a inteiros este quebrado $\frac{24}{4}$, divide-se 24 por 4, e o quociente 6 mostra, que $\frac{24}{4}$ vale 6 inteiros.

Reduzir a hum mesmo denominador, ou dar o mesmo nome a muitos quebrados.

75. **S** Ejaõ os 2 quebrados $\frac{2}{5}$, e $\frac{3}{4}$, que queremos, que tenhaõ ⁵ ⁴ o mesmo nome, isto he, o mesmo denominador, multiplicaremos em cruz o denominador do primeiro, pelo numerador do segundo; e o denominador do segundo, pelo numerador do primeiro; e o denominador do primeiro, pelo denominador do segundo; e fica feita a redução. Exemplo. Queremos o mesmo nome a $\frac{2}{5}$, e $\frac{3}{4}$ multiplico 5 por 3, o que faz 15, e 4 por 2, ⁵ e 4 faz 8, e 5 por 4 faz 20, e ficaõ os novos quebrados $\frac{6}{20}$, e $\frac{15}{20}$ tendo o mesmo nome, sendo ²⁰ ²⁰ iguaes $\frac{2}{5} \times \frac{3}{4}$ aos primeiros. Se for necessario reduzir mais quebrados ao mesmo nome, reduzidos os dous primeiros, se reduzirão successivamente os mais; seja hum 3º quebrado $\frac{2}{6}$, queremos reduzir a hum nome commum ⁶ com os dous já reduzidos, multiplicaremos os denominadores, 6, e 20, o que faz 120, e será o denominador commum, e multiplicando o numerador do primeiro, que he 8, por 6 denominador do 3º, dá 48, que

será o seu numerador, e multiplicando o numerador do 2º, que he 15, pelos mesmos 6, o producto 90 será numerador do segundo; e para numerador do 3º, será o producto do denominador da primeira redução, que he 20, pelo ultimo numerador 5, o que faz 100 numerador do 3º, como aqui se mostra.

Dar o valor a hum quebrado, ou reduzi-lo a termos conhecidos.

76. **F**Az-se, multiplicando sómente o numerador do quebrado dado, pelas partes menores da grandeza inteira, e dividir pelo denominador, e teremos achado, o que pretendiamos; como por exemplo, sejaõ $\frac{2}{3}$ de huma hora, e porque a hora tem 60 minutos, ³ multiplicaremos o numerador 2 por 60, e faz 120, que repartidos por 3 do denominador, sahe no quociente 40, que mostra, que os $\frac{2}{3}$ de huma hora, saõ 40 minutos.

77. Deve-se porèm advertir, que quando se multiplica o numerador, pelas partes do inteiro, e se divide pelo denominador, se a divisão não ajusta, e ha resto, he necessario continuar com partes mais miudas da grandeza inteira, até, que haja resto, cujas partes sejaõ já tão miudas, que se desprezem.

78. Queremos saber os $\frac{2}{3}$ de huma hora, multiplico 3, por 60, e ⁷ dividido o producto 180,

180, p
que ca
plico o
repartic
ficação a
60 terce
terceiro
dados,
dem de
saõ 25 m

P. 79. C
mos ter
R. Divi
pelo fer
tes saõ
brado 3
mayor 4
e os qu
do $\frac{2}{3}$,

P. 80. C
R. He E
vide o
de hum
mero 6
o num
P. 81. C
por out
R. Faci
quebraç

180, por 7, e me dá 25 minutos, e $\frac{5}{7}$, e porque cada minuto vale 60 segundos, ⁷ multiplico o numerador 5 por 60, e o product 300, repartidos por 7, dá 42 segundos, e porque ficaõ ainda $\frac{6}{7}$, multiplico o numerador 6, por 60 terceiros, ⁷ (porque cada segundo tem 60 terceiros) e produz 360 terceiros, que divididos, por 7, dá 51 terceiros, e $\frac{3}{7}$, que se podem desprezar; e assim os $\frac{3}{7}$ de ⁷ huma hora são 25 minutos, 42 segundos, ⁷ e 51 terceiros.

P. 79. Como se reduz hum quebrado, a mínimos termos?

R. Dividindo o numerador, e denominador, pelo seu mayor commum divisor, e os quocientes são o novo quebrado pedido: seja o quebrado $\frac{30}{48}$, dividindo 30, e 48, por 6, que he o mayor ⁴⁸ commum divisor destes dous numeros, e os quocientes 5, e 8, darão o novo quebrado $\frac{5}{8}$, e $\frac{30}{48}$ valem huma mesma cousa.

P. 80. Que he o mayor commum divisor?

R. He hum numero o mayor possível, que divide o numerador, e denominador justamente de hum quebrado, como no caso acima, o numero 6, que he o mayor numero, que divide o numerador 30, e o denominador 48.

P. 81. Como se divide hum numero pequeno, por outro mayor?

R. Facilmente, fazendo dos dous numeros hum quebrado, o menor será numerador, e o mayor

por o denominador, e ficará dividido, pois
leva o signal da divisaõ, que he a risquinha,
ou barra em os dous numeros.

82. Exemplo; supponhamos, que nos daõ a di-
vidir 2 por 5, pondo 2 por cima, e 5 por bai-
xo do signal da divisaõ, escreveremos $\frac{2}{5}$, e fi-
ca feita a divisaõ.

P. 83. Como se fomaõ, diminuem, multiplicaõ,
e repartem os quebrados?

R. Para se somarem os quebrados, he necessa-
rio reduzillos primeiro ao mesmo nome, e af-
sim dados os tres quebrados $\frac{2}{4}$, $\frac{5}{6}$, $\frac{1}{2}$, reduzi-
dos ao mesmo nome, saõ $\frac{3}{6}$ a-
vos, $\frac{5}{6}$ avos, e $\frac{3}{6}$ avos, e somã-se os tres numera-
dores, e faz $\frac{11}{6}$ avos igual aos 3 quebra-
dos $\frac{2}{4}$, $\frac{5}{6}$, e $\frac{1}{2}$, e estaõ somados.

84 Se for necessario somar numeros inteiros,
com quebrados, se devẽm reduzir os inteiros
ao mesmo nome dos quebrados; por exem-
plo, se for necessario somar 4 inteiros com $\frac{3}{4}$,
e mais $\frac{1}{2}$, fazendo de tudo huma lo-
ma, serã necessario reduzir 4, que he o nume-
ro dos inteiros, a especie do primeiro que-
brado $\frac{1}{2}$, multiplicando 4 por 2, e ajuntando-
lhe 3 do numerador, e faz $\frac{11}{2}$, e se somarãõ,
com os mais, como fica dito.

Diminuir

Diminuir

85.

Q

8, 3 ficaõ
e assim d
to he $\frac{5}{12}$

86.

Se fo
de hum
nome de
inteiros,
 $\frac{24}{4}$, e tir

Mult

87.

P

merador
88. Com

88.

plico 2
numeraõ
5, e faz
dor; e
 $\frac{3}{15}$ avos,

D

89.

E

nos que

Diminuir, ou tirar hum quebrado menor de outro mayor.

85. **Q**ueremos diminuir $\frac{1}{2}$ de $\frac{3}{4}$, reduzidos primeiro ao mesmo nome, serãõ os novos quebrados $\frac{3}{4}$, e $\frac{2}{4}$, e tirando de 8, 3 ficaõ 5, numerador¹² do¹² resto, que he $\frac{5}{4}$, e assim diremos, que tirando $\frac{1}{2}$ de $\frac{3}{4}$, o resto he $\frac{5}{4}$ avos.

86. Se for necessario diminuir hum quebrado de hum inteiro, deve o inteiro reduzir-se ao nome de quebrado; e assim, para tirar $\frac{3}{4}$ de 6 inteiros, reduziremos 6 inteiros a quartos, e faz $\frac{24}{4}$, e tirando $\frac{3}{4}$ de $\frac{24}{4}$, o resto he $\frac{21}{4}$.

Multiplicar hum quebrado por outro.

87. **P**ara multiplicar quebrados, não temos mais que multiplicar numerador por numerador, e denominador por denominador.

88. Como: quero multiplicar $\frac{4}{5}$ por $\frac{2}{3}$ multiplico 2 por 4, e faz 8, novo numerador, e multiplico 3, por 5, e faz 15, novo denominador; e será o novo producto $\frac{8}{15}$ avos, como se vê à margem.

Dividir hum quebrado por outro.

89. **E**M toda a divisaõ se busca, quantas vezes o divisor he conteudo no dividendo; nos quebrados he o mesmo.

Se

Se os quebrados tiverem diferentes nomes, se multiplicará o numerador do primeiro pelo denominador do segundo, e o producto será numerador do novo quebrado; e o numerador do segundo, pelo denominador do primeiro, e o producto será denominador: logo para dividir $\frac{3}{2}$ por $\frac{2}{5}$, e acharmos o quociente, multiplico 3 por 5 , que faz 15 , que será novo numerador; e 2 , por 2 , que faz 4 , que será novo denominador, e faz o novo quebrado $\frac{15}{4}$, o quociente de $\frac{3}{2}$ divididos por $\frac{2}{5}$.

90. Quando o numerador se pôde dividir ao justo, e também o denominador, he facil achar logo o quociente, por exemplo, quero dividir $\frac{6}{2}$ por $\frac{2}{5}$ dividindo 6 por 2 , dá 3 , novo numerador; e 2 por 5 , dá 4 novo denominador, e faz o quebrado $\frac{3}{4}$, e he o quociente da divisaõ.

91. Deve haver o cuidado de pôr á mão esquerda de quem escreve, o quebrado, que se ha de dividir, ao seu lado direito o quebrado divisor.

92. Quando houvermos de partir inteiro, e quebrado por inteiro sómente, ou vice versa: reduza-se o inteiro ao seu quebrado, e se faça a divisaõ, como acima.

93. Para repartir inteiros, e quebrados, por inteiros, e quebrados, se reduzirão os inteiros aos seus quebrados, e ficará tudo em quebrados, e se fará a divisaõ como acima; e daqui se tira o modo de partir o inteiro só, por quebrado, e

vif-

vice v

P. 94.

R. Re

sebul

razaõ

meiro.

P. 95.

R. Fac

M d

te, he o

S E 8 n

daraõ

3º, 12, 1

primeiro

o 4º term

houver s

termo, c

cando f

vididos,

assim. Se

em todas

com o uz

nc a

F

haver

vice versa, o quebrado por inteiro.

P. 94. Que he regra de Tres?

R. Regra de Tres, he huma operaçãõ, pela qual se busca hum quarto termo, que tenha a mesma razaõ, para o terceiro, que o segundo para o primeiro.

P. 95. Como se faz?

R. Facilmente sabendoa.

R E G R A.

Multiplique-se o segundo, pelo 3o, e o producto, se divida pelo primeiro, o quociente, he o quarto termo buscado.

O P E R A C , A M.

SE 8 moedas, palmos &c. medaõ 4, 12 quantas darãõ? Multiplicando o segundo termo 4 pelo 3o, 12, produz 48; este producto dividido, pelo primeiro termo 8, dá no quociente 6; e estes saõ o 4o termo desta fórma. Se 8 dà 4, :: 12 dà 6: se houver sobras no reparir, estas se juntarãõ ao 4o termo, como. Se 17 dà 6:: 13 que darãõ? Multiplicando o segundo termo 6, por 13, produz 78, e divididos, por 17, dá no quociente 4, e $\frac{10}{17}$; e fica assim. Se 17 dá 6, 13 dà 4, e $\frac{10}{17}$ avos; $\frac{10}{17}$ e assim em todas as mais. Esta doutrina¹⁷ se aprende melhor com o uzo, pratica, e exercicio.

FIM DA ARITHMETICA.

E

EXA-

Se os quebrados tiverem diferentes nomes, se multiplicará o numerador do primeiro pelo denominador do segundo, e o producto será numerador do novo quebrado; e o numerador do segundo, pelo denominador do primeiro, e o producto será denominador: logo para dividir $\frac{3}{2}$ por $\frac{2}{5}$, e acharmos o quociente, multiplico 3^5 por 6 , que faz 18, que será novo numerador; e 5 , por 2 , que faz 10, que será novo denominador, e faz o novo quebrado $\frac{18}{10}$, o quociente de $\frac{3}{2}$ divididos por $\frac{2}{5}$

90. Quando o numerador se pôde dividir ao justo, e também o denominador, he facil achar logo o quociente, por exemplo, quero dividir $\frac{6}{2}$ por $\frac{2}{5}$ dividindo 6 por 2 , dá 3 , novo numerador; e 5 por 2 , dá 4 novo denominador, e faz o quebrado $\frac{3}{4}$, e he o quociente da divisaõ.

91. Deve haver o cuidado de pôr á mão esquerda de quem escreve, o quebrado, que se ha de dividir, ao seu lado direito o quebrado divisor.

92. Quando houvermos de partir inteiro, e quebrado por inteiro sómente, ou vice versa: reduza-se o inteiro ao seu quebrado, e se faça a divisaõ, como acima.

93. Para repartir inteiros, e quebrados, por inteiros, e quebrados, se reduzirão os inteiros aos seus quebrados, e ficará tudo em quebrados, e se fará a divisaõ como acima; e daqui se tira o modo de partir o inteiro só, por quebrado, e

vif-

vice v

P. 94.

R. Re

sebul

razaõ

meiro.

P. 95.

R. Fac

M d

te, he o

S E 8 r

daraõ

3º, 12, 1

primeiro

o 4º term

houver s

termo, c

cando o f

vididos,

assim. Se

em todas

com o uz

vice versa, o quebrado por inteiro.

P. 94. Que he regra de Tres?

R. Regra de Tres, he huma operaçaõ, pela qual se busca hum quarto termo, que tenha a mesma ração, para o terceiro, que o segundo para o primeiro.

P. 95. Como se faz?

R. Facilmente sabendoa.

R E G R A.

Multiplique-se o segundo, pelo 3o, e o producto, se divida pelo primeiro, o quociente, he o quarto termo buscado.

O P E R A C , A M.

SE 8 moedas, palmos &c. medaõ 4, 12 quantas darão? Multiplicando o segundo termo 4 pelo 3o, 12, produz 48; este producto dividido, pelo primeiro termo 8, dá no quociente 6; e estes são o 4o termo desta fórma. Se 8 dà 4, :: 12 dà 6: se houver sobras no reparir, estas se juntaraõ ao 4o termo, como. Se 17 dà 6:: 13 que darã? Multiplicando o segundo termo 6, por 13, produz 78, e divididos, por 17, dá no quociente 4, e $\frac{10}{17}$; e fica assim. Se 17 dá 6, 13 dà 4, e $\frac{10}{17}$ avos; $\frac{10}{17}$ e assim em todas as mais. Esta doutrina¹⁷ se aprende melhor com o uzo, pratica, e exercicio.

FIM DA ARITHMETICA.

E

EXA.

...vice versa, o que se ha de por inteiro.
...Que no reger de Tress...
...Regra de Tress, ha duas operacoẽs, pela qual
...debuta hum parte termo, que se ha a restar
...tanto, para o crecio, que o legando para o qu-

...Como se faz...
...Facilmente sabendo...
...R. G. R. N. over...
...red rodivia...

Multiplicar-se o legando pelo 3o, eo pro-
...divida, se divide pelo primeiro, o quocien-
...he o quarto termo da lista.

O P E R A C O E S

Se 8 moedas, palmas &c. meoas, e 12 douras
...Multiplicando o legando termo, pelo
...isto produz 48, que se divide pelo
...primeiro termo 2, d'isto produz 24, e effeito
...o 2o termo da lista. Se 8 da 4, e 12 da 6, se
...houer sobras no reparar, estas se juntam ao 2o
...termo, como se 17 da 12, que da 5, multipli-
...cande o legando termo 6, por 12, produz 72, e di-
...vidido, por 12, da no quociente 6, e 12, e assim
...assim. Se 17 da 6, e 12 da 4, e 12 avos, e assim
...em todas as mais. Esta doutrina se capta de melhor
...com o uso, pratica, e exercicio.

FIM DA ARITHMETICA

EXV



...flore
...nimas
...zoz
...cu
...to

AR

T

C

P. 66.
R.

em qu
sem a
suas
76

Espe
de tu
he a c
çoens
hava
103



EXAME
DE
ARTILHEIROS.

TRATADO II.

DE
GEOMETRIA

P. 96.



U E hé Geometria.

R.

Geometria he huma sciencia, que trata da grandeza continua, em quanto he capaz de se aumentar, ou diminuir, sem attender á materia, a que se applica, nem ás suas qualidades.

97.

Esta se divide em especulativa, e pratica. Especulativa he a que mostra as propriedades de tudo, o que he commensuravel. A pratica he a que dá as regras com que dirige as operaçoens, para que sayão certas, e desta he que havemos de tratar sómente aquella parte, e operaçoens,

P. 103.

E ii

raçoens,

raçoens, que fervem para o nosso exame de Artilheiros.

P. 98. Qual he a origem da Geometria?

R. Sem duvida he taõ antiga, como o mundo; porém depois do deluvio singularmente floreceo na China, e nos Egeyptos, e os que mais excederaõ a todas as Naçoens foraõ os Gregos, delles colheo Euclides, pelos annos 313, ou 315, antes do nascimento de Christo Senhor N. principios, de que compoz os seus Elementos.

P. 99. Que he Ponto?

R. 100. Ponto he o que naõ tem partes.

Fig. 2a.

O ponto se suppoem, e considéra, como indivisível: Logo naõ tem partes, em que se possa dividir. Praticamente, he o final, que se poem com obico de huma penna, ou ponta de hum compasso como A.

P. 101. Que he linha?

R. Linha geralmente tomada, he hum comprimento sem largura, nem altura, como a linha A B, que sendo extensa de A para B, naõ tem largura.

P. 102. Como se chama ao principio, e fim de huma linha?

R. Chamaõ-se extremos.

P. 103.

P. 103.

R. Saõ

Fig.

P. 104.

R. Ha

vas l

nha o

&c.

P. 105.

R. Lin

posta

gura

A, e i

finalar

que os

breve

P. 106.

R. Fac

papel

huma

boa &

na, p

mover

penna

P. 107.

R. Cor

extrem

puchas

P. 103. Que são extremos de huma linha?

R. São pontos, como o ponto A, e o ponto B.

Figura 3^a.

Fig. 3^a.

P. 104. Logo ha varias especies de linhas?

R. Hà bastantes, como linha recta, linhas curvas linhas paralléllas, linha perpendicular linha obliqua, linha horizontal, linha circular, &c.

P. 105. Que he linha recta?

R. Linha recta, he aquella, que está igualmente posta entre os seus extremos, como A B, Figura 3^a. Isto quer dizer, que entre o principio A, e fim B, de huma linha recta, senão póde finaliar ponto algum mais alto, ou mais baixo, que os seus extremos, ou linha recta, he a mais breve distancia, que hà entre dous pontos.

Fig. 3^a.

P. 106. Como se faz praticamente?

R. Facilmente se deita huma linha recta sobre o papel, taboa &c. porque não hà mais, que pôr huma regua, bem galgada, sobre o papel, taboa &c. e com o compasso, tiralinhas, ou penna, posta em hum extremo da regua, se vay movendo, até o outro extremo, encostada a penna a hum lado da regua.

P. 107. E com hum cordel?

R. Com hum cordel, he fazelo fixo em hum extremo, e estendelo de fórma, que fique bem puchado, e direito.

P. 108.

me de

undo;
flore-
e mais
regos,
, ou
or N.
entos.

indi-
posta
poem
hum

mpri-
linha
ó tem

m de

103:

P. 108. Que he linha curva?

R. Linha curva he, a que em nenhuma parte está posta por direito, entre os seus extremos, como CD. Figura 4^a.

Fig. 4^a.

P. 109. Que he linha perpendicular?

R. Linha perpendicular, he huma linha recta que cahindo sobre outra, senão inclina, para nenhuma parte, como a linha BD, que cahe sobre a linha AC, e não se inclina, nem para C, nem para A. Figura 5^a.

Fig. 5^a.

P. 110. Como se deita huma perpendicular.

R. O deitar huma perpendicular a huma linha recta tem varios casos, como.

Se o ponto está na linha, se fará a operação seguinte: seja a linha recta AB, e o ponto nella C, do ponto C, para D, se tomem as distancias CD, CL, iguaes; e pondo o pé do compasso em D, se descreva o arco EF, e com esta mesma abertura, se ponha o compasso em L, e se descreva o arco FH, que se cruzará com EF em I: logo do ponto I, ao ponto C, se tire a recta IC, que será a perpendicular pedida: deve-se advertir, que a distancia, com que se descrevem os arcos, hade ser mayor que qualquer das distancias CD, ou CL, Figura

Fig. 6^a.

III. Se o ponto, que se dá na linha, estiver mais

mais c
mós a
compa
crever
tos E
circon
to C,
pendic
112. Se
mo A,
tancia
e pelo
que co
to D:
será a
113. Se
mais fa
ponto
dila pe
tro, e
cortará
ponto
dicula
114. Pe
ma lin
par, c
Seja
ponto
(mayo

mais chegado a hum extremo, como C, faremos a operação seguinte. Pondo hum pè do compasso em D, e com a distancia D.C, descreveremos o Semicirculo E C F, e dos pontos E e D tiraremos a recta E F, que cortará a circunferencia em F, logo do ponto F, ao ponto C, tiraremos a recta F C, que será a perpendicular pedida. Figura 7^a.

Fig. 7^a.

112. Se o ponto estiver no extremo da linha, como A, poremos o compasso em C, e com a distancia C A descreveremos a linha D A B, e pelos pontos B, e C, tiraremos a recta B D, que cortará a circunferencia em D; e do ponto D ao ponto A tiraremos a recta D A, que será a perpendicular pedida. Figura 8^a.

Fig. 8^a.

113. Se o ponto estiver fóra da linha, como E, o mais facil modo he, do tal ponto E, a qualquer ponto C da linha A B, tirar a recta E C, e dividila pelo meyo em D, e deste ponto, como centro, e distancia D C, descrever o arco F G que cortará A B, em F, logo do ponto E, ao ponto F se tire a recta E F, que será a perpendicular pedida. Figura 9^a.

Fig. 9^a.

114. Pela primeira operação se pôde dividir hum linha recta, em partes iguaes, no numero par, como em duas, em 4 &c.

Seja A B, que se quer dividir pelo meyo, do ponto B, com qualquer abertura do compasso (maior que ametade da linha) se descrevaõ

Fig. 10^a. Os arcos D E J L, e com esta mesma abertura posta no ponto A se descrevaõ os arcos F G, M N, que se cortarão em H, e O, e destes pontos se tire a recta H O, que dividirá pelo meyo em C, a recta A B. Figura 10^a.

115. Para dividir em 4. partes iguaes : sobre a metade A C, faremos a mesma operaçaõ, e assim continuando. Por estas mesmas operaçoẽs se faz hum angulo recto ; porque naõ ha mais, que deitar huma perpendicular no extremo de huma linha recta, e temos feito o angulo recto A F E. Figura 9^a.

Fig. 9^a.

P. 116. Que he linha obliqua?

R. He a que naõ cahe perpendicularmente, mas antes se inclina, para alguma parte, como a linha F E, que cahindo sobre G H, se inclina para H. Figura 11^a.

Fig. 11^a.

P. 117. Que saõ linhas parallélas?

R. Parallélas, saõ as linhas, que em todas as suas partes distaõ igualmente entre si, Como as linhas M N, O P, que, ainda que se produzaõ, já mais se poderaõ encontrar. Figura 12^a.

Fig. 12^a.

P. 118. Que he linha horizontal?

R. Linha horizontal, he huma linha recta, que passa pelos nossos pés, ou pela nossa vista, e he paralléla ao diametro do mundo, como a linha A B, que he parallelá ao diametro do mundo C D, Figura 13^a.

Fig. 13^a.

P. 119.

P. 119.
ou pel
R. Pass
do nos
nada,
em out
denive
deramo
achame
como,
pondo
o alvo,
zual, p
a dirigi

P. 120.
nivel ?
R. Ente
nhuma
e está ig

P. 121.
R. Geral
de duas
como A
de estar
mariaõ h
O ser
pende de
ou meno
ou meno
C, semp

P. 119. Como se entende passa pelos nossos pés, ou pela nossa vista?

R. Passa a linha horizontal pelos nossos pés, quando nos servimos della, para fazer huma explanação, ou leito; em que joga a Artelharia, ou em outra qualquer cousa, que queremos pôr denivel. Passa pela nossa vista, quando consideramos huma distancia da parte, donde nos achamos, á parte onde queremos medir; ou como, quando fazemos huma pontaria, que pondo o olho na joya da culatra, himos buscar o alvo, e neste caso se chama a esta linha visual, por sahir da nossa vista ao objeto, a que a dirigimos.

P. 120. Que se entende estar huma cousa denivel?

R. Entende-se estar de tal fórma, que em nenhuma das suas partes se levanta, ou a baixa, e está igual.

P. 121. Que he angulo plano?

R. Geralmente angulo plano, he a inclinação de duas linhas, que concorrem em hum ponto, como A B C Figura 14^a. Estas linhas não haõ de estar postas por direito; porque entaõ formariaõ huma linha recta.

O sér o angulo mayor, ou menor não depende de serem as linhas A B, e B C mayores, *Fig. 14^a.* ou menores, dependem sim de estarem mais, ou menos abertas de sorte, que o angulo A B C, sempre será o mesmo, ainda, que as li-

F

nhas

nhas B A, B C, se produzissem infinitamente. Qualquer angulo se nomeya, por tres letras, a que está no meyo, he sempre a que está no concurso das linhas, como a letra B; e se chama ponto angular, ou apice. As linhas A B, B C, se chamaõ lados do angulo.

P. 122. Que differenças hà de angulos?

R. O angulo, pela razaõ das linhas, que o fórmaõ se divide, em rectilinio, curvilinio, emistilinio, estes dous naõ nos pertencem.

P. 123. Que he angulo rectilinio?

Fig. 14^a.

R. Angulo rectilinio, he aquelle, que he formado de duas linhas rectas, como o angulo A B C, cujas linhas A B, B C, de que se fórma, saõ rectas. Figura 14^a.

P. 124. E pela razaõ de serem, ou naõ, inclinadas as linhas rectas, de que se fórma o angulo, naõ tem nenhuma differença?

Fig. 5^a.

R. Tem; porque ou saõ angulo recto, ou agudo, ou obruzo. De fórma, que quando huma linha recta cabe sobre outra, e senaõ inclina, para nenhuma parte, como a linha D B, que senaõ inclina, nem para A, nem para C, os angulos A B D, D B C, saõ chamados angulos rectos. Figura 5^a.

P. 125. Porèm quando a linha E F se inclinar mais, para huma parte, que para a outra, para aquella parte, que se inclinar, se chama angulo

lo ag
inclin
E F,
H, e
e o an
angul
obruz

P. 126.

igual,

R. De

iguaes

parar

aquel

que c

inclin

P. 127.

R. Me

P. 128.

R. Grã

cunfer

dividi

grand

na estas

partes

chama

em 60

e affin

divifa

lo agudo; e para a outra parte, para onde se não inclina se chama angulo obtuzo, como a linha E F, que cahindo sobre G H, se inclina, para H, e logo o angulo F E H he angulo agudo, e o angulo G E F, he angulo obtuzo; de forte que angulo agudo, he menor, que recto; e angulo obtuzo, he mayor que recto. Figura 11^a.

Fig. 11^a.

P. 126. E como se entende ser hum angulo igual, mayor, ou menor, que outro?

R. Desta fórma, todos os angulos rectos são iguaes, nos agudos, e obtuzos, quando compararmos dous angulos, hum com o outro, aquelle que tiver mais inclinação, he menor, que o que tem menos, e se ambos tem iguaes inclinaçoens são angulos iguaes.

P. 127. Como se medem os angulos?

R. Medem-se por grãos.

P. 128. Que são grãos?

R. Grãos são as partes, em que se divide a circumferencia de hum circulo. Os Mathematicos dividirão a circumferencia de hum circulo, seja grande, ou seja pequeno; em 360 partes iguaes; a estas he que chamaõ grãos; cada huma destas partes dividirão, em 60 partes iguaes; a estas chamaõ minutos; e cada hum destes minutos, em 60 partes iguaes; a estas chamaõ segundos, e assim foraõ continuando até terceiros &c. na divisaõ sexagenaria, isto he, de 60 em 60.

P. 129. Que he circulo?

R. Circulo he huma figura plana, terminada de huma só linha, que se chama circunferencia, ou periferia, distante igualmente, por todas as partes, de hum ponto, que tem no meyo; do qual todas as linhas rectas tiradas á circunferencia, são iguaes. Esta circunferencia, he a que os Mathematicos dividirão em grãos.

P. 130. Como se chama este ponto dentro do circulo?

R. O Ponto, que está dentro em hum circulo, e tiver a propriedade, de que todas as linhas rectas tiradas delle, e terminadas na circunferencia, forem iguaes, se chama centro: de sorte que centro he hum ponto dentro do circulo, do qual todas as linhas rectas tiradas a circunferencia, são iguaes. Todas estas linhas rectas tiradas do centro a circunferencia, se chamaõ radios, ou semidiametros.

P. 131. A linha recta, que passa pelo centro, e se termina, de huma, e outra parte, na circunferencia de hum circulo, como se chama?

R. Chama-se Diametro; de sorte que diametro de hum circulo, he huma linha recta, que passando pelo centro, se terminaõ os seus extremos na circunferencia; e tem a propriedade de dividir o circulo, e circunferencia, em duas partes iguaes.

P. 129.

P. 130.

P. 132.

P. 132.

R. C

P. 133.

R. Se

nada

renci

P. 134.

passa

na fu

metro

R. Na

que t

nor,

P. 135.

R. Fa

hum

pond

a circ

e a ca

A B,

ta do

meça

rencia

descri

136. C

E F I

C, o

espago

logo

P. 132. Como se chamaõ essas partes?

R. Chamaõ-se semicirculos.

P. 133. Que he semicirculo?

R. Semicirculo, he huma figura plana, terminada pelo diametro, e ametade da circumferencia de hum circulo.

P. 134. E outra qualquer linha recta, que não passe pelo centro de hum circulo, e se termine na sua circumferencia, chama-se tambem diametro?

R. Não, chama-se corda, e he huma linha recta, que termina qualquer porção de circulo, menor, ou mayor, que semicirculo.

P. 135. Como se faz hum circulo?

R. Facilmente; porque não ha mais, que abrir hum compasso na distancia que quizermos, e pondo huma ponta fixa com a outra descrever a circumferencia, começando em hum ponto, e acabando no mesmo ponto; como: seja o radio AB , a abertura do compasso, e pondo a ponta do compasso A , fixa, com a outra EB , começando em B , levã descrevendo a circumferencia BCD , até acabar em B , e temos descripto o circulo. Figura 15^a.

Fig. 15^a.

136. O espaço fechado dentro da linha AGB e EFD , se chama circulo. Os espaços AGB e C , ou $AFBC$, se chamaõ semicirculos. O espaço GCB , ou GCA , he quadrante, ou

Fig. 16^a.

quar-

quarta parte de hum circulo. Figura 16.

137. E a linha $ADFEBG$, se chama circunferencia, ou periferia. O ponto C , se chama centro; a recta AB se chama diametro, as rectas CA , ou CB , se chamaõ radios; a recta DE , se chama corda, ou do arco $DAGBE$, ou do arco DFE .

138. Bem se vê, que tendo a circunferencia 360 grãos, terá o semicirculo 180, e o quarto de circulo 90, e o angulo de 90 grãos, he recto; de mais de 90 grãos, he obtuzo; e de menos de 90, he agudo.

139. Pelo modo de descrever huma circunferencia, se deita huma recta paralléla a outra; seja a recta AB , e o ponto por donde se lhe quer deitar a paralléla seja C ; deste ponto C , como centro, se descreva a porção de circunferencia F , de sorte que toque AB : logo passando a ponta do compasso para E , e com a mesma abertura se descreva o arco D , e pelo ponto C , e o mais alto ponto da circunferencia D , se tire a recta CD , que será paralléla a AB . Figura 17^a.

Fig. 17^a.

140. Depois de sabido, o que são grãos, he facil saber medir os angulos; porque supponhamos o angulo BAC , que queremos medir, não temos mais, que pôr a ponta do compasso em A , com qualquer abertura descrever o arco BC , que se corte com o lado AC , em C ; logo

logo v
esses m
tiver 9
angulo

P. 141.

gulo ig

R. Póde

AC ,

igual;

compa

mos o

cia, ou

ta em l

tancia

remos-

chegar

tire a r

F , igu

142. Pe

outro f

seja a r

deitar

ponto

e do p

arco E

E , se o

los por

paralle

logo vendo o arco B C, quantos grãos tem, *Fig. 18^a.*
 esses mesmos são a medida do angulo; como se
 tiver 90 grãos, será recto, se 32, grãos, será
 angulo de 32 grãos &c. Figura 18^a.

P. 141. Por este modo pôde-se fazer hum an-
 gulo igual a outro?

R. Pôde, com bem facilidade: seja o angulo B
 A C, o dado; e lhe queremos fazer outro seu
 igual; lancemos a recta D E, e pondo o pé do *Fig. 19^a.*
 compasso em A, e distancia A B, descreverem-
 os o arco B C, logo com esta mesma distan-
 cia, ou abertura do compasso, pondo huma pon-
 ta em D, faremos o arco E F, e tomando a dis-
 tancia B C, entre as pontas do compasso, avi-
 remos pôr no arco E F, começando em E, que
 chegará até F, logo pelos pontos D, e F, se
 tire a recta D F, e ficará feito o angulo E D
 F, igual ao angulo B A C. Figura 19^a.

142. Por este modo de fazer hum angulo igual a
 outro se podem deitar linhas parallélas; como,
 seja a recta A B, e do ponto E, se lhe quer
 deitar huma paralléla: do ponto E, a qualquer *Fig. 20^o.*
 ponto da linha A B, seja C, se tire a recta E C,
 e do ponto C, e distancia C E, se descreva o
 arco E D, e com a mesma abertura do ponto
 E, se descreva o arco C F, igual a E D, e pe-
 los pontos F, e E se tire a recta G H, que será
 paralléla a A B. Figura 20^a.

P. 143. Como se divide hum angulo pelo meyo:

R. Facilmente, porque he quasi a mesma operaçao do dividir huma linha recta pelo meyo: e seja o angulo $A B C$, que se quer dividir pelo meyo; do ponto B , como centro, e distancia $B A$, se descreva o arco $A C$: logo pondo o pé do compasso em C , se descreva o arco $F G$, e com esta mesma abertura do compasso, pondo o pé em A , se descreva o arco $D E$, que se cortará com $F G$, em H , e do ponto H , ao ponto B , se tire a recta $B H$, e esta dividirá o arco $A C$, ou o angulo $A B C$, em duas partes iguaes; o arco $A C$, em I , e o angulo $A B C$, em os dous $A B H$, $H B C$. Figura 21.

Fig. 21^a.

P. 144. E como se divide hum angulo recto em 90 grãos?

R. Com esta operaçao: seja o angulo recto $A B C$, que se quer dividir em 90 partes iguaes, ou grãos: Do ponto B , como centro, e a distancia $B A$, se descreva a linha $C A$, logo com o compasso assim aberto se ponha em A , e se note na linha aonde chega, que será D , e dividindo o arco $D A$, em duas partes iguaes em E , temos já o angulo recto dividido em 3 partes iguaes, que são $A E$, $E D$, $D C$, cada huma de 30 grãos; porque a 4^a. parte tem 90.

Fig. 22^a.

145. Logo pela operaçao a cima, se dividão os arcos $A E$, $E D$, $D C$ pelo meyo em F , e cada arco $A F$, $F E$, $E F$, $F D$, $D F$, $F C$, valerá 15 grãos, e dividindo cada hum dos arcos

cos A
co par
nicame
mos a
e divid
tes igu
dividio

P. 146.
huma t
R. Pód
quadra
que a e
dra; n
Suriret
primei
lharia.

147. E
de cob
linhas
O O,
va a p
quaes
ficient
lada)
dula d
para ll
os grã

148. T
bre, c
gãdu

cos AF, FE, EF, FD, DF, FC , em cinco partes iguaes (esta divisaõ hade ser mecanicamente, apalpando com o compasso) teremos a linha AC , dividida em 30 partes iguaes, e dividindo cada huma destas partes em 3 partes iguaes, teremos a dita circunferencia AC , dividida em 90 partes iguaes, ou grãos.

P. 146. Logo por este modo se pôde graduar huma esquadra?

R. Pôde, e aqui ensinaremos a fazer a nova esquadra, que sigo, por lhe achar mais utilidade, que a esquadra ordinaria: chamo-lhe nova esquadra; não porque seja invenção minha, pois atraz Surirey Bion; mas porque neste Reyno será a primeira vez, que se aplique ás peças de Artilharia, para lhe dar elevação. *Fig. 23^a.* Figura 23^a.

147. Este instrumento he feito de huma chapa de cobre de quatro polegadas de alto, e tres linhas de grosso, e na tal chapa se deite a recta OO , e do ponto O , como centro, se descreva a porção de circulo OA , de 45 grãos, nas quaes se divide (este numero de grãos, he sufficiente para dar elevação á peça de toda abollada) e no centro O , se lhe poem huma pendula do mesmo cobre, por meyo de hũ parafuzo, para lhe dar hum movimento livre, conforme os grãos, que se quizerem dar de elevação.

148. Tem este instrumento seu pé do mesmo cobre, com huma volta capaz de se pôr, ou nas faxas,

G

faxas, ou no collo, ou lizo do fogaõ das peças, e de tal forte, que está este instrumento perpendicular ao horizonte, quando a ponta da pendula $O O$, cahe justamente no ponto O , sobre a recta $O B$, que he tambem perpendicular á baze do tal $C D$.

149. O seu uso he facilissimo; porque não há mais, que pôr o pé deste instrumento sobre qualquer faxa, collo, ou lizo do fogaõ da peça, a que se quer dar a elevação, de tal forte, que a pendula dará os grãos, que se buscaõ, de forte que sendo os tiros por baixo do horizonte, a porção de circulo se hade pôr, para a boca da peça; e sendo o tiro por cima do horizonte a porção de circulo, hade estar, para acullatra da peça: e sendo a alma da peça parallelá ao horizonte, não importa, que a porção de circulo esteja, ou para a boca, ou para acullatra; o que he necessario, he sómente, que a pendula caya com a sua ponta na linha recta $O O$, perpendicular á baze do tal instrumento, nos grãos, que quizermos.

P. 150. Que he figura?

R. Figura he huma quantidade terminada de hum, ou de muitos termos, de hum termo só, he o circulo, e outras figuras curvilineas.

P. 151. Que he termo?

R. Termo he o extremo de huma quantidade, como na linha, são pontos; na superficie, são linhas;

linhas;

P. 152.

R. He h

da de tre

do estas

se cham

equilater

como o

$B, B C$

P. 153.

R. Facili

se quer b

a distan

descreva

distancia

creva o

em F, I

se tirem

ngulo equ

mao lado

B, C

P. 154.

R. Facili

tro do c

latero fi

e com a

radio do

creva o

em D, E

pontos D, E

linhas; nos solidos são planos.

P. 152. Que he triangulo rectilineo?

R. He huma figura comprehendida, e terminada de tres linhas rectas, como a figura 24. Quando estas tres linhas rectas são iguaes, o triangulo se chama equilatero, de sorte que triangulo equilatero he o que tem tres lados iguaes, como o triangulo $A B C$, em que os lados $A B$, $B C$, $C A$, são iguaes. Figura 24^a.

P. 153. Como se faz?

R. Facilmente: seja a recta $D E$, sobre a qual se quer fazer hum triangulo equilatero, com a distancia $D E$, fazendo centro em D , se descreva o arco $I L$; e logo com a mesma distancia $D E$, fazendo centro em E , se descreva o arco $G H$, que se cortará com $I L$ em F , logo do ponto F , aos pontos D , e E se tirem as rectas $F D$, $F E$, e fica feito o triangulo equilatero, em que o lado $D E$, he igual ao lado $D F$, e $D F$, igual a $F E$. Fig. 25^a.

P. 154. E como se faz dentro de hum circulo?

R. Facilmente: seja o circulo $A D B E$, dentro do qual se quer fazer hum triangulo equilatero figura 26. Lance-se o diametro $A B$, e com a distancia $C A$, (semidiametro, ou radio do circulo) sendo centro em A , se descreva o arco $D C E$, que cortará o circulo em D , e E , e se tire a recta $D E$, logo dos pontos D , e E , se tirem as rectas $D B$, $E B$,

ao extremo do diametro B; e fica feito o triangulo equilatero D B E.

Fig. 27^a 155. Quando se não lance o diametro A B, se faz a mesma operaçã, para descrever o arco D C E, logo tomando a distancia D E, e entre as pontas do compasso, sendo centro em D, se corte na circunferencia o ponto B, e do tal ponto B, aos extremos D, e E, se tirem as rectas B D, B E, e fica feito o triangulo equilatero.

Fig. 27^a 156. Esta operaçã serve para dar o vento as balas como veremos adiante. Quando o triangulo tem dous lados iguaes, e hum desigual, se chama o tal triangulo, isosceles.

Fig. 27^a P. 157. Como se faz? R. Facilmente: seja a recta A B, figura 27^a. Sobre a qual queremos fazer o triangulo Isosceles, com qualquer abertura de compasso mayor, que ametade da recta A B, fazendo centro em A, se descreva o arco G H, e com esta mesma abertura, fazendo centro em B, se descreva o arco E F, que se cortará, com G H, em D, logo do ponto D, aos pontos A, e B, se tirem as rectas D A, D B, e fica feito o triangulo Isosceles. Serve para fazer hum nivel.

Fig. 27^a P. 158. Como se faz hum nivel? R. Facilmente: porque feito o triangulo Isosceles, A B A, lhe lançaremos as parallélas G F, G F,

G F
fura
fanc
sta
ma l
vel,
nas,
mey
mos
159.
mais
deni
justa
zerm
porè
para
daren
plum
o por
160. F
latero
nume
P. 161.
R. Aff
se que
mos q
vontad
&c. e
triangu
P. 161.

G F, para pernas denivel, da largura, e grossura, que quizermos; logo tomaremos as distancias G H, G H, iguaes, e tiraremos a recta H H, e logo a sua parallelá I I, da mesma largura, e grossura das pernas do dito nivel, esta travessa ferá embebida nas ditas pernas, e dividindo a dita traveça H H, pelo meyo em L, e pondo hum plumo em B, temos feito onivel. Figura 28^a.

Fig. 28^a.

159. O seu uso, he facilissimo, porque não há mais, que pôlo sobre o que quizermos pôr denivel, e todas as vezes, que o plumo tocar justamente o ponto L, está sobre que o puzermos paralleló ao horizonte, e denivel; porém quando o tal plumo se chegar mais, para huma perna, do que para a outra, mandaremos levantar daquella parte, para onde o plumo se chega, até que o tal plumo toque o ponto L.

160. Por este modo de fazer o triangulo equilatero, se pôde dividir huma linha recta no numero das partes iguaes, que quizermos.

P. 161. E como?

R. Assim: seja a recta A B, figura 29^a, que se quer dividir, em 10 partes iguaes; tomaremos qualquer recta C D, e a dividiremos à vontade nas mesmas 10 partes. Como 1, 2, 3, 4, &c. e sobre a mesma recta C D, faremos o triangulo equilatero C D G, logo tomando

Fig. 29^a.

a re-

Fig. 29^a.

a recta dada AB , entre as pontas do compasso, e a poremos do ponto G , atè E , e do mesmo ponto G , atè F , e tiraremos a recta EF , e do ponto G , pelas divisoens 1, 2, 3, 4, tiraremos as rectas $G1$, $G2$, $G3$, que dividirão a mesma recta EF , em 10 partes iguaes, como se pedia.

162. O mesmo he, para qualquer numero de partes, em dividindo primeiramente a recta CD , nas partes, que se quizerem; porém he mais justa praticamente a operaçã, quando a linha dada AB , e a supposta CD , não são muito desiguaes.

P. 163. Que he parallelogramo rectangulo?

R. Parallelogramo rectangulo, ou simplesmente rectangulo, he huma figura de quatro lados, cada dous oppostos, iguaes, e os quatro angulos rectos; como na figura 30^a. $ABCD$, da qual os lados AB , e DC , são iguaes, e os lados AD , BC , são iguaes; porque são oppostos, AD , oppostas a BC , e AB , opposto a DC , e os quatro angulos DAB , BCD , CDA , DAB . São rectos.

164. He necessario, que esta figura tenha, ou o lado AD , mayor que AB , ou póde ser AB , mayor que AD , mas ordinariamente sempre AB , ou BC , he mayor que AD .

P. 165.
R. Fa
F, C
gulo.
se po
mo A
à men
porta
creve
ponta
remos
remos
do po
rarem
o para

166. P
las : f
remos

167. D
recta A
C (qu
levant
A B;
cta A l

168. Po
para fa
ção se j
libra d
A F,

P. 165. Como se faz?

R.: Facilmente: sejaõ dadas as duas rectas E

F, G H, das quaes se quer fazer hum rectan-

gulo. Tire-se a recta A B indefinita, e nella

se ponha A B, igual à mayor E F, no extre-

mo A, se levante a perpendicular A D, igual

à menor G H; logo tomando A D, entre as

portas do compasso, a poremos em B, e des-

creveremos o arco C, e tomando entre as

pontas do mesmo compasso a recta A B a po-

remos em D, e com a outra ponta descreve-

remos o arco C, que se cruzaraõ em C; logo

do ponto C, ao ponto D, e ao ponto B, ti-

raremos as rectas C D, C B, e temos feito

o parallélogramo, ou rectangulo. Figura 30^a.

Fig. 30^a.

166. Por este modo se podem deitar parallé-

las: seja a recta B C, e do ponto A lhe que-

remos deitar A D, lva paralléla. Figura 31^a.

Fig. 31^a.

167. Do ponto A, sobre B C, deitaremos a

recta A B, perpendicular a B C, e do ponto

C (quanto mais distante do ponto B melhor)

levantaremos a perpendicular C D, igual a

A B, e pelos pontos A, e D, tiraremos a re-

cta A D, que será a paralléla pedida.

168. Por esta mesma praxe se faz hum Petipé

para facilmente graduar o calibre, e a opera-

ção seja A C, figura 32^a, o diametro de huma

libra de balla, que se accomode sobre a recta

A F, v. g. quatro vezes, como A C, C D,

D E,

Fig. 32^a.

DE, EF, de cujos pontos se levantem as perpendiculares AG, CH, DI, EL, FM, iguaes cada huma à recta AC, e se feche o rectangulo AGMF: divida-se AG, FM, em dez partes iguaes, de cujos pontos se tirem as rectas 1 1, 2 2, 3 3, 4 4, &c. as distancias AC, GH, se dividão tambem em outras dez partes iguaes, cada huma, como 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9; e se lhe tirem as transversaes como mostra a figura, e temos o diametro de huma libra de balla AC, dividido em cem partes iguaes, e a toda AF em quatrocentas, de fórma que C 10, vale 10 partes, 9 O, vale 9 partes, 8 P, vale 8 partes, 7 Q, vale 7; e assim a que se segue vale 6, 5, 4, 3, 2, 1.

Fig. 32a.

169. O seu uso he facil, em sabendo que cada parte AC, CD, DE, EF, vale cem; as partes C 10, vale dez; 9 O, vale nove; 8 P, vale oito; 7 Q, vale sete; e as que se seguem valem 6, 5, 4, 3, 2, 1, &c. Para tomar cem partes não há mais que tomar entre as pontas do compasso qualquer das linhas HG ou IH &c. Para tomar cento e vinte poremos o pé do compasso em I, e chegaremos atè o numero 20, da parte G, e o mesmo para cento e trinta, 140, &c. Para duzentas poremos o pé do compasso em L, e chegaremos atè H, para 30, poremos o pé do compasso em H e chegaremos atè 30 na linha GM, e assim das mais: para tomarmos 124, como IH vale cem, poremos o pé do compasso na perpendicular ID, numero 4, e

o abrindo
na para
170. Pa
ponta d
mero 6
numero
mo he p
vale tar
e pond
EL, n
numero
ra as m
o pé do
naliza
eu tom
pé do c
mero 1
léla 4,
pedem
171. Pa
mero 9
ro que
tilheiro
tos cali

E c
da Ge
lheiro.

FIM

o abriremos até a transversal do numero 20, na parallela 4, 4, 4, e temos 124 partes.

170. Para 156, como H I vale cem porem a ponta do compasso na perpendicular D I, numero 6, e o abriremos até chegar á transversal numero 50, e temos as partes pedidas. O mesmo he para 239, como H I vale cem, e I L vale tambem cem, logo H L vale duzentas, e pondo o pé do compasso na perpendicular E L, numero 9, o abriremos até a transversal numero 30, e temos 239 partes. O mesmo para as mais partes; porém sempre devemos pôr o pé do compasso naquella numero, em que finaliza o numero de partes, que querem que eu tome; como na conta acima 156, pondô o pé do compasso na parallela 6, 6; para o numero 124, ponho o pé do compasso na parallela 4, 4, 4; porque acaba o numero, que me pedem em 4.

171. Para 239, ponho o pé do compasso no numero 9, da parallela 9, 9, 9; porque o numero que me pedem acaba em 9. Fazendo o Artilheiro uso deste petipè, pode graduar quantos calibres quizer.

E com esta operação damos fim ao Tratado da Geometria, proprio a hum pratico Artilheiro.

FIM DO SEGUNDO TRATADO.

H

EXA,

o abricamos até a transversal do numero 20
na paralela 4, 4, 4, e temos 12 partes
170. Para 120, como H I vale com partes a
parte do compallo na perpendicular D I, nu-
mero 6, e o abricamos até chegar a transversal
numero 20, e temos as partes pedidas. O mes-
mo he para 250, como H I vale com 6 I I
vale cada m com, logo H I vale duas
partes e se do compallo na perpendicular
E I, numero 6, o abricamos até a transversal
numero 30, e temos 12 partes. O mesmo he
ra as mais partes, porque sempre devemos por
o pé do compallo o mesmo numero, em que si-
nifica o numero de partes, que guiza a
cazome, como na conta acima 120, sendo
o pé do compallo na paralela 6, de parte a nu-
mero 12, logo o pé do compallo na paral-
lela 4, 4, 4, porque assim e numero, que me-
tem em 4.
171. Para 250, sendo o pé do compallo no nu-
mero 6 da paralela 6, 6, 6, porque o nume-
ro que me pedem acima em o. Fazendo o ab-
ricamos até a parte, que se pedem qua-
rta partes dize.

E com esta operacão damos fim ao Tratado
da Geometria, proprio a esta parte Ar-
itmetica.

FIN DO SEGUNDO TRATADO.

4

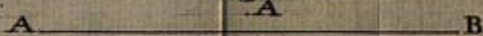
A

20

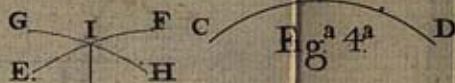
Fig^a 1^a

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

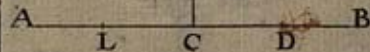
Fig^a 2^a



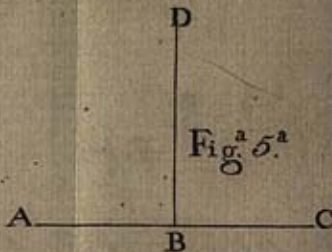
Fig^a 3^a

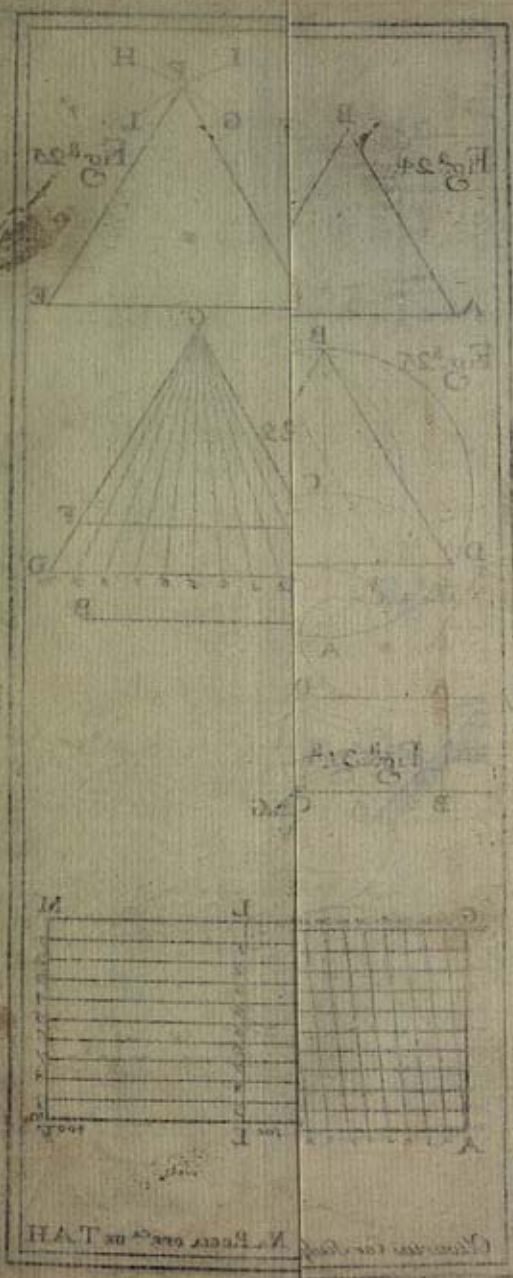


Fig^a 6^a



Fig^a 5^a





H
A
T
 R.
 jo
fe
to
 473.
el
 P.
R.
 171



EXAME DE ARTILHEIROS.

TRATADO III. D A ARTILHARIA.

P. 172.



Ue he Artilheiro?

R.

Artilheiro he hum soldado destre, e experimentado no manejo da artilharia, que actualmente se occupa no seu ministerio, observando as regras, e preceitos da arte.

173.

O Artilheiro deve saber absolutamente ler, escrever, e contar muito bem.

P. 174.

Que he Artilharia?

R.

Artilharia, he a arte, que com varias regras,

H u

e

e preceitos, emfina o methodo de usar bem dos instrumentos de fogo, e fabricalos, como são peças, morteiros, petardos, e tudo o que lhes pertence.

P. 175. Que he peça de Artilharia?

Fig. 8.

R. Peça de Artilharia he hum instrumento, ou boca de fogo, comprido, e concavo, por dentro, em forma redonda, feito de ferro, ou de bronze, com o qual por meyo da polvora, se arrojão ballas, bombas, e granadas. Fig. 8.

176. Pela palavra Artilharia, se entende toda a sorte de peças, toda a sorte de armas, todas as ferramentas, e petrechos, que podem servir na guerra, ou nos ataques das Praças, e sua defença, ou nas batalhas do mar, ou da terra.

P. 177. Que he bronze?

R. Bronze, he a mistura de cobre com o estanho derretidos, e se dão a doze libras de estanho cem libras de bom cobre.

P. 178. De que instrumentos necessita o Artífice?

R. De muitos, como são: hum estojo, em que traga cinco agulhas de ferro, e huma de latão, de palmo, e meyo atè dous palmos de comprido, e huma linha, ou linha e meya de grosso.

179. Huma agulha hade ser esquadrada, de-
quinas vivas até altura de meyo palmo, co-
meçado a contar da sua ponta, para cima, a
que chamaõ diamante. Fig. 1.

180. Serve para abrir o fogaõ nas peças de
bronze, quando a polvora está endurecida
nelle.

181. Outra agulha hade ser rodonda, e aguda,
que serve para escorvar a peça, e romper o
cartuxo. Figura 2.

182. Outra em fôrma de goyva, que tem na
ponta huma verruma. Fig. 3.

183. Serve para tirar a polvora do ouvido,
quando está molhada, ou endurecida, ou
outra qualquer cousa.

184. Outra de ponta chata, em fôrma de for-
maõ, figura 4. Serve para limpar o ouvido
do salitre, ou enxofre, que se lhe tenha pe-
gado, ou outra qualquer cousa. Fig. 4.

185. Outra com a ponta virada em esquadria,
ou angulo recto, em fôrma de gravato, figu-
ra 5. Serve para tomar as grossuras dos me-
taes: a esta agulha chamaõ saca-metal, ou
agulha de gravato.

186. Ou-

Fig. 6.

186. Outra que tem na ponta duas ou tres farpas, a que chamaõ saca-filaça, figura 6, serve para tirar alguma cousa, que estiver dentro do ouvido da peça.

187. A ultima de lataõ; feita como a primeira, que serve, para elcorvar as peças de ferro, e juntamente, para ver com ella se está a polvora foqueteada, como convem: a esta chamaõ tambem diamante.

188. Hum nivel, que serve, para marcar os pontos das joyas das peças, buscar o vivo, nivelar huma plataforma, ou hum terreno, que he o mesmo, que pôr hum terreno de sorte, que não desça nem suba.

189. Hum calibre, que tenha gravado o peso das ballas de ferro, e chumbo (não he necessario ter gravado o peso das ballas de pedra, porque não usamos dellas) tem ordinariamente de comprido nove, dez, ou doze polegadas, e duas, ou tres linhas de grosso, e o mesmo de largo; tem tambem gravado hum palmo craveiro, com suas polegadas, e linhas. Serve para buscar as ballas proprias a cada peça, e juntamente saber qualquer peça que balda joga.

Fig. 22.c
22. A.

190. Hum instrumento chamado nova esquadra para dar elevaçõ ás peças, figura 22, e figura 22. A da Geometria,

Huma regoa, hum tira-linhas, huma pedra de riscar, hum lapis, que servem para riscar côcharras, dar vento às ballas, fabricar hum calibre, cortar hum reparo, &c. hum compasso de pontas curvas, que serve para tomar as grossuras das peças, e o diametro das ballas, dos soquetes &c. Figura 7.

191. Hum furador, ou agulha para cozer cartuxos.

192. Huma tizoura para cortar os cartuxos em pãno, papel, ou pergaminho &c.

193. Huma romana pequena, para pesar a polvora, ou balla em caso de ter alguma duvida na carga das peças.

194. Humas passadeiras de latao, ou madeira, que servem para conhecer as ballas de que ca-
libres são figura 42 e 43.

Fig. 42, e
43.

195. Hum polvarinho, que leve duas ou tres libras de polvra fina, para escorvar as peças.

196. Hum fuzil; huma varruma, huma serra, huma machadinha, humas tenazes, hum martelo, huma enchó, alguns formoens, para o que poder succeder a huma catreta, hum facão, que serve para cortar hum cabo, huma bera aperfeicoar hum espeque, huma haste, que se quizer encavar em hum soquete, côcharras,

ra, ou lanada.
 197. As agulhas, só a facametal, e a da ver-
 ruma, e os diamantes, o calibre, e a esquadra
 são os mais percifos, com que o Artilheiro de-
 ve sempre andar em huma bateria.

P. 198. De que partes consta huma peça de
 Artilharia?

R. De muitas; mas as mais usuaes são, cascavel, que he aquella parte da peça ordinariamente do feitio de huma esfera, balla, ou pomo, guarnecido nas peças de bronze de fofhagens, e nas mesmas peças em lugar de esfera, ou pomo, se lhe poem hum golfinho, ou serpente; e he a parte onde a peça tem seu principio, começado a contar onde o Artilheiro se poem para lhe dar fogo.

P. 199. Qual he a outra parte.

R. A culatra, que he a parte mais grossa que tem huma peça, que comprehende o fogaão, faicha alta da culatra, e cascavel.

P. 200. Que he faicha alta da culatra?

R. He huma moldura chata, que cinge a mesma culatra.

P. 201. Que he fogaão, ou ouvido?

R. He hum furo proximo da culatra, por onde a peça se escorva, para se lhe dar fogo: deve ter quatro linhas de diametro. Al-

gun

guns enfeitão este fogaõ com huma cocha.

P. 202. A moldura, que está por diante do fogaõ, como se chama?

R. Chama-se bocel, que consta de hum cordão, e dous filetes.

P. 203. De que servem?

R. Servem para ornato, e para cobrir as desigualdades do metal; para isto mesmo servem quaesquer molduras, que se achão em huma peça.

P. 204. Que he lizo do fogaõ?

R. Lizo do fogaõ he aquella parte, que está entre a moldura da culatra, e o seu bocel.

P. 205. Que são munhoens?

R. Munhoens são humas pequenas porçoens de metal, redondas sahidas para fóra nos lados das peças, e lhe servem como de eixo.

P. 206. De que servem?

R. Para sustentar as peças nas suas carretas, e para as mover, ou levantando-as de joya, ou abaixando-as de culatra; para sustentar o repuxo que faz a mesma peça, quando se dispõe para.

P. 207. Que são golfinhos?

R. Golfinhos, ou Delfins são duas azas, que se poem sobre o segundo reforço.

P. 208. De que servem?

R. Servem para por elles se suspender a peça quando se hade montar, ou desmontar da lida carreta, e para pegarem os espeques, ou cordas, para se mover, e mais facilmente partatar a cocharra, lanada, foquete, facatrapo, &c.

Representaõ figuras de delfins, serpentes, e outros animaes.

P. 209. As peças de ferro tem delfins?

R. Naõ; porque quebrariaõ logo.

P. 210. Que he Bollada de huma peça?

R. Bollada de huma peça, he aquella parte, que vay dos munhoens até a boca. As vezes se diz atirar huma bollada por atirar hum tiro, e atirar de toda abollada he dar á peça elevaçãõ de quarenta e cinco grãos.

P. 211. Que he bocal da peça?

R. Bocal da peça he aquella porçãõ de metal mais levantada, que circunda a boca da peça, com sua guarniçãõ, que se chama paramento, ou moldura do bocal.

Tambem esta parte se chama joya.

P. 212. Que he garganta da peça?

R. Garganta, lizo da garganta, collo, ou collarinho (tudo val o mesmo) de huma peça, he a parte mais delgada da peça, entre o bocal, e o bocel do bocal.

P. 213. Que he alma da peça? *Em P. 213.*

R. Alma, caña, ou ouço da peça; he o vaõ, ou vazio concavo; que vay deíde a boca até o fogaõ.

214. Este vaõ deve ser muito igual, limpo; lizo, e seguido, sem mamillos, escarvalhos, ou brocas, bem situado no meyo dos metaes da peça.

P. 215. Que são mamillos, brocas, e escarvalhos?

R. Brocas são humas cavidades, que se achão no metal da peça, ou por dentro da sua alma, ou por fóra; e sendo fundas he a peça falta de metal.

216. Os escarvalhos, ou brocas, que estão na camera da peça (ou lugar da polvorá) e junto a ella, e na bollada, são os mais perigosos.

217. Mamillos são humas verrugas do mesmo metal, que se achão por dentro, ou por fóra da peça.

P. 218. Não hà diferença entre broca, e escarvalho?

R. Há; e he que a broca he funda, e o escarvalho he largo, e pouco fundo; quando os escarvalhos são pouco fundos, não fazem a peça falta de metal, e por consequencia não tem a tal peça perjuiço algum.

P. 219. Em que partes se divide huma peça?

R. Em tres, que são os tres reforços. O primeiro reforço, he desde a faixa alta da culatra até a moldura de trás dos munhoens, e he a parte mais grossa de huma peça; porque recebe o primeiro impulso da polvora inflamada. O segundo reforço, he desta moldura até a moldura a diante dos munhoens.

220. Este segundo reforço, como ainda sofre grande violencia da polvora inflamada (porém não tanto como no primeiro reforço) por isso he mais delgado, que o primeiro.

221. O terceiro reforço he da moldura a diante dos munhoens, até abolada, ou bocal.

222. Este terceiro reforço he mais delgado, que o segundo, porque não serve mais que de dilatar por algum tempo a inflamação da polvora, a fim de dar á balla mayor impulso.

P. 223. Tomara ver notadas todas estas partes em huma peça?

R. Facilmente se faz: as peças de bronze tem as partes seguintes. Fig. 8.

Fig. 8.

- A. Culatra, com seu caleavel, ou golfinho.
- B. Faixa alta da culatra.
- C. Moldura da espalda.
- E. Fogaõ, ou ouvido com sua concha.
- D. Lizo do fogaõ.

G.

- G. Bocel do fogaõ.
 H. Primeiro reforço.
 I. Moldura do primeiro reforço.
 L. Segundo reforço.
 M. Golfinhos.
 N. Munhoens.
 O. Moldura do segundo reforço.
 P. Lizo da moldura do segundo reforço.
 Q. Bocel do segundo reforço.
 R. Bollada.
 S. Bocel da bollada.
 T. Lizo, colo, gargauta, ou colarinho da bolada.
 V. Bocal da peça.
 X. Bocadura, ou boca da peça.

224. As peças de ferro tem as mesmas partes, e tanto nas peças de bronze, como nas de ferro, quando tem cascavel, aquella distancia, que há do cascavel á moldura da espalda, se chama collo, ou garganta do cascavel; porem quando as peças tem golfinho na moldura da espalda não tem collo.

P. 225. Como conheceremos a bondade do ferro, e do bronze?

R. Facilmente: com huma talhadeira se cortará da peça huma pequena porção, em parte que lhe não faça defeito (como no cascavel, ou munhaõ) e se o ferro for ríspido, de sorte, que hindo-se cortando, salte, he mão ferro, e frangivel, porém se for dócil, e fizer correa, he bom.

226. Seja qual for a bondade do ferro, sempre nos devemos acautelar delle na carga da polvora.
227. O conhecimento do bronze, he da mesma maneira, e sendo rispido haja cautella como nas peças de mão ferro, porque he signal, ou de muito estanho, ou de mão cobre, ou do metal recozido.

P. 228. Para que fim se fundiraõ as peças da Artilharia?

R. Para dous.

P. 229. Quaes são?

R. S.õ; o primeiro para conquistar praças batendo-as, e abrindo-lhes brecha, ou para as defender, contrabatendo as batarias do inimigo.

O segundo para as batalhas do mar, ou da terra.

P. 230. Logo ha diferentes especies de peças de artilharia?

R. Há.

P. 231. Quaes são?

R. São peças de 48 libras de balla, de 36, de 33, de 24, de 16, de 12, de 8, de 4, de 1, e de $\frac{1}{2}$ libra, e das entremedias.

P. 232.

P. 232. Logo conforme as ballas, que jogaõ, rem diferentes usos?

R. Tem.

P. 233. Quaes saõ?

R. Saõ as peças de 48, de 36, de 33, de 24, até 16 libras de balla: servem para bater as praças, abrir brechas, e para das praças contrabater as batarias do inimigo.

234. Sendo que o mais ordinario nas batarias de terra, saõ peças de 24, libras de balla, e estas saõ propriamente chamadas peças de bater.

235. As peças que jogaõ 8, ou 4 libras de balla, servem para atirar ás tropas inimigas, arruinar as pontes, romper esquadroens, impedir a construcção dos ataques, arruinar as galarias na passagem do fosso, porque saõ faceis de se mover, gastaõ menos polvora, occupaõ menos gente no seu serviço, e para estas operaçoens valem muito mais, que huma peça de grande calibre, porque se podem amiudar os tiros.

236. Estas peças saõ chamadas peças de campanha, e ainda que algumas saõ de 12 libras de balla, naõ saõ as melhores por serem pezadas.

237. E para acompanhar hum Regimento na marcha, atacar hum quartel, impedir, ou fazer hum desembarque, saõ peças de 4, libras até $\frac{1}{4}$, ou 4 onças de pezo.

P. 238.

P. 238. Todas tem o mesmo comprimento?

R. Não; porque as peças de bater tem de 13 até 15 palmos de comprido.

239. As peças de campanha, tem de 12 até 15 palmos de comprido, as que tem de 13 até 15 palmos, são para laborarem por canhoneiras.

240. As peças de Regimento, ou para atacar hum quartel, impedir, ou fazer hum desembarque, jogaõ ballas de 4 libras, 2, 1, $\frac{1}{2}$, e ás vezes jogaõ quatro onças, basta que ² tenhaõ de comprido de 6 até 10 palmos e $\frac{1}{2}$.

P. 241. Logo já conheço, para as funções militares de que peças meheide servir?

R. Logo; porque não tenho mais, que ver se he para abrir brecha, ou contrabater, para isto usarey das peças, que jogaõ de 36, até 16 libras de balla, e que tenhaõ de comprido de 13 até 15 palmos.

242. Se he sómente, para acampanha, e não para jogar por canhoneiras, levarey peças de 8, até 4 libras de balla, e que tenhaõ 12 palmos de comprido, $13\frac{1}{2}$, 14, e 15, jogando por canhoneiras.

243. Se he para acompanhar infantaria, ou cavallaria, impedir, ou fazer hum desembarque, levarey peças, que joguem até 4 libras de balla, e de 6 até 10 palmos, e $\frac{1}{2}$ de comprido.

P. 244

P. 244. Não podem ser mais curtas as peças de bater?

R. Não, porque se as peças, que jogão de 16 até 25 libras de balla, tiverem o comprimento de 12 palmos, e 6 polegadas, não fervem, e senão deve usar dellas, não só no mar, mas nem ainda em terra; porque são curtas, e trazem tanta quantidade de fumo às praças de armas dos Navios, que não deicha laborar com ellas, e sahem tão pouco fóra das portinhollas, que queimão as inçarcias, e costados.

245. E nas praças, arruinão as canhoneiras, e parapeitos, e em baterias da campanha, arruinão os cestoens; razão porque não presta para semelhantes operaçoens.

P. 246. No mar, usaõ-se as mesmas peças?

R. No que respeita as ballas, que jogão, estaõ encluhidas nas acima ditas, porèm ordinariamente são de sete calibres diferentes: como de 36, de 33, de 24, de 18, de 12, de 8, e de 4 libras de balla, sendo peças de bronze; que sendo de ferro, como são mais pesadas, são de 18, de 12, até 4 libras de balla.

247. Estas peças devem ser mais reforçadas, que as peças de terra; porque se carregão com ballas enramadas, palanquetas &c. de fórma, que recebem mais peso de balla, do que, o que justamente lhe toca, e as grossuras dos metaes nas peças commuas lhe não podem resistir.

K

P. 248.

P. 248. Sey já o como me heide servir das peças da artilharia, quanto aos seus comprimentos, e ballas, que jogaão; porém não quanto á sua grossura?

R. He muito necessario saber as grossuras dos metaes das peças; porque a humas chamaõ commuas, a outras singellas, e a outras reforçadas.

249. As peças de brônze commuas tem de grosso de metal à roda do lizo do fogaão hum diametro da sua boca; outro do fogaão á culatra, diante dos munhoens tem de grosso de metal tres quartos do mesmo diametro, e no lizo do bocal tem de grosso tres oitavos do mesmo diametro.

250. Ou o diametro do lizo do fogaão, são tres diametros da boca da peça; adiante dos munhoens dous e meyo; e o diametro no lizo do bocal he hum diametro, e tres quartos da boca da peça.

251. Ou tem nove diametros e meyo escaços da sua boca, à roda do lizo do fogaão; diante dos munhoens, tem oito diametros escaços; e na bolada cinco e meyo.

252. As peças de ferro tem diferente grossura; porque peças commuas de ferro, tem de grosso de seu metal, no lizo do fogaão hum diametro, e hum sexto do mesmo diametro; o mesmo diametro, e hum sexto, tem do fogaão à culatra.

253. Adiante dos munhoens, tem de grosso de metal cinco sextos do diametro da boca da peça; e no lizo do bocal tem meyo diametro da mesma boca. Ou o diametro do lizo do fogaõ tem tres diametros, e hum terço da boca da peça; diante dos munhoens, dous diametros, e dous terços; e no lizo do bocal, dous diametros.

254. Ou tem dez diametros, e meyo, escaços de sua boca á roda do lizo do fogaõ; adiante dos munhoens, oito diametros, e hum terço, esforçados; e no lizo do bocal, seis diametros, e hum terço escaços.

255. Todas as peças, que tiverem mais, que estas grossuras são reforçadas, e tendo menos são singellas.

P. 256. Como se tomaõ estas grossuras de metal?

R. Facilmente, figura 9; porque com hum compasso de pontas curvas, se abraçe, a peça no lizo do fogaõ, e setraga o compasso assim aberto, e se ponha sobre a linha recta A B, que será o diametro do lizo do fogaõ. *Fig. 9.*

257. Tornando com o mesmo compasso adiante dos munhoens, lhe tomaremos o seu diametro, e o poremos em outra linha recta H F, e tomando finalmente o diametro no lizo do bocal, o poremos na recta I L.

Logo tomando a bocadura da peça, como A C, veremos, se A C, cabe tres vezes justamente em A B, diametro do fogaõ? Se na linha H F, diametro diante dos munhoens, cabe duas vezes e meya; se na linha I L, diametro no lizo do bocal, cabe huma vez e tres quartos, temos acerteza, que a tal peça, sendo debronze, he commua, e se a bocadura exceder as medidas a cima, he a peça reforçada, e se for diminuta he a peça talta de metal.

258. Bem se vê, que tirando aos diametros acima, o diametro da bocadura A C, ficaõ no lizo do fogaõ dous diametros C D, D B hum para cada parte, e he a grossura do metal.

Tirando do diametro diante dos munhoens H F, o diametro da bocadura H G, fica G E F, hum diametro e meyo, e a sua ametade, são tres quartos para cada parte, ou ametade de G F, e he a grossura do metal.

Tirando do diametro do lizo do bocal I L, o diametro da bocadura I M, resta M L, de tres quartos, cuja ametade de M L, he a grossura do metal, que são tres oitavos.

259. A mesma operação se faça nas peças de ferro, e se se achar, que no lizo do fogaõ tem tres diametros, e hum terço da sua bocadura; diante dos munhoens dous diametros, e dous terços, e no lizo do bocal dous diametros da sua bocadura, estamos certos, que he peça com-

mua, e se acharmos mais, reforçada, se menos, fingella.

260. E bem se vê, que tirando de tres diâmetros, e hum terço, hum diâmetro da bocadura, ficaõ no lizo do fogaõ dous diâmetros, e hum terço, cuja ametade, he hum diâmetro, e hum sexto, grossura de metal à roda da sua alma.

Tirando de dous diâmetros, e dous terços, hum diâmetro da bocadura, resta hum diâmetro, e dous terços, cuja ametade he o meyo diâmetro, grossura de metal á roda da sua alma.

261. Ou, figura 10. se o diâmetro AB da culatra, se dividir pelo meyo em C , e com a distancia AC , descrevermos acircunferencia ALB , denota a grossura da peça no lizo do fogaõ; semelhantemente, se o diâmetro DE , diante dos munhoens, se dividir pelo meyo em C , e com a distancia CD , se descrevera circunferencia DME , denota a grossura da peça diante dos munhoens. *Fig. 10.*

Se o diâmetro FG , do lizo do bocal se dividir pelo meyo em C , e com a distancia CF , se descrever acircunferencia FNG , esta será a grossura da peça no collo, ou lizo do bocal.

E se o diâmetro da bocadura HI , se dividir pelo meyo em C , e com a distancia HC , se descrever acircunferencia HOI , tere-

mos

mos a bocadura.

Claramente se vê, que HA, ou IB, sua igual he a grossura de metal no lizo do fogaõ; HD, ou IE, he a grossura do metal diante dos munhoens; HF, ou IG he a grossura de metal no lizo do bocal; e HI, he a bocadura.

262. Ou se com hum cordel, ou fita de pergaminho, abraçarmos a peça, no lizo do fogaõ, e este comprimento tiver nove diâmetros e meyo escaços da bocadura; diante dos munhoens, oito diâmetros da bocadura escaços, e na bolada, cinco diâmetros e meyo escaços da sua bocadura, he peça commua, tendo mais he reforçada, e tendo menos he singella, sendo peça de bronze; que sendo de ferro, terá o cordel no lizo do fogaõ dez diâmetros e meyo escaços da sua bocadura, diante dos munhoens, oito diâmetros, e hum terço avantajado da sua bocadura; no lizo do bocal, terá seis diâmetros, e hum terço escaços; tendo mais he reforçada, e tendo menos he singella.

P. 263. Dillemos, que a agulha de gravato, ou faca-metal, servia para tomar a grossura do metal, tomara ver essa operação?

R. A operação se faz, metendo a agulha de gravato, pelo ouvido a baixo, até topar no fundo da alma, bem aplumo, e posta nesta situação com huma faca se faça hum sinal rente do metal da peça, na haste da agulha.

264. Logo puchando a agulha para cima (tambem aplumo) até que o gravatillo chegue ao metal superior da alma da peça se fará outro final na mesma haste, rente tambem ao metal.

265. Logo a distancia entre estes dous sinaes, com a grossura do gravato, he o diametro da alma da peça, e o restante até a superficie superior do gravatillo, he a grossura do metal, que se averiguará, como temos dito.

266. Poderá succeder, que este diametro da alma da peça, seja alguma cousa menor, que a bocadura; quando esta diminuição for pouca, he defeito da peça, e a alma será seguida; porque muitas vezes succede alargar-se a boca da peça, ou com a continuação de repetidos tiros, ou de quando a broquearão.

267. He imperfeitissima esta operação; porém haverá caso, em que seja necessaria, e para que o Artilheiro saiba fugir, ou emmendar os defeitos, aqui os repito.

I.

268. Ser o ouvido da peça enviezado, ou largo.

II.

269. Não cahir o gravato aplumo, e bem perpendicular sobre a superficie inferior da alma da peça.

III.

III.

270. Ter a peça algum esgarvalho, ou broca naquella parte, em que cahe a agulha, que tal vez a faça passar mais abaixo da alma.

IV.

271. Não estar o gravato em esquadria com a agulha.

V.

272. Muitas vezes em razão da concha do ouvido, se lhe não pôde fazer o sinal rente do metal.

VI.

273. Que pelo beneficio desta agulha, só se pôde conhecer (ainda sendo muito exacta a operação) a grossura do metal no lizo do fogão, e não nos munhoens, e lizo do bocal.

274. Estes são os defeitos, as suas emendas ficando no bom juizo prudencial do Artilheiro.

P. 275. Para que serve este conhecimento?

R. Serve para estarmos certos, que quando as peças são faltas de metal, lhe havemos de dar menos polvora, e menos balla.

276. Sendo as peças commuas, as carregaremos com a sua carga ordinaria, e sendo reforçadas, poderemos dar-lhe mayor peso de balla.

P. 277. E que resulta em lhe darmos mais polvora, e menos balla?

R. Re-

R. Resulta o arrebentarem as peças, e he perjuizo ao real serviço, que isto succeda, por ignorancia de quem as maneja: nas peças commuas, e reforçadas, he tambem perjuizo o dar-se-lhe mais polvora; porque a não queimaõ, e he gasto inutil.

P. 278. Porque são as peças mais grossas na culatra, e bocal?

R. Porque sofrem mayor força de polvora inflamada; e no bocal; porque o chõfre da balla contra o ar o quebraria facilmente, senão fosse grosso.

P. 279. Reparo, que as peças pequenas, são proporcionalmente mais compridas, e mais ricas de metal, do que as peças de grande calibre?

R. Assim o tem feito a necessidade; porque devem ser mais compridas, para não ficarem dentro das rodas das carretas, e são mais grossas, porque são mais proprias, e acomodadas para atirarem à infantaria, e cavallaria.

280. Este uso he mais continuo, do que com as peças grandes; razão porque lhe he necessária mayor grossura proporcionalmente, que às outras, e ainda em lugar de balla mestra se cargaõ com ballas de chumbo, que pesão mais, que a dita balla mestra.

P. 281. Tenho sabido o para que servem as peças compridas, curtas, singellas, reforçadas, e commuas; faltame saber agora com quanta polvora as devo carregar?

R. Facilissimamente; porque todas as peças de bater, e as de campanha de doze palmos de comprido para baixo, se carregão com ametade do peso de sua balla de ferro.

282. Todas as peças de campanha de doze palmos de comprido para cima, e as peças de regimento, e todas as de quinze até vinte e dous palmos, e mais de comprido, que jogarem de doze até vinte e cinco libras de balla de ferro, carregão pelos dous terços do seu peso.

283. De forte que ás peças compridas, e de pequeno calibre, se lhe deve dar mais polvora na sua carga, para acompanhar a balla até a boca da peça; e nas peças de grande calibre, ametade do peso da sua balla de ferro, he boa carga; porque sendo mais, não ha metal que lhe resista, e todo o segredo da Artelharia consiste, em peso, e medida; peso na polvora, e balla; e medida no comprimento das peças. Para a carga das salvas, não temos ordem, nem regra; porém a quarta parte do peso da balla, me parece bem para o real serviço.

P. 284. Tenho visto por quanto se carregão as peças, vejamos agora como se carregão?

R. Ou

R. Ou com cocharra, ou com cárucho, ou com saquinho.

P. 285. Que he cocharra?

R. Cocharra he hum instrumento de cobre em fórma de colher, comprida, e redonda, pregada sobre huma mássa de madeira, que se chama feminella, e montada em sua haste, que serve para levar a carga de polvora dentro á camera da peça; e descarregala, tirando-lhe a balla, e polvora. Figura II.

P. 286. Como se corta huma cocharra?

R. Facilmente; mas primeiro he necessario saber, que há cocharras, que leuão de huma só vez a polvora necessaria, outras leuão a polvora necessaria, por duas vezes.

P. 287. Quaes são as que leuão a polvora necessaria de huma só vez?

R. São as cocharras para peças de duas libras de balla, carregando pela ametade do peso de sua balla de ferro, e as cocharras para as peças de quatro libras, carregando pelos dous terços, de huma só vez.

P. 288. Em todos os mais calibres, queremos que as peças se carreguem por duas vezes, com a carga que lhe toca, que he o mesmo, que a cocharra se corte para levar por duas vezes a polvora necessaria.

P. 289. Em as cocharras há também regras gó-
raes?

R. Há.

P. 290. Quaes são?

R. São.

I.

Que em todas as cocharras, o comprimen-
to da manga são tres diâmetros da balla, a sua
largura, he igual ao semidiâmetro da mesma
balla.

II.

291. Que as porçoens de circulo nos lados das
cocharras, tem de semidiâmetro hum terço do
diâmetro da balla: servem para fortificar as
ditas cocharras.

III.

292. Que todas as cocharras acabaõ em semi-
circulo, cujo semidiâmetro he igual ao diâme-
tro da balla dada: esta he huma porção, que
se lhe ajunta, para ajudar a sustentar a polvo-
ra, e não tem nada com a medida da cochar-
ra.

IV.

293. Que todas as cocharras, haõ de ser rom-
bas na ponta, o que se faz cortando-lhe huma pe-
quena porção de cobre, e serve para melhor
chegar á culatra da peça, e largar a polvora;
e para

e para não se revirar o cobre.

V.

294. Que todas as cocharras tenham de largo dous diametros da balla mestra, ou balla dada.

VI.

295. Que todas as cocharras haão de ser pregadas com vinte pregos de cobre postos, como mostra a figura 15. e nunca com pregos de ferro; para o que se divide o comprimento *Fig. 15.* da manga em seis partes iguaes, deixando primeiramente margens da parte de fóra.

P. 296. Sey já as regras geraes, vamos agora ao comprimento das cocharras?

R. Para carregar por igual, com todo o peso da balla, tem a cocharra de comprido, na linha do meyo, sete diametros da balla, e huma quinta parte do mesmo diametro; e nas linhas dos lados, seis diametros da balla, e huma quinta parte do mesmo diametro.

297. Para carregar pela metade do peso da balla de huma só vez, he o comprimento da cocharra na linha do meyo, quatro diametros da balla, e huma decima parte do mesmo diametro, e nas linhas dos lados, tres diametros e huma decima parte do mesmo diametro.

298. Para carregar pela metade do peso da balla com duas cocharradas, he o comprimento da cocharra na linha do meyo, dous diametros da balla, e onze vinte avos, do mesmo diametro; ou dous diametros e meyo esforçados; e na linha dos lados, hum diametro, e onze vinte avos, ou hum diametro e meyo esforçado.
299. Para carregar pelos dous terços, com hum só cocharrada de polvora, terá de comprido a cocharra, na linha do meyo, cinco diametros da balla, e dous quinze avos, do mesmo diametro, ou hum setimo escaço; e nas linhas dos lados, em cada hum, terá de comprido quatro diametros da balla, e dous quinze avos do mesmo diametro, ou hum setimo escaço.
300. Para carregar pelos dous terços do peso da balla, com duas cocharradas de polvora, terá de comprido a cocharra, na linha do meyo, tres diametros da balla, e hum quinze avos do mesmo diametro; e nas linhas dos lados, em cada hum, dous diametros da balla, e hum quinze avos do mesmo diametro.
- P. 301. Reparo, que o corte destas cocharras, he para peça commua, e não temos até agora falado em peça falta de metal?
- R. Assim he; porém o corte da cocharra para peça commua, he a norma para nos guiarmos nas

nas peças faltas de metal.

P. 302. E como nos havemos de haver nas peças faltas de metal?

R. Bem : conhecendo a falta de metal, que partes, ou parte he do diametro da boca da peça, e essas mesmas partes, ou parte descontaremos do comprimento da cocharra, da parte da feminella como.

Supponhamos huma peça falta de metal no lizo do fogaõ (o mesmo se entende nas mais parres) por huma certa quantidade, e averiguada esta falta, que parte he do diametro da boca da peça, acharemos, por exemplo, hum oitavo; logo dividindo o comprimento da cocharra, nas linhas dos lados, em oito partes iguaes, huma dellas se descontará ao comprimento da cocharra, da parte da feminella, fazendo huma rodellafinha, cujo diametro seja igual ao da feminella, e a sua altura igual á falta, que achei, como neste, a hum oitavo do comprimento da dita cocharra, e ajustada a rodellafinha à feminella, temos tirada a polvora necessaria à peça falta de metal.

P. 303. Se huma peça for falta de metal por fóra, e por dentro, como me heide haver?

R. Bellamente : somaremos as duas faltas de metal exterior, e interior, e tanta quanta for diminuiremos ao comprimento da cocharra, como por exemplo: supponhamos, que achei huma peça falta de metal, pelo seu exterior, em hum quinto do diametro da boca da peça, e pelo

pelo interior, em outro quinto: logo somaremos estas duas faltas (e mais se as houver) e fazê dous quintos; dividindo o comprimento da cocharra, nos lados, em cinco partes iguaes, deixarei duas da parte da feminella, e encherei de polvora sómente as tres partes, que restaõ, e temos achada a polvora necessãria, para carregaremelhante peça.

P. 304. Quando a peça for falta de metal por escaravilhada que remedio tem?

R. Bom, e hê que: ou as peças são escravilhadas por dentro, ou por fóra, ou por dentro, e por fóra, juntamente. Sendo as peças reforçadas, e os escravelhos, ou escravelho, tiver de fundo, o que a peça tem de reforço carregaremos a tal peça, como commua; porém se o escravelhos, ou escravelho for mayor, que o grosso do reforço da peça, a differença, que houver, entre o reforço da peça, e o fundo do escravelho, averiguada, que parte he do diametro da boca da peça, a quantidade que acharmos, essa mesma havemos de descontar á cocharra, ou ao peso da polvora; e se houver muitos escravelhos, se tomará a altura do mais fundo, e se verá que parte he do diametro da boca da peça, e o que acharmos diminuiremos da carga da tal peça, com as circunstancias acima.

305. Se houver muitas brócas, ou rejeitaremos a peça, sem reparo, ou quando não tivermos mais

mais remedio, que usar della, tomaremos o dobro da altura da mais funda broca, e vendo que parte he do diametro da boca da peça, essa mesma quantidade descontaremos á carga da polvora.

P. 306. Porque havemos de tomar o dobro da altura da mais funda broca?

R. Porque se a peça se broqueasse novamente, para lhe gastar estas faltas lhe tiravamos todo este metal, e por consequencia hera a peça igualmente falta á roda da sua alma, pela mesma quantidade do dobro da mais funda broca.

P. 307. Se huma balla inimiga nos partir huma peça dos munhoens para abollada, não nos poderemos servir della?

R. Podemos; mas he diminuindo-lhe a carga da polvora: como a huma peça de quatro, que tem nove palmos de comprido, e se lhe cortaraõ dous, para aballada: logo dividindo o comprimento da cocharra da peça, no numero de partes, que a peça tem de palmos de comprido, e descontando tantas partes á cocharra, quantos palmos se lhe cortaraõ, as que restaõ são as partes, que devo encher de polvora, para carregar a tal peça partida; como neste caso: dividindo o comprimento da cocharra em nove partes iguaes; porque a peça tem nove palmos de comprido, e destas nove partes tirar duas; porque á peça se cortaraõ dous palmos, as sete que restaõ na cocharra se haõ de encher

encher de polvora para carregar a tal peça;

P. 308. Se tivermos duas peças huma liza, outra escravalhada, ou broqueada na sua alma, e tivermos juntamente duas polvoras huma boa, outra má, como nos haveremos?

R. Bem; porque com a polvora boa, carregaremos a peça escravalhada, e com a má, carregaremos a peça liza; se fizermos o contrario pomonos no evidente perigo de alguma desgraça, queimando-se o Artilheiro, por tal vez ter ficado na peça alguma faísca de fogo da polvora má.

P. 309. Como se vem os escravelhos, e mamillos dentro em huma peça?

R. Facilmente; porque sendo dia de Sol, se fará a operação a tempo, que o Sol não esteja muito elevado sobre o horizonte, virando a boca da peça ao Sol, de sorte, que os seus rayos lhe entrem dentro, e se possa ver a sua alma, se he liza, escravalhada, ou tem mamillos.

310. Ou com hum espelho se faz virando a culatra da peça ao Sol, e com o espelho se lhe recebaõ os rayos, e se encaminhem com o mesmo espelho pela reflexõ á alma da peça, e teremos o desejado.

311. Ou com humas candehinhas acezas, e postas na ponta de huma haste, que se vá metendo pela alma da peça se vê o mesmo, só com esta differença, que nas peças de pequeno calibre, e

com-

compridas não servem as candehinhas de nada; porque o mesmo fumo as apaga.

P. 312. Como se tomaõ, e conhecem os escravinhos?

R. Facilmente, pondo na ponta do tenteador, ou buscavida, huma pequena de cera branda (abrandá-se em agua quente) e se encofte á cavidade moderadamente, e nella virá estampada sua figura, e profundidade; e juntamente se pôde ver, a que parte da peça corresponde: achão-se os escravinhos, hindo tenteando a peça com o busca-vida, até topar com elles.

P. 313. Que he busca-vida, ou tenteador?

R. He hum instrumento de ferro, em forma de facho, e a ponta aguda, e virada em esquadria, ou angulo recto. *Fig. 12.*

P. 314. Como se conhece se a peça tem a sua alma bem no meyo de seus metaes, que he o mesmo, que ver se huma peça he ladeada?

R. Bem; mas primeiro he necessario saber, que cousa he ladeamento: ladeamento he quando a alma da peça não está bem situada no meyo de seu metal, mas antes se inclina mais a huma parte, do que a outra.

Para conhecermos o ladeamento faremos o seguinte instrumento. Seja, figura 13. hum troço de madeira, em forma redonda, feito ao torno, cuja grossura seja justa com a boca da peça (val o mesmo, que o seu diametro seja *Fig. 13.*

igual ao diametro da boca da peça) e tão comprido, que chegando ao fundo da alma da peça sobejem quatro, ou cinco palmos, como BC ; no extremo C , se lhe ponha a esquadria a travessa DE , bem galgada, e embebida a meya madeira; e logo se lhe ponha outra travessa FG , da mesma sorte que a primeira, e ficarão FG , e DE , parallélas, e as distancias BF , BG , CD , CE , iguaes, e pelos extremos D , F , E , G , se lhe ponhão as duas reguas, bem galgadas, DI , EH , do mesmo comprimento do mi troço de madeira, nas travessas FG , DE , de sorte que siquem parallélas; e as distancias FI e BH , se dividaõ em hum certo numero de partes iguaes, dez, ou vinte partes, de tal sorte, que as que tiver a regua FI , hade ter a regua BH , iguaes humas às outras.

315. Ufo deste instrumento. Fig. 14.

Posta a alma da peça paralléla ao horizonte, se lhe aplique o instrumento, metendo-lhe pela alma o troço AC , até chegar ao seu fundo: logo as reguas DI , EH , mostraõ as distancias IL , HM , QP , ON , RS , TV , que medindo-as com hum compasso, se acharmos IL , igual a HM , QP , igual a ON , e RS , igual a TV , depois de termos dado volta a toda a peça, podemos ficar certos, que a tal peça tem a sua alma bem no meyo dos seus metaes; porèm se acharmos (quando o instrumento se move à roda) IL , mayor que MH , e TV ,

Fig. 14.

hugi

ii M

e TV,

e $T V$, mayor que $R S$, será final evidente, que a alma da peça tanto no lugar do fogaõ, como no lizo do bocal, não está bem no meyo de seus metaes, mas sim arrimada para a regua $D I$; e se a $I L$ ajuntarmos o semidiametro $L A$, e a $T V$, o semidiametro $V X$, e resultarem iguaes distancias, he certo, que a alma da peça ainda que ladeada para $D I$, sempre he parallela ao eicho da mesma peça.

E senão forem estas distancias iguaes, para aquella parte, onde se arrimar mais, e em que resultar menor soma, he o ladeamento, cuja quantidade he a differença das duas somas $I A$, $X T$.

E se movendo à roda o instrumento, as distancias $I L$, $H M$, forem iguaes, e a distancia $T V$, por exemplo, se achar mayor, que $R S$, a alma da peça estará bem situada, no lugar do fogaõ, mas na boca estará desviada para a regua $E H$, tanta quantidade, quanto for o excesso, ou differença de $R S$, a $T V$, e ao contrário, se a desigualdade for nas distancias $I L$, $H M$, de forte, que $I L$ seja mayor, que $H M$, estará a alma da peça bem situada na boca, e ladeada na culatra, para a regua $E H$; e será tanto o seu ladeamento, quanto for a differença entre $I L$, e $H M$.

E ultimamente, se $I L$, se achar mayor que $H M$, e $R S$, mayor que $T V$, estará o ladeamento no ouvido, para a parte da regua $I D$, e no bocal, para a regua $E H$.

316. Estará o ladeamento para aquella parte, para onde se achar menor distancia, cuja quantidade em qualquer das ditas distancias, terá igual à differença das ditas distancias.
317. Prefiro este novo modo de reconhecer o ladeamento de huma peça, a todos os que tenho lido, e visto; porque não tem os defeitos, que se achão nos modos, que os Autores apontaõ, usando das suas invençoens; e para ver huma peça se he, ou não capaz para o real serviço, he este instrumento de muito pouca despezas, e de pouco trabalho nas operaçoens.
318. As utilidades, que lhe acho, são, que além de descobrir o ladeamento, tambem mostra, se a alma da peça está torcida; porque logo o troço de madeira não pôde entrar pela alma da peça: tambem mostra logo, se o fogo está no fundo da alma, merendq-lhe o diamante pelo ouvido, e finalizar no dito instrumento hum ponto; porque senão vier o tal ponto justamente no extremo do troço de madeira, temos final certo, que o fogo he mais dianteiro, e senão vier final nenhum, he o fogo trazeiro.
319. Tambem se conhece, se a peça está desbocada; porque se o tal instrumento ajustar na alma da peça, e estiver folgado na boca, bem se vê, que está a tal peça desbocada.
320. A mim me parece, que o unico defeito de

arte, e
uan-
lerã
er o
e te-
defei-
tores
para
ra o
pou-
oens.

re instrumento he o ser necessario para cada
peça hum; porém o remedio he facil; por-
que em lugar de ser o troço de madeira redon-
do, pôde ser esquadrejado de quinas vivas, e
fazer para cada peça rodellafinhas, cujos dia-
metros sejaõ iguaes ao diametro da boca da pe-
ça, e a sua grossura igual ao mesmo diametro,
e furadas no meyo com seu buraco quadrado,
e meter tres, ou quatro notal instrumento, que
farã o mesmo effeito, como se fosse tudo re-
dondo. As rodellafinhas se vem feitas de pon-
tinhos applicadas ao mesmo instrumento.

321. Se o Artilheiro laborar com peça ladeada,
deve a cautelar-se muito nas pontarias; porém
o melhor, para sua Magestade ficar bem servi-
do, he rejeitar logo, sem mais reparo, a pe-
ça ladeada, ainda que seja muito pouco o seu
ladeamento; porque com semelhantes peças nun-
ca se faz tiro bom, pôr mais emendas, que ha-
jaõ nas pontarias, e desgastaõ as muniçoens, sem
utilidade do real serviço.

Os que laboraõ com artilharia, reconhecem bem esta verdade.

P. 322. Que he eixo de huma peça?

R. Eixo de huma peça, he huma linha recta, que se considera tirada do centro de sua camera, ao centro da boca da mesma peça, como a linha A X C. Fig. 14.

def-
re

P. 323.

P. 323. Nos comprimentos, e larguras das cocharras estou inteirado, mas vejo, que damos as medidas das cocharras, para carregar por igual de huma só vez, não usando nós desta carga?

R. Assim he; porém a cocharra por igual de huma só vez, he o fundamento de todas as mais cocharras, como se pôde ver na nossa Artilharia.

P. 324. Temos mais miudezas nas cocharras?

R. Algumas hã, quem as quizer ver, recorra ao nosso Tratado.

P. 325. Até agora he por palavra, agora quero ser instruido por figura?

R. Sim, figura 15. tire-se na chapa de cobre, papel, ou taboa (que serve para molde) a recta AB , igual a tres diametros, da balla, e se divida, pelo meyo em C , de cujo ponto se levante a perpendicular CD , igual a sete diametros da balla, e mais hum quinto do mesmo diametro.

Fig. 15.

Do ponto C , para huma, e outra parte, tomaremos as distancias CE , CE , igual cada huma ao mesmo diametro da balla, de cujos pontos E , E , levantaremos as perpendiculares EF , EF , cada huma de seis diametros e hum quinto do mesmo diametro, e pondo do ponto D , até G , a distancia DG , igual a hum diametro da mesma balla; e do ponto G , como centro, e distancia DG , descreveremos o semicirculo

micirculo $F D F$, e fica feita a pá da cocharra: sobre $A B$, faremos o rectangulo $A B H H$, cujos lados $A H, B H$, são iguaes cada hum ao semidiametro da balla; e fica feita amanga da cocharra.

326. Para as porçens circulares dos lados das cocharras, poremos as distancias $E I$, igual cada huma a hum terço do diametro da balla, e dos pontos I, I , com a mesma distancia, descreveremos dous arcos, que se cruzem em O , de cujo ponto O , como centro, se descrevaõ as porçoens circulares $I I, I I$; e fica formada a cocharra, para carregar por igual, e de huma só vez com huma cocharrada de polvora.

327. Suponhamos, que queremos cortar huma cocharra, para carregar pela ametade do peso da balla, com huma só cocharra de polvora.

O P E R A C A O M.

328. Seja a recta $A B$, figura 16. igual a tres diametros da balla, e sobre $A B$, se fórme o rectangulo $A C B D$, cujos lados $A C, B D$ sejaõ iguaes cada hum ao semidiametro da mesma balla, e temos feito amanga da cocharra: a linha $A B$ se divida pelo meyo em E , e do ponto E , para F , se tomem as distancias $E F, E F$, iguaes cada huma a hum diametro da balla.

Dos pontos E, F , e F , se de-

N

van-

levantem as perpendiculares FG , EH , de forte que EH , seja igual a quatro diâmetros da balla, e mais hum decimo do mesmo diâmetro, e as perpendiculares FG , FG , iguaes cada huma a tres diâmetros da balla, e mais hum decimo da mesma balla, e pondo a distancia HI , igual a hum diâmetro da balla, do ponto I , como centro, e distancia IH , descreveremos o semicirculo $G H G$, e temos feito a pá da cocharra.

Para as porções de circulo nos lados, tomaremos as distancias FL , cada huma igual ao terço do diâmetro da balla, e dos pontos L , L , com a mesma distancia, descreveremos dous arcos, que se cortem em M , de cujo ponto, como centro, descreveremos as porções circulares LL , e temos feito a cocharra, que de huma vez sómente carrega com ametade do peso da balla.

329. E para cortar huma cocharra, que carregue, por duas vezes dametade do peso da balla, não temos mais, que pôr na linha do meyo dous diâmetros, e onze vinte avos, ou dous diâmetros e meyo esforçados, e nas linhas dos lados, hum diâmetro da balla, e onze vinte avos do mesmo diâmetro, ou hum diâmetro e meyo esforçado; e feita a operação, como acima, temos satisfeito a questaõ.

330. Para cortar huma cocharra, que carregue pelos dous terços do peso da balla, com huma

16 cocharrada, faremos a seguinte.

O P E R A C , A M.

331. **S**Eja, figura 17. a recta AB , igual a tres diametros da balla, e sobre ella faremos o rectangulo $ABCD$, cujos lados BC , AD , sejaõ iguaes á metade do dito diametro: divida-se AB , pelo meyo, em E , e do ponto E , para F , se tomem as distancias EF , EF , iguaes cada huma a hum diametro da balla: dos pontos E , F , F , se levantem as perpendiculares FG , FG , EH , de sorte que EH , seja igual a cinco diametros, e dous quinze avos, ou cinco diametros da balla, e hum setimo escaço, e as perpendiculares F , G , cada huma igual a quatro diametros, e dous quinze avos, ou a quatro diametros, e hum setimo escaço.

Fig. 17.

Do ponto H , para I , se tome a distancia HI , igual a hum diametro da balla, e do ponto I , como céntrico, se descreva o semicirculo GHG , e fazendo-lhe as porçoens circulares nos lados, como acima, temos cortada a cocharra, que de huma só vez carrega pelos dous terços, do peso da balla.

332. Para cortar esta mesma cocharra, que carregue, por duas vezes, com os dous terços do peso da balla, não temos mais, que pôr na linha do meyo tres diametros, e hum quinze avos do mesmo diametro, e nas linhas dos

lados, em cada huma, dous diametros da balla, e hum quinze avos; e fazendo as operaçoens, como nas cocharras antecedentes, temos satisfeito a questaõ.

P. 333. Vejo, que o corte destas cocharras he para cocharras patticulares; não teremos regra geral para cortar qualquer cocharra?

R. Temos, e bem facil; porque depois de acertarmos, que a cocharra, para carregar por igual, hade ter nas linhas dos lados em cada huma seis diametros, da balla e hum quinto, basta saber se a cocharra, que queremos, he para ametade do peso da balla de huma vez somente, porque não ha mais, que repartir o comprimento da cocharra por igual na linha dos lados, em duas partes iguaes, e temos o comprimento nas linhas dos lados da nova cocharra; e ajuntando-lhe mais hum diametro da balla, como regra geral, na linha do meyo; e feitas as mais operaçoens, que temos dito a cima, temos satisfeito a questaõ.

334. Se he para carregar pela ametade do peso da balla, com duas cocharradas de polvora, não ha, mais que dividir o comprimento da cocharra, para carregar pella ametade de huma só vez em duas partes iguaes, nas linhas dos lados, e huma destas ametades, he todo comprimento a nova cocharra, na linha dos lados; a que ajunto mais hum diametro da balla, na linha do meyo, e fazendo as mais

ope-

operaçoens, temos satisfeito aquestaõ.

335. Se he para carregar pelos dous terços de huma só vez, com o peso da balla, dividiremos o comprimento da cocharra, por igual nos lados (que são seis diametros da balla, e mais hum quinto do mesmo diametro) em tres partes iguaes, e tomaremos duas destas partes, para comprimento da nova cocharra na linha dos lados, a que ajunto mais hum diametro da balla, na linha do meyo, e feitas as mais operaçoens, temos satisfeito aquestaõ.

336. Se para carregar pelos dous terços do peso da balla, em duas vezes, devidiremos o comprimento do lado da cocharra, para carregar pelos dous terços de huma só vez, em duas partes iguaes, e huma destas he o novo comprimento da cocharra, na linha dos lados, a que ajunto mais hum diametro da balla, na linha do meyo, e feitas as mais operaçoens, temos satisfeito aquestaõ.

337. Ou mais facilmente, e he: figurando o quebrado, e dividir o comprimento da cocharra por igual, na linha dos lados, em tantas partes iguaes, quantas unidades tem o denominador do quebrado, e tomar, tantas destas partes, quantas unidades tem o numerador, para comprimento da nova cocharra, na linha dos lados, a que ajunto mais hum diametro na linha do meyo, e feitas as mais operaçoens,

çoens, temos satisfeito aquestaõ.

338. Como: suponhamos, que queremos cortar humo cocharra, pela ametade do peso da balla, figuro o quebrado $\frac{1}{2}$ logo dividindo o comprimento da cocharra 2 por igual nas linhas dos lados, em duas partes iguaes (porque o denominador do quebrado, tem duas unidades) e tomando 1 , parte, que tem o numerador, he o comprimento da nova cocharra, na linha dos lados, e acrescentando-lhe mais humo diametro, na linha do meyo, e fazendo as mais operaçoens &c.
339. Se he para carregar pelos dous terços, figuro o quebrado $\frac{2}{3}$; logo dividindo o comprimento da cocharra, 3 por igual, em tres partes iguaes, porque o denominador tem tres unidades, e tomando duas destas partes, porque o numerador tem duas unidades, estas duas partes são o comprimento dos lados da nova cocharra, e o mais como acima, e assim nas mais.
340. Isto he, para carregar com humo só cocharrada de polvora; porque se for para carregar com duas cocharradas, ametade do comprimento da cocharra, na linha dos lados, que carrega de humo só vez, he o comprimento da nova cocharra, nas linhas dos lados, a que ajunto mais humo diametro da balla na linha do meyo, e fazendo as mais operaçoens, que temos dito, satisfaremos aquestaõ. Em todas as

cocharras se hade cortar do semicirculo huma pequena porção, como mostraõ as figuras 15, 16, 17.

P. 341. Se o Artilheiro se achar em huma batteria sem cocharra propria da peça, com que labôra, não poderá carregar a tal peça com a polvora, que lhe toca?

R. Pôde, e facilmente com estas regras, levando a cocharra mais polvora, do que as libras, que tocaõ à peça que queremos carregar, dividiremos o comprimento da tal cocharra em tantas partes iguaes, nas linhas dos lados, quantas são as libras que leva, e tomaremos tantas partes, quantas são as libras com que queremos carregar a peça, e cheyas estas partes de polvora, temos a carga desejada. Como: temos huma cocharra que leva dezaseis libras de polvora, e queremos carregar com sete: dividindo o comprimento da cocharra em dezaseis partes iguaes, tomaremos sete destas partes, que cheyas de polvora, temos achado a cocharra desejada.

42. Levando a cocharra menos polvora, que a com que queremos carregar a peça, como por exemplo: tenho huma cocharra que leva tres libras de polvora, e quero com ella carregar huma peça que leva dezaseis libras, como dezaseis libras levaõ cinco vezes a cocharra de tres; logo já temos quinze libras, e como falta huma, dividiremos o comprimento da

da cocharra em tres partes iguaes, e enchendo huma de polvora, que junta às quinze libras, temos as dezafes libras, com que havemos de carregar a tal peça.

343. Ou se, a carga for de cinco libras, e o Artelheiro se achar, com huma cocharra de duas libras; como duas vezes esta cocharra são quatro libras, falta huma, dividirei o comprimento da cocharra em duas partes iguaes, e enchendo huma de polvora, que junta às quatro libras, temos satisfeito a questaõ.

P. 344. Quanto pesão os cobres das cocharras?

R. O cobre de huma cocharra, para peça de 33 libras de balla, pesa 7 libras.

O cobre de huma cocharra de 24, pesa 6 libras.

O cobre de huma cocharra de 16, pesa 4 libras.

O cobre de huma cocharra de 12, pesa 3 libras.

O cobre de huma cocharra de 8, e de 6, pesa 2 libras.

O cobre de huma cocharra de 4, e de 3, pesa 1 libra: Estas são as de que tenho experiencia.

P. 345. Tenho visto o como se cortão as cocharras, quero agora ver, o como se cortão os cartuchos?

R. Prontamente o faremos, sabendo primeiro o que he cartucho.

P. 346. Que he cartucho?

R. Cartucho, he hum saquinho de papel, pano, pergaminho, camelaõ, &c. em que se mete a carga da polvora competente à peça, com que se hade de laborar como a fig. 18.

P. 347. Que differença hà, entre cartucho, e saquinho?

R. Esta; e he q̄ quando o cartucho tem em cada extremo hum círculo, que lhe serve, como de rampa, e não he atado, se chama cartucho, como figura 19. Mas quando este cartucho he atado, se chama saquinho, como a figura 18.

De sorte que cartucho, he o que leva a polvora lómente, e saquinho leva além da polvora, pregos, cadeas, ballas de chumbo, e outra mitralha em lugar de balla mestra (que tambem a leva ás vezes) ou seja para atirar sobre huma brecha, ou sobre hum retrincheiramento, ou em huma batalha, ou em hum desembarque, ou quando os inimigos estão perto; e neste caso se diz atirar a cartucho.

P. 348. Tenho entendido, o que he cartucho, e saquinho, e a sua differença; quero agora ver o como se cortaõ?

R. Facilmente; porque o cartucho para carregar por igual, com o peso da balla, tem de alto no seu vaõ quatro diametros da balla, e mais hum terço do mesmo diametro.

349. Para carregar pelos dous terços, tem de alto cartucho, no seu vaõ, dous diametros da balla, e oito nove avos do mesmo diametro, ou tres diametros escaços.

350. O cartucho, para carregar pela ametade do peso da sua balla, tem de alto dous diametros da balla, e hum sexto do mesmo diametro.

351. Todos tem de largo, no seu vaõ, tres diametros da balla esforçados: para se cortarem, se fará a seguinte.

OPERAC, A M.

352. Seja o pano, papel, &c. figurá 20. e queremos cortar hum cartucho, para carregar por igual.

Fig. 20.

Lançaremos a recta AB , que tenha de comprido tres diametros da balla esforçados, como AE , EF , FB , e a dividiremos pelo meyo em O ; dos pontos A , O , B levantaremos as perpendiculares AC , BC , DD : AC , e BC , iguaes cada huma a 4 diametros da balla, e mais hum terço, como 1, 2, 3, 4, e $\frac{1}{3}$, e fecharemos o rectangulo $ABCC$, e a perpendicular DD , indefinita para huma, e outra parte.

Nos extremos O , e $\frac{1}{3}$, poremos, em cada hum, na perpendicular DD hum diametro mais esforçado, que o diametro da balla mestra, de cujos diametros faremos os dous circulos

culos D, D, que ficarão pegados ao rectangulo, como mostra a figura 20. e temos cortado o cartucho.

P. 353. Não temos modo mais fácil?

R. Temos; e he: mandar tornear hum troço de madeira branda, que tenha de diametro, o diametro da balla mestra, e de comprido sete diametros, e sobre este pão, assim torneado, e alguma couza afuzado para a ponta, e óvado, se involverà o papel, e se grude, sendo papel, com cola, ou maçinha dos livreiros, pelos seus extremos, e por baixo; e feito isto se tire, e ponha a secar, e depois de enchuto se pese a polvora, e se lhe deite dentro, e se tape; e grude.

354. Se for pano, se ajuste sobre este molde, e se coza, com advertencia, que quando se cortar seja a fio, para que não dê de si. O pão assim torneado mostra a figura 21.

Fig. 21.

355. Se os cartuchos forem de pergaminho, he necessario, antes de os cozer deitalos de molho em vinagre, para não rasgarem, e assim brandos cozelos, com fio do mesmo pergaminho, que he huma tirazinha delgada.

356. Depois de cozidos os cartuchos de pano, se virão de dentro para fóra, para que acostura não faça roçamento na alma da peça, excepto os cartuchos de pergaminho, que ficarão da

mesma fórmã, que os cozem.
 357. Os cartuchos das armas de pederneira, de que usão os nossos soldados, para levarem polvora, e balla, tem de comprido quatro diámetros da mesma balla escaços; e tem, além deste comprimento, mais dous diámetros, hum para tapar o fundo deste cartucho, o outro para lhe tapar por cima a balla.

P. 358. Como se mete este cartucho na arma?

R. Facilmente; porque não hã mais, que metter o cartucho pela partê da polvora, e pegarihe pela partê da balla, vazando a polvora dentro da arma, e logo apertar o tal cartucho com os dedos por baixo da balla, metela na arma, e largando a arma da mão esquerda, e pegando com a mão direita, por junto á mira, darlhe huma pancada com o couce no chaõ sobre o lado dircito; está carregada a arma, sem o receyo, de que ainda que sejaõ os tiros por baixo do horizonte, corra a balla para a boca da arma.

359. Calcala com avareta, he melhor, quando os tiros houverem de ser, ou parallélos, ou por baixo do horizonte, que sendo por cima do mesmo horizonte, não importa, que se calquem as taes ballas.

360. Para cortar saquinhos, não ha mais, que pôr tres diámetros esforçados sobre a linha AC, ou

ou BD, figura 22. e o comprimento acima dito, para o vaõ do saquinho, e mais hum diametro (para se atar) nas linhas AB, CD, e depois dobrar o papel, pano, &c. em quatro

Fig. 22.

partes iguaes, pelo seu comprimento, como mostra a figura 23. GH, o boleado se há de

Fig. 23.

começar acortar do ponto I, onde o pano, papel, &c. tem as pontas, de tal sorte, que IH, hade ser igual a GH, isto he a huma das quartas partes do pano dobrado, e temos satisfeito a operação.

Isto he, não levando balla; porque levando-a, ou mitralha, além do comprimento dos quatro diametros, e hum terço, que se lhe deve dar, para levar a polvora, se lhe haõ de

dar de mais, tres diametros da balla, e vem a figurar o saquinho com sete diametros, e hum terço de comprido; para polvora, balla, ou

Fig. 24. e

24. A.

mitralha, e para se atar; a figura 24. mostra o tal saquinho; e 24 A; mostra o seu perfil.

P. 361. Não temos regra geral, para cortar cartuchos, para qualquer carga, que nos pedirem?

R. Temos, e he figurando o quebrado, e dividir o comprimento do cartucho por igual em tantas partes iguaes, quantas unidades tem o denominador, e tomar tantas destas partes, para o novo cartucho, quantas unidades tem o numerador, como, suponhamos querer cortar hum cartucho pelõs quatro quintos, figuro o quebrado $\frac{4}{5}$ logo este quebrado me diz, que devo

devo dividir o comprimento do cartucho por
 igual, em cinco partes iguaes, porque 5 de-
 nominador tem 5 unidades, e tomar 4 destas
 partes para comprimento do novo cartucho;
 porque 4, numerador, tem 4 unidades, e assim
 para qualquer outra medida.

P. 362. E quando o Artilheiro se achar sem
 cocharra, nem cartucho, nem meyo de pesar
 a polvora, não poderá carregar a sua peça
 com a carga, que lhe toca?

R. Póde facilissimamente; porque achando-se o
 Artilheiro, sem tudo isto, fará de papel, pa-
 pelaõ, ou do que tiver mais ámaõ huma medi-
 dazinha, em fórma de cubo, que tenha de
 comprido, no seu vaõ, por cada lado duas po-
 legadas, e dez linhas esforçadas, e cheya esta
 medidazinha de polvora, tem justamente huma
 libra, e por ella póde carregar a peça, que
 quizer com a sua carga, que lhe toca.

363. Se fizer huma medida, que tenha por ca-
 da lado 5 polegadas, e 8 linhas esforçadas, tem
 justamente amedida, que leva 8 libras de pol-
 vora.

364. Este meu corte das cocharras, e cartuchos
 vay fundado sobre, que huma libra de polvo-
 ra occupa 23 polegadas cubicas, e me parecem
 as mais justas operaçoens, que se podem fa-
 zer nos cortes das cocharras, e cartuchos.

P. 365. Tenho visto, o que pertence ás co-charras, e cartuchos, como me haverei com as ballas?

R. Bem; porque as ballas, para serem boas he necessario, que sejaõ de ferro macio, e não quebradiço, que tenhaõ o pelo proprio para a peça, a que haõ de servir, e que tenhaõ o seu diametro confôrme os calibres, a que pertencem, que sejaõ bem esfericas, lizas, sem brocas, nem mamilos.

P. 366. Como saberei eu se saõ proprias, para as suas peças?

R. Tomando abocadura da peça, e tirando-lhe o vento; o que resulta, he o diametro da balla.

P. 367. Como se toma abocadura da peça?

R. Facilmente, e não hã mais, que meter hum compasso de pontas direitas pelo vaõ, ou alma da peça, com as suas pontas abertas, que toquem o metal pelo seu interior, e tirado para fóra o compasso, assim aberto, se porã sobre huma linha recta, e esta se divida pelo meyo, e deste ponto, como centro, se descreva *Fig. 25.* hum circulo, que serã o vaõ da peça, como a linha A B, figura 25. que se divida pelo meyo, em C, e deste ponto C, como centro, e distancia C A, ou C B se descreva o circulo B E A F, e fica feito o vaõ da peça.

P. 368. Como se conhece agora pela bocadura aballa propria desta mesma bocadura?

R. Fa-

R. Facilmente; porque como as ballas não hão de ser justas, nem mayores, percifamente se lhe hà de dar folga; a esta folga chamaõ vento. De dous modos se dà o vento ás ballas; porque, ou as peças são de ferro, ou são de bronze: quando a peça for de ferro, daremos de cada cinco libras de bocadura, huma de vento; como sendo abocadura de cinco libras, hade ser aballa de quatro: se abocadura for de vinte libras, hà de ser aballa de dezaseis.

P. 369. Por números estou capacitado nas peças de ferro; porém tomãra saber o modo, como se dà o vento, por operaçãõ geometrica?

Fig. 26.

R. Facilmente se faz; como seja abocadura AB CD, figura 26. dentro della faremos o triangulo equilatero, tomando o semidiametro AG, e pondo-o do ponto A, para B, e do mesmo ponto A, para C, e tomando a distancia BC, entre as pontas do compasso, à poremos do ponto A, no diametro da bocadura AD, que chegarã em F, logo dividindo a distancia FD, em duas partes iguaes, em E, a distancia AE, terã o diametro da balla pedida, na razaõ de cinco libras de bocadura, huma de vento, e dividindo a distancia AE, pelo meyo em H, e pondo o pé do compasso no ponto H, com a distancia HA, descreveremos o circulo AE, que mostrarã aballa.

P. 370. Em as peças de bronze, he a mesma operaçãõ?

R. Não.

P. 371.

P. 371. Qual he?

R. Esta: nas peças de bronze se dá de cada sete libras de bocadura huma de vento, como se a bocadura for de sete libras de balla, será a balla de seis libras: se a bocadura for de vinte, e huma libra, será a balla de dezoito.

P. 372. Por numeros he claro, e por figura?

R. Por figura he figura 27. suponhamos a bocadura A C, B G da peça; nella poremos o semidiametro A B, que dividiremos pelo meyo em D, e por este ponto D, e pelo ponto F tiraremos a recta C G, e a distancia D C, dividiremos em tres partes iguaes; logo tomamos huma D E, e mais a distancia D G, ou a toda G E, teremos o diametro da balla, que dividido pelo meyo em H, e com a distancia H G, ou H E; formaremos o circulo E G, que denota a balla. *Fig. 27.*

P. 373. Ou mais claro: das tres partes, em que se dividio D C, deixarmos duas para vento, e o resto he o diametro da balla.

P. 374. Já sei estas operaçoens; porém não sey usar dellas?

R. He fácil, e se faz sobre o calibre.

P. 375. Que he calibre?

R. Calibre, he huma certa medida, pela qual se vem em conhecimento do peso de qualquer balla de ferro, ou de chumbo.

P

Este

Este, he hum instrumento de quatro faces, em que estão gravados os diâmetros das ballas de ferro, e chumbo, e suas bocaduras, cada humâ em sua face; na outra está o palmo craveiro dividido em oito polegadas, e cada polegada em doze linhas; instrumento total, que deve sempre acompanhar o Artilheiro, e official da artilharia.

P. 376. Como se faz?

R. Pela taboada numero 1 em que se suppoem o diâmetro da balla de huma libra dividido em cem partes iguaes, se faz tão facilmente, que qualquer Artilheiro pôde formar hum calibre, e a operação he.

Taboada
1.

Fig. 28.

Seja a linha recta AB, figura 28. indefinita, e nella queremos graduâr o calibre de ferro, vamos à taboada numero 1, e acharemos que ao diâmetro de huma libra lhe correspondem cem partes, estas mesmas poremos de A, até 1, e ao diâmetro de duas libras, lhe correspondem 125 partes, que poremos de A até 2, e ao diâmetro de tres libras lhe correspondem 144 partes, que poremos de A até 3; e assim continuaremos até 125 libras, se quizermos.

P. 377. Este modo de graduâr o calibre he justo?

R. Não he tão justo especulativamente, por alguns quebrados, que se desprezão, como o que se gradúa geometricamente; porém praticamente, porém praticamente he igualmente certo; e esta

esta materia não anda tanto sobre corda, que como bolatim perigue em atomos; e por este modo evitamos hum grande numero de operaçoens geometricas, e ainda que não està na ultima exacção, com tudo eu o prefiro na pratica aos mais modos, que há de graduar calibres, por ter muito poucas operaçoens, depois de feita a divisaõ do diametro de huma libra em cem partes iguaes.

378. Os Geometras bem sabem, que não he necessario, para fazer o calibre, ter o diametro de huma libra dividido em cem partes iguaes, basta ter qualquer linha recta, dividida nas mesmas cem partes iguaes, e com ella formar justamente o calibre, como o mostro na minha artelharia; com a taboada, e o pantometra se gradua facilissimamente o calibre.

P. 379. Para as onças he a mesma gradação?

R. He a mesma, usando da taboada; como quero o diametro de huma onça na taboada lhe correspondem 39 partes daquellas, que o diametro de huma libra tem cem.

Para duas onças lhe correspondem na taboada 50 partes &c. porém geometricamente he muito mais facil, tendo já hum calibre graduado, pela seguinte operação.

380. Tomaremos a recta AB, figura 29. e gradua-
 duaremos até 16 libras de balla (porque cada
 libra tem 16 onças) e pondo o pé do compas-
 so

Fig. 29.

fo em A, com a distancia A B descreveremos o arco B C e os mais, como mostra a figura, e pondo a distancia B C, igual ao diametro de huma libra, e tirando do ponto C, ao ponto A a recta C A, esta cortará todos os arcos ditos; logo a distancia B C, será o diametro de huma libra, ou 16 onças, e assim continuando, de fórma, que cada arco mostre as onças, que tem no numero da graduacão, e tomando entre as pontas do compasso acorda de cada arco, teremos as onças, que buscamos, e denotã os numeros, e achadas as onças graduaremos o seu calibre.

P. 381. O calibre de chumbo tem a mesma graduacão?

R. He o mesmo, e a mesma taboada serve em tendo o diametro da balla de chumbo, de huma libra dividido em 100 partes iguaes, e fazer as mesmas operaçoens a cima, não só para as ballas mas ainda para as onças.

P. 382. E se nos não derem o diametro da balla de chumbo, não lhe poderemos graduar o seu calibre?

R. Pode-se graduar o calibre das ballas de chumbo bem facilmente, em sabendo, que o diametro da balla de ferro de huma libra tem de comprido huma plegada, e dez linhas, e meya, ou vinte e duas linhas, e meya; e o diametro da balla de chumbo, que justamente pesa huma libra, tem dezanove linhas de comprido; logo

Logo com este comprimento de dezanove linhas, dividido em 100 partes iguaes, faremos sobre elle as mesmas operaçoens, que sobre o diametro da balla de ferro, dividido nas mesmas cem partes.

P. 383. Dado o diametro da balla de chumbo, e dado hum calibre de ferro graduado, poderemos graduar o calibre de chumbo sem taboada?

R. Bem facilmente se faz essa operaçã, usando da mesma praxe, que usamos para graduar as onças; como suponhamos, o calibre de ferro A B, e o diametro da balla de chumbo, que justamente pesa huma libra C D; vamos á operaçã. *Fig. 30.*

Por todos os pontos da graduacã do calibre de ferro, e do centro A, se descrevaõ as porçoens circulares, como E F, 22, 33, &c. Logo tomando o diametro C D, da balla de chumbo, o poremos de E, atè cortar o arco E F em F, e pelos pontos A, e F tiraremos a recta A F G, que cortará todas as porçoens de circulo descritas, cujas cordas saõ os diâmetros das ballas de chumbo, como: E F, he o diametro de huma libra; 22 o diametro de duas libras; 33, o diametro de tres libras; e assim dos mais como a figura o mostra.

384. Da mesma sorte, que dado o diametro, da balla de chumbo de huma libra, e o calibre de ferro, graduamos o calibre de chumbo, poderemos

demos graduar o calibre de ferro, dando-nos o calibre de chumbo, já graduado, e o diâmetro de huma libra de balla de ferro, fazendo as mesmas operações, só com esta differença, que a linha EF , há de ser o diâmetro da balla de ferro.

P. 385. E se nos derem o diâmetro da balla, como justamente acharei abocadura da peça?

Fig. 31.

R. Com bem facilidade, figura 31. sabendo primeiro se he, para peça de ferro, ou de bronze, ou para balla de chumbo; porque se he, para peça de ferro, como de cada cinco libras de bocadura, damos huma de vento, não temos mais, que sobre a recta GH pôr o diâmetro da balla de 4, de G até F , e com a distancia GF , e centro G , descrever o arco FL , e tomar FL igual ao diâmetro de cinco libras, e pelos pontos G , e L , tirar a recta GI , e temos feito esta norma.

Suponhamos agora, que nos dão o diâmetro de huma libra de balla; logo pondo-a do ponto G na linha GH , alcança em M , e do centro G , e distancia GM , descreveremos o arco MN , que cortará a recta GI , em N , e a corda MN he a bocadura da peça de huma libra, na razão do seu vento de cada cinco libras, huma.

Suponhamos o diâmetro da balla de 8; logo pondo-o do ponto G na linha GH , chega até O ; e do ponto G , como centro, e distancia GO , descreveremos o arco OP , que cortará

cutará a recta GI em P , e a corda OP ,
 lerá a bocadura da peça de 8, na razão de ca-
 da cinco libras de bocadura huma de vento.

386. Estas mesmas operaçoens se farão, para as
 peças de bronze, fazendo a mesma norma só
 com esta differença, que a linha GF , há de ser
 diametro da balla de seis, e a linha FL , há
 de ser o diametro da balla de sete, e para achar-
 mos as mais bocaduras, faremos as operaçoens,
 que temos dito.

387. Para as ballas de chumbo, he o mesmo,
 só com esta differença, que a linha GF , há
 de ser de onze libras, e a corda FL , há de ser
 de doze libras, e para acharmos as mais boca-
 duras, faremos as mesmas operaçoens.

Os Geometras conhecem bem a verdade
 destas operaçoens.

388. Como hei de usar do calibre?
 Assim: ver se he em peças de ferro, ou de
 bronze, para assim lhe dar o vento; se he para
 as peças de ferro, como o vento he de cada
 cinco libras de bocadura, huma de vento, não
 temos mais, que trazer a bocadura da peça, e
 pola no principio do calibre, e ver onde al-
 cança, e tirando de cada cinco libras huma,
 o que resta he a balla; supponho achei a bo-
 cadura de 15 libras, que tirando 3, restão 12;
 logo direi que a peça joga 12 libras de balla.

Omef-

O mesmo he, para peças de bronze, só com a differença de ser de cada sete libras de bocadura huma de vento: supponho, que achei de bocadura 14 libras, de que tiradas duas (na razão de cada sete huma) restaõ doze, e tantas libras de balla jogarã a tal peça.

P. 389. Como se examina hum calibre?

R. Facilmente, e he, que tomando o dobro do diametro de huma libra, dá o diametro da balla de oito.

O diametro da balla de duas libras dobrado, dá justamente o diametro de dezaseis libras.

O diametro da balla de tres libras, dobrado, dá o diametro de vinte e quatro libras.

O diametro da balla de quatro libras, dobrado dá o diametro da balla de trinta e duas libras.

O diametro da balla de cinco libras, dobrado, dá o diametro da balla de quarenta libras.

E finalmente o dobro de qualquer diametro dado, dá oito vezes mais libras, que as que se tomaraõ no tal diametro, como o dobro do diametro de seis libras, dá o diametro de quarenta e oito, que he o dobro do diametro da balla de seis.

390. O mesmo he: ametade de qualquer diametro dado, hé o diametro da balla oito vezes menor, que a balla dada, como ametade do

O

di-

diametro da balla de oito, he o diametro de huma libra.

391. Ametade do diametro de huma libra he o diametro de duas onças, &c. E não devemos usar do calibre, sem primeiro o examinarmos muito bem, para ver se está, ou não certo, que se estiver errado, e usarmos d'elle cahiremos em defeitos graves.

P. 392. As ballas de chumbo, em que razão tem o seu vento?

R. As ballas de chumbo, como não tem a aspereza, e as desigualdades, e a dureza das ballas de ferro, tem differente modo de se lhe dar o vento, e he: por cada doze libras de bocadura, se lhe dá huma de vento, como, se a bocadura for de doze libras, serà a balla de onze; se a bocadura for de vinte e quatro libras serà a balla de 22 libras de peso; se a bocadura for de seis libras, serà a balla de cinco libras e meya de peso.

393. Como se faz geometricamente?

Facilmente, suponhamos, figura 32. a boca-
 dura $ACBG$, e nella poremos o semidiametro AB , que dividiremos pelo meyo, em D , e por este ponto D , e pelo centro F , tiraremos o diametro $CDFG$, e a distancia DC , dividiremos em tres partes iguaes; logo tomaremos huma EC , para vento; e a toda EG , serà o diametro da balla pedida, o mais proximo possivel.

Fig. 32.

Q

394.

394. Raras vezes se usa de ballas de chumbo de mais de huma libra de peso, vinte, vinte e duas, vinte e quatro ballas de chumbo, fazem huma libra de peso, e são as ballas, de que usamos nas armas da nossa infantaria; e não se dizem ballas de tantas onças, mas sim ballas de vinte a libra, de vinte e quatro a libra &c. alcançaõ ordinariamente estas armas 106, ou 135 braças.

P. 395. Não há mais ballas, que se usam na artilharia?

Fig. 33.

R. Há bastantes, como são ballas encadeadas, de hum ramal como a figura 33. que tem em cada extremo meya balla; que unidas, fazem huma balla mais pequenã, que a balla mestra. Huma meya balla tem tres buracos, outra tem tres tornozinhos, para se encaixarem nos buracos.

Fig. 34.

396. Ballas encadeadas de quatro ramaes, cujos ramaes tem em cada ponta meya balla com seus furos, e tornos como a cima. Fig. 34.

Fig. 35.

397. Palanquetas, que são ballas inteiras, postas nos extremos de hum perno de ferro, que tem de comprido dez polegadas, e meya, como a figura 35.

Fig. 36.

398. Ballas de pernos, cuja balla tem em cada lado, diametralmente oppostos, dous pernos. Figura 36.

399. Ballas enramadas, que são duas barretas de ferro grossas, cada huma meya polegada, e comprida dez polegadas, e meya; e em hum extremo de cada barreta, tem hum anel; e no outro extremo meya balla, com seus buracos, e tornos, para se ajustarem huma com a outra, como o mostra a figura 37. *Fig. 37.*
400. Outra casta de balla enramada, que têm seus aneis, e em cada extremo das barretas sua balla. *Figura 38.*
401. Ballas de ponta de diamante, como fig. 39. *Fig. 39.*
402. Ballas mensageiras, que são vazias, como granadas, em cujo vão leuão cartas, ou avisos, e se cobrem por fóra com chumbo, como figura 40. *Fig. 40.*
403. Ballas de fogos arteficiaes como fig. 41. *Fig. 41.*
404. Ballas enfogadas, ou em braza.
405. As ballas encadeadas, enramadas, palanquetas, de pernos, ponta de diamante, são boas para o mar, ainda que eu não acho utilidade alguma, às ballas, pontas de diamante.
406. As ballas em braza, são tambem excellentes para o mar.
407. As ballas em braza, e as de fógos arteficiaes,

ciaes, são boas para acampanha, não só para queimar as fachinas, e gabionadas, mas ainda para esclarecer a noite, e alumear o campo.

408. As em braza fervem, para dar fogo, aos payões da polvora, e fachinas, e para as batarias de chapeleta.

409. Para todas as ballas hei de estar com o compasso na mão?

R. Não, basta fazer passadeiras, que são hums buracos redondos, feitos em huma taboa grossa; ou são hums arcos de bronze, que tenham os mesmos diametros, que as ballas, conforme as peças, a que haõ de servir, e para conhecer, de que peso são as mesmas ballas, não he mais que passalas pelos taes buracos, e as que passarem justamente, são do calibre, que está notado no tal buraco; o mesmo he pelos aros.

Fig. 42. e
42. A.

Figura 42, e 42. A.

P. 410. Pois para buscar as ballas das peças, me heide servir de todo este trabalho?

R. Em huma bateria, para mais prompta, e praticamente laborar, basta apresentar a balla na boca da peça, e ver, que se for justa, ou mayor, ou muito pequena não serve, e se for alguma cousa folgada, servirá à tal peça.

411. O bom juizo prudencial do Artilheiro neste caso, he boa regra.

P. 411

P. 412. Se eu tiver ballas pequenas, e peças de mayor calibre, não poderei fazer tiro?

R. Posso; em brulhando em estopas breadas essas ballas pequenas, de sorte que fação balla, e moa que pertence à peça; porém com esta advertência, que estas estopas, haõ de ser enleadas, e apertadas, com fio de barbante rijo.

P. 413. Como heide usar dos cartuchos, cocharras, e ballas?

R. Depois de saber o que he cartucho, cocharra, e balla; falta saber, o que he soquete.

414. Soquete he huma massa de madeira rija, feita ao torno, montada em sua haste, com a qual se calça, ou soquerêa o taco sobre a polvora, e sobre a balla, figura 43. No mar são os soquetes de corda, e são melhores, que os de madeira; e para as batarias, que jogão por canhoneiras, serão excellentes, para não recuarem tanto as peças, para se carregarem.

Fig. 43.

P. 415. Que medida tem este petrecho?

R. Tem o mesmo diametro, que a balla, e tem de comprido, para peças atè tres libras de balla, hum diametro, e meyo do mesmo soquete: hum diametro para a massa, e meyo para as molduras. Alguns enleão o soquete com arame de cobre, e nunca de ferro, para não ratchar, e he excellentè modo de conservar os soquetes. Quando se enlearem com o arame, deve o diametro do soquete, ter de menos hu-

ma

uma linha, que o diâmetro da balla.
 De tres libras, para cima, terão todos os
 foquetes de diâmetro, o mesmo que a balla,
 não levando aramê; e levando-o, ferà menos
 uma linha; e de comprimento hum diâmetro e
 hum sexto, do mesmo diâmetro, hum diâme-
 tro para a massa, e o sexto para as molduras.

416. As suas hastes, são grossas huma polega-
 da, para peças de pequeno calibre, e polega-
 da e meya, para peças de grande calibre.

417. São as hastes compridas de quatro até oito
 libras, quinze palmos; e de doze até trinta e
 tres libras, dezoito palmos.

418. As mais curtas hastes, são de sete, até no-
 ve palmos, nas peças curtas de quatro até oi-
 to libras de balla. Estas medidas, são para quan-
 do não temos a peça à vista; porém quando a
 tivermos a regra geral he, que cada haste tem
 tanto comprimento, como do calcavel até a bo-
 ca da peça.

419. Estes mesmos comprimentos, e grossuras
 tem as hastes das lanadas, cocharras, e saca-
 trapos; o foquete se vê na figura 43.

Fig. 43.

P. 420. Que he lanada?
 R. Lanada he huma massa montada, e coberta
 com pelle de carneiro, com a lã, para fóra,
 pregada com pregos de cobre, e nunca de fer-

ro figura 44. Estas massas se mandão fazer ao torno de madeira branda, sem moldura alguma, em fôrma ôvada; o seu diametro, ou a sua grossura he huma polegada menos, que o diametro da balla. Esta polegada serve para accomodar a pelle de carneiro, ou estôpa, como algumas lanadas do mar. *Fig. 44.*

421. O comprimento desta massa, de huma libra atè quatro, são tres diametros da balla; e de cinco atè dôze libras de balla, tem de comprimento dous diametros e meyo; e daqui para cima, tem de comprimento dous diametros.

422. Estas feminellas, as dos foquetes, e cocharras, são furadas pelo meyo de alto a baixo, com hum buraco de huma polegada de largo, para peças de pequeno calibre; e polegada e meya, para peças de grande calibre, que serve para se montarem na haste.

423. Tanto as feminellas dos foquetes, como das lanadas, e cocharras, se seguraõ na haste com dous tornos de madeira, em cruz, que atraveçaõ massa, e haste, de parte a parte.

P. 424. De que serve a lanada?

R. Serve para alimpar, e refrescar a peça, enfiada a tal lanada em agua.

P. 425. Que cousa he sacatrapo?

R. Sacatrapo, he hum instrumento, com duas pontas.

as pontas de ferro, ou huma, voltadas em fórma de espiral, sobre a sua aduela. Figura 46.

P. 426. Que grossura deve ter?

R. Junto á aduela, deve ter de grosso quinze linhas, e vay a delgaçando até acabar em ponta; tem a aduela de alto hum diametro da balla.

P. 427. Que he aduela?

R. Aduela, he a abertura do ferro em fórma redonda, que recebe a haste, sobre que se monta o saca-trapo, como A, mesma figura; e se segura na tal haste com dous pregos, pela aduela, a que chamaõ olhos.

P. 428. De que serve?

R. Serve, para tirar o taco á peça, quando está carregada, ou desfazer a polvora empedernida.

429. A isto chamaõ petrechos, e ainda há mais, como laõ: bota-fogo, que he huma haste de madeira de tres, ou tres palmos e seis polegadas de comprido, e huma polegada de grosso, guarnecida de huma serpentina de ferro, na qual se mete o morraõ, para dar fogo á peça. Figura 47.

Fig. 47.

430. Ordinariamente se dá fogo às peças sómente com o morraõ na mão, sem bota-fogo.

431. Funil de escorva, que he hum funilzinho pequeno, com o qual se deita a polvora pelo ouvido

ouvido da peça, para escorvar, poupa-se pol-
vora, e senão entorna pela bataria.

32. Cunhas de mira, que são huns pedaços
de madeira rija, do feitio de cunha, que ser-
vem para levantar, ou a baixar a culatra da
peça para as pontarias: tem de comprido de
doze até quinze polegadas, e de largo, de seis
até oito, e de alto pela sua cabeça, de cinco até
oito polegadas; acabando pela sua ponta em hña,
ou duas polegadas. Tem nas suas cabeças hum
entalho, ou manga, para se pegar, quando se
tiraõ, ou se metem de baixo da culatra. Fig. 48.

33. Palmetas, que são cunhas mais delgadas,
servem para apontar as peças. Frontal da mi-
ra, que he huma taboa grossa de quatro pole-
gadas, e palmo e meyo de alto, e tres palmos
e seis polegadas de comprido, feita com seu
corte concavo conforme a redondeza da pe-
ça, e sua grossura.

34. Este instrumento se põem sobre o collo
da peça, quando se quer apontar justamente,
e serve tambem, para cobrir a cabeça do Ar-
tilheiro, que está fazendo a pontaria. Fig. 49.

35. Tambem o hà de metal, como fig. 50:
serve para fazer, que o rayo visual da pontaria
seja parallèlo à alma da peça, e he ver-
dadeiramente o vivo da peça. Fig. 50.

436. Pranchas de chumbo, que são huma pasta de chumbo, para cobrir o fogaõ, cujo comprimento são de huma libra de balla, até vinte e quatro, tres diametros da boca da peça, e o mesmo de largo, e daqui para cima dous diametros e meyo, e se acomodaõ as ditas pranchas por cima do ouvido da peça, tomando-lhe as feiçoens, e molduras.

Fig. 51.

437. Capitel, que são duas taboas unidas em fórma de angulo, que se poem sobre o ouvido, para impedir, que o vento leve a escorva, ou achuva a molhe: o seu comprimento, são quatro diametros, desde huma libra até vinte e quatro, e daqui para cima, são tres diametros. Figura 51.

Fig. 52.

438. Hã tambem capiteis de madeira em fórma de telha. Figura 52.

439. Pancas, ou espeques, são humas trancas de madeira rija, que tem de comprido nove palmos, e de grosso tres, ou quatro polegadas.

440. Servem para levantar, ou abaixar a peça de culatra, ou joya; mover a carreta, e os maiores pesos.

441. Bimbarra he huma tranca de madeira mais comprida, que tem de grosso cinco, ou seis polegadas, que se mete na boca da peça, para a fazer rabear, para qualquer parte. São indel-
pençaveis

penfaveis na artilharia.

442. No mar, há talhas, que são humas cordas, com que se amarraão, e seguraão as peças nas batarias dos navios, e servem tambem para as chegar às portinhollas.

443. Vergueiro, he outra corda grossa, que passa por baixo do primeiro reforço da peça, por dous buracos, que tem a carreta, e está preza, pelas suas pontas, aos costados dos navios, serve para ter maõ ao recuo da peça.

444. Hã tambem pès de cabra, que são huma especie de espees de ferro, que servem para mover a artilharia.

445. Todas as bocas das peças se tapaõ com tampas de madeira branda, que tem de diametro da boca da peça, e de grosso huma, ou duas polegadas, e são a fusadas, a fim de entrarem mais commodamente nas bocas das peças; e servem, para impedir, que a agua lhe entre dentro: estas tampas se encebaõ por fóra.

P. 446. Não sei até agora reconhecer huma cocharra, hum foquete, huma lanada, e hum cartucho, não será necessario isso?

R. He muito necessario saber reconhecer tudo isso, para não errar os petrechos de cada peça; porque do erro se seguiriaõ grandes prejuizos ao real serviço; porèm o modo como se faz he facil.

447. Da mesma sorte que passamos as ballas pelas passadeiras, devemos passar as cocharras, foquetes, e cartuchos, e se passarem justamente, e tiverem os comprimentos, que temos dito, temos a certeza, que são do calibre marcado na passadeira.

448. As lanadas hão de passar a pertadíssimamente.

449. Este reconhecimento he justo, quando as feminellas da cocharra, e foquetes, tem o mesmo diametro da balla, e se vê o erro, que tem feito alguns Autores em acrescentarem o comprimento das côcharras, diminuindo-lhe a sua largura; porque não he facil a hum Artilheiro, entre muitas cocharras, acertar com as que tocam justamente ás peças; a experiencia mo mostrou.

P. 450. Que he morraão?

R. Morraão he hum especie de corda, que se usa na artilharia, para dar fogo ás peças: a braça de morraão tem nove palmos de comprimento, e peza pouco mais, ou menos, cinco onças.

451. Para ser bom há de fazer bom cravo, duro, e que se termine em ponta, que resista a qualquer coula, que arda bem, de forte, que quatro, ou cinco polegadas de comprido durem huma hora.

P. 452. Como se prepara o morraão, para se acen-

acender promptamente, e cada vez que o quizermos usar na artilharia?

R. Facilmente; porque depois de feita a trança (esta trança se faz descochando cada morraão, e cochando-o ao mesmo tempo, descochar he o mesmo que destrocet, o morraão) ou de tres morroens, ou de dous, ou hum só morraão, se esfarpa na ponta, de fórma que fique em estopa, e copando-a com a mão semeta a dita copa duas, ou tres vezes em agua, na qual se tenha desfeita polvora (esta agua há de ser bastantemente grossa com a polvora que se lhe tenha desfeito) e feito isto se compoem a copa, e se polvorisa por cima com polvora fina mohida bastantemente, e depois se cobre com hum papel, e se ata, e féca ao Sol; e temos o morraão, prompto, a isto chamaõ em-xofrar o morraão, e para o acender, se fere fogo, ou sobre isca, e se lhe chega a copa, ou sobre a mesma copa. Eu prefiro a trança de dous morroens, à de tres; porque faz melhor cravo.

P. 463. Como se carrega huma peça?

R. Facilmente, sabidas as regras geraes que são.

Saber com quanta polvora se deve carregar a peça, que mederém, sabendo juntamente, se he commua, singella, ou reforçada, e a falta do seu metal, se a tiver, para assim usar del-

la

la conforme a arte.

II.

Se se achar alguma peça carregada, não se use della, sem hum conhecimento certo, de que está, ou não conforme a arte.

III.

Antes de carregar qualquer peça, se deve primeiro alimpar muito bem por dentro, com a lanada duas, ou tres vezes, facodindo a dita lanada outras tantas vezes; o que se faz, dando huma pancada de cada vez em huma das rodas, ou no bocal da peça, e ver se a peça resfolga pelo ouvido, e não resfolgando, o tentaremos com o diamante, para ver se tem algum impedimento, e com a cocharra, ou saca-trapo, se tire para fóra.

IV.

Tirar-lhe a humidade, antes de carregar a primeira vez; a isto chamaõ: esventar a artilharia; o que se faz, deitando-lhe meya cocharrada de polvora, muito bem chegada ao fogaõ, e escorvada a peça, dar-lhe fogo.

V.

Que a polvora, que andar em barris (me-
lhor

lhor he emborrachão) para carregar a artilharia, ande segura do fogo, e desviada ao menos vinte passos da peça, e que quando se abrir o tal barril, tenão dê pancada, ou golpe algum com pedra, ou martelo, só sim com maffo de madeira.

VI.

Procurar as ballas convenientes ao calibre da peça, conforme a arte, e procurar os tacos.

VII.

Examinar a cocharra, ou cartucho, se são ou não conformes á tal peça; e se a polvora he, ou não capaz, para se lhe dar remedio.

VIII.

Encher a cocharra sobre o barril da polvora, e depois fazela tremer, para deitar toda a polvora, que sobeja, no mesmo barril; e nunca no chaõ, e acompanhar a cocharra com a mão esquerda até a pôr na boca da peça.

IX.

Levar a cocharra, pela alma da peça, sem tocar com ella o superior da alma da mesma peça; e que não fique polvora no seu ouco; e no caso, que fique, levala com o foquete a camera.

mera. E se houver de carregar por duas vezes, na primeira vez, se chegará com o foquete a polvora á camera, e na segunda se carregará, e se conhecerá, que tem chegado a polvora ao fogo, se ás pancadas do foquete sahir polvora pelo dito fogo.

X.

Meter o taco pela boca da peça, e chegarlo á polvora, e foqueteado com oito, ou dez pancadas, tapando o ouvido com o dedo, e depois meterlhe a balla, e chegala ao taco com o foquete, com duas, ou tres pancadas medianas; sobre a balla meter novo taco, e chegarlo á balla com quatro pancadas medianas, e segurar-se o Artilheiro, vendo se a polvora, tacos, e balla fazem hum só corpo.

XI.

Nunca o Artilheiro labore por diante da boca da peça, porque todas as operaçoes se fazem de lado.

XII.

Escorvar a peça com polvora boa, e fina, fazendo rasto sobre a faixa alta da culatra, abrindo primeiro o ouvido com o diamante, e nunca se dê fogo em cima do ouvido, porque voará o bota-fogo, e depois de disparada a peça, alimpar o lugar da escorva com a lançada.

XIII.

XIII.

Se a peça for escravilhada, ou tiver brocas, lavala com agua na sua alma, para lhe apagar alguma faisca, e antes disto taparlhe a boca, e ouvido, porque o fumo a pagará alguma faisca de fogo, que tenha ficado.

XIV.

Tornando a carregar novamente se hade alimpar a alma da peça.

XV.

Nunca carregar a peça descoberta, ou alvorada, quer dizer, à vista do inimigo; porque facilmente póde atirar, e matar o Artilheiro, ou descavalgala.

P. 454. Como se conhece, que está huma peça carregada?

R. Facilmente, metendo o foquete pela alma da peça até a culatra, e notar na haste com hum sinal, até onde chega, e pelo ouvido com o diamante picar o foquete, tirando o foquete para fóra, e estendendo-o por cima da peça, se chegar ao ouvido, e o sinal ficar rente com o bocal, e vier o sinal na massa do foquete, temos a certeza de não estar carregada a peça; porém se o foquete não chegar ao ouvido, nem a massa do foquete tiver a picadura do diamante, he certo que tem a peça dentro na sua camera alguma coufa, que se tirará para fóra, e

novamente se carregará a peça.

455. Sabido isto, vamos a carregar as peças, promptas as ballas, filásticas, cocharra, ou cartucho, laquinho, foquete, lanada, facatrapo, agulhas, polvora, bota-fogo acefo, e posto contra o vento, e a polvora da parte do vento, e arrimadas cocharra, foquete, lanada, entre a roda esquerda, e a falca da carreta, em nome de Deos, e da senhora Santa Barbara, pegará o Artilheiro na lanada, e amiera pela alma da peça, alimpando-a duas, ou tres vezes, dando de cada vez, que tirar a lanada, huma pancada no bocal da peça, para a facodir de algum pó, tendo primeiro tentado o ouvido com o diamante.

456. Encherá o Artilheiro a cocharra de polvora razamente sobre o barril (e dando-lhe huma pancada na haste com a mão: a fará tremmer, para lhe cahir a polvora que leva de mais) e assim cheya a meta pela alma da peça, até chegar á sua camara, levando-a de boca acima direitamente, sem a torcer, para alguma parte, e chegada ao fundo da alma, a tiré para fóra coufa de hum, ou dous dedos, e juntas assim as mãos com as unhas para cima, e firmes lhe dê volta de unhas a baixo, e se vafará a polvora da cocharra, e se tire com garbo, carregando na haste para baixo, para que não traga polvora consigo. Posta a cocharra em seu lugar, pegará do foquete, metendo-o pela bo-

ca da peça, arrastando a haste pela parte de cima da alma da peça, para que o foquete, vá arrastando pela parte de baixo, e hirá ajuntando a polvora.

457. Mandará a hum Artilheiro tapar o ouvido com hum dedo, e arrimará a polvora à camera da peça, dando-lhe hum par de pancadas, para a unir bem, o que se conhecerá, quando sahirem alguns grãos de polvora pelo ouvido ás pancadas do foquete, e se continuará a mesma operação, se se carregar por duas vezes, e acabado se arrimará o foquete.

458. Logo se lhe meterá o taco, que entre pela boca da peça, com bastante justeza, e se puchará com o foquete até chegar á polvora, e hirá levando diante de si, a que estiver pela alma da peça, e arrimado que seja o taco à polvora, e tapado o fogaõ, com toda a força, dous soldados (sendo peça de doze libras para cima) lhe daraõ oito, ou dez polegadas de foquete, para apertar a polvora, e tacaõ em hum só corpo.

459. Feito isto, se o tempo der lugar, se torne a limpar a alma da peça com a lanada, e limpa tambem a balla, e feito o sinal da Cruz com a dita balla na boca da peça, e posto o Artilheiro ao lado da mesma peça, meterá a balla em nome da Senhora Santa Barbara, e com o foquete a cheque ao taco, com duas pancadas

medianas, e depois com novo taco, não grande, e com o foquete o arrume á balla, dando-lhe quatro pancadas, pouco mais que medianas, e tirado o foquete, e posto em seu lugar, tem o Artilheiro carregado a peça.

460. Feito isto, retirará a polvora, ou a porá bem guardada do fogo; e metendo o diamante pelo ouvido (note-se a diferença das peças para usar do diamante, ou de ferro, ou de lataõ) se furará a polvora dentro, e se escorve a peça, e se lhe faça rasto, com esta diferença, que se der fogo da parte direita, olhando para o calcavel, o rasto há de ser sobre a faixa alta da culatra, e se der fogo da parte esquerda, o rasto há de ser sobre o primeiro reforço, para a parte dos munhoens; e desta fórma está a peça prompta, para se disparar cada vez, que o mandarem.

461. Quando houvermos de carregar a cartucho, não temos mais, que pôr o cartucho na boca da peça, e com o foquete levalo à camara, e o mais, como a cima: ou pôr o cartucho na cocharra, e levalo à camara, virando a dita cocharra, como na polvora; e o mais, como temos dito. As peças que carregão a cartucho, não tem necessidade de taco, mais que sobre a balla.

462. He necessario o Artilheiro ter grande cuidado, quando carregar com saquinho, delhe não

naõ trocar os extremos, levando a balla, ou mitralha, para a camara, e a polvora para a boca; isto naõ he novo, ja tem succedido, etem succedido meter a balla mestra primeiro que a polvora.

P. 463. Tenho visto fazer dous golpes em Cruz no cartucho; he isto circumstancia precisa?

R. Naõ; isso hea anrigamente; porẽm he melhor depois de metido o cartucho na camara da peça, darlhe duas pancadas de loquete, e com o diamante metido pelo ouvido, picar o tal cartucho; e logo carregar a peça, como temos dito; e se alegra novamente o ouvido com o tal diamante, e se elcorva; desta fórma nos livramos de alguma desgraça.

P. 464. Como se conhece, que estã a polvora soqueteada, capaz de se lhe meter a balla?

R. Conhece-se, metendo-lhe o diamante pelo ouvido, e se entra folgadamente, ainda a polvora naõ estã soqueteada, como convem; e he necessãrio soqueteala mais. Esta deligencia se faz antes de se lhe ter metido a balla.

P. 465. De que saõ os tacos?

R. Os tacos, ou filásticas, saõ de palha, feno, mialhar, a que chamaõ filásticas; e estas fazem mais resistencia à polvora.

P. 466. Temos falado em ballas enramadas, palanquetas, &c. como se carregã as peças com
leme-

semelhantes ballas? R. Facilmente, porque as ballas de qualquer fôrma que seja, não sendo esféricas, se guarnecem com filásticas, engrossando-as nos ramaes, de fôrma que venhão a ficar da grossura do diametro da balla mestra, e as de ponta de diamante, em huma ponta se guarnecerão de filásticas, ficando da mesma grossura, que a balla mestra; e na outra ponta se lhe meterã hum foquetinho de madeira do mesmo diametro da balla mestra, furado no meyo, em que em caixe a ponta de diamante, de fôrma, que vimos a fazer estas ballas de tal sorte esféricas, que não se embaracem no seu movimento pela alma da peça.

Fig. 53.

467. A balla de pernas, he para fôgos artificiaes, e se guarnecem á roda até encher a altura dos pernos. Figura 53.

468. Havendo de carregar com lanternas de balla miuda, que he cartucho de fôlha de lata, ou dados de ferro, ballas enramadas, palanquetas, teremos o cuidado de que vão em faquizeis, e prezos por hum cordel, que laya fóra da boca da peça, para se tirã cada vez que se quizer: este cordel vay prezo em huma aza, que tem os taes faquizeis, que se chama alça.

469. Como se carregã as peças, com diferentes especies de cartuchos, aqui os ponho para se regularem, quando a occasião o permitir.

A.

A. Cartucho de madeira cheyo de balla miuda, com sua tapadoura. Fig. 53.

Fig. 53.

B. Cartucho, ou lanterna de folha de lata com sua tampa cheyo de balla miuda, ou mitralha. Figura 53.

Abaze destes cartuchos, tem de diametro o mesmo diametro da balla mestra, e de comprimento, hum diametro, e hum quarto, cujo fundo, he da mesma lata, e se enche de balla miuda, ou mitralha, até a altura de hum diametro, e se tapa com huma tapadoura de pão, cuja altura he igual a hum semidiametro da balla; e metida no cartucho de folha de lata, no que resta, se préga o cartucho de pano, ou pergaminho, com pregos de cobre, como, figura 53. A A, e seu perfil A B em lugar de balla mestra se metem estes cartuchos.

C. Cartucho de folha de lata, fechado com sua tampa de madeira, em que se prégaõ as pontas do cartucho de pano. Fig. 53.

D. Cartucho em forma de pinha, que tem hum prato de madeira por baze, e huma balla de mediocre diametro, e em cima semeada de ballas de chumbo, temperadas em pez, ou alcatraõ, figura 53. com a sua camiza E, feita ou de pano, ou madeira para cobrir as ballas. Tem de alto este cartucho D, diametro e meyo da boca da peça.

São bons, para atirar no mar; porque todas

das as ballas se empregão sendo de perto.

F. Cartucho, em fôrma de caicho de uvas, que tem por baze hum prato de madeira, e nõ seu meyo hum noel, ou páo, ao redor do qual se fêmeaõ ballas temperadas em alcatraõ, ou pez. *Figigura 53.*

Este cartucho tem huma camiza, em fôrma de rede, como **E**, para conter, que as ballas não cayaõ : tambem tem camiza de madeira, com que se cobrem, a fim de fazer mais dano, como **G** : o comprimento deste cartucho he de quatro diametros da balla.

Os cartuchos são bons para atirar promptamente, e de perto; porque quando se haja de servir de cartucho de balla miuda, ou mitralha, os de folha de lata são os melhores; porque arrojão as ballas mais longe; a distancia, a que devem atirar he 75 bracas, ou meyo alcance de tiro de mosquete.

P. 470. Como este genero de ballas pésa mais que a balla mestra, a carga da polvora há de ser a ordinaria, que toca á peça, com que se laborar?

R. Não; porque estas ballas, só se atiraõ com peça reforçada, e até dous tiros poderemos dar a carga ordinaria; porém para mais tiros usaremos desta regra para diminuir a polvora.

R E G R A.

71. **P** Esfaremos a balla enramada, palanqueta, &c. e veremos a differença, que tem do peso da balla mestra; se a não tiver usaremos da carga ordinaria escaça, e se tiver differença, repartiremos a carga da polvora pelo numero de libras, que pesa a palanqueta, &c. cujo quociente se multiplique pelo numero de libras do peso da balla mestra, e o producto será a polvora, com que se carregará a peça, que houver de laborar com palanqueta, balla enramada, &c.

E X E M P L O.

72. **S** Eja huma peça de doze libras de balla, e a sua carga saõ seis libras de polvora, pesada a palanqueta &c. achamos ser de quatorze libras: logo dividindo seis libras de polvora, por quatorze libras de palanqueta, dá no quociente tres setimos, que multiplicados por doze libras de balla mestra, dá no producto trinta e seis setimos, e reduzindo a inteiratos, dá cinco libras de polvora, e hum setimo de libra; e com tantas libras de polvora devemos carregar a tal peça.

$$\frac{6}{14} \text{ quociente } \frac{3}{7} \quad \frac{12}{1} - \frac{3}{7} \quad \frac{36}{7}$$

$$\frac{7}{5} \quad \frac{36}{01} \quad 5 \frac{1}{7} \text{ polvora.}$$

T

473.

473. Ainda por outro modo : multiplicaremos o peso da balla meſtra, pelo peso da polvora, que lhe toca; eſte producto dividiremos pelo peso da palanqueta, balla enramada, cartucho de folha de lata, &c. o ſeu quociente he o peso da polvora, com que devemos carregar a tal peça.

E X E M P L O.

474. **S** Eja a peça de doze, cuja polvora ſão ſeis libras; multiplicando doze por ſeis, dà no producto ſetenta e dous, que divididos por quatorze libras, peso da palanqueta &c. dá no quociente cinco libras de polvora, e mais hum ſetimo, o meſmo que a cima achamos.

$$\begin{array}{r} 12 \\ \times 6 \\ \hline 72 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 14 \overline{) 72} \\ \underline{56} \\ 16 \\ \underline{14} \\ 2 \end{array} \qquad \text{ou } 5 \frac{1}{7}$$

He neceſſario grande vigilancia neſtes tiros, não ſó a reſpecto da peça, mas ainda por que ſão curtos.

475. As ballas em braza ſe metem depois de ter carregado a peça, ſó com polvora, e ſeu taco ordinario, que occupe hum diametro da balla, e ſobre eſte taco ſe mete outro de barro, medianamente ataçado, que occupe dous diametros da balla, e o reſto da alma da peça ſe alimpe muito bem com a lanada, enſopa-

da em agua, e depois de a pontada a peça, e escorvada, se lhe mete com bastante pressa a balla em braza, e se chegue com o foquete, tambem molhado, até o taco de barro, e sem lhe meter mais taco algum em cima da balla, se lhe dá fogo. Tambem estas ballas são boas nas batarias de chapeleta.

476. Estas peças leuão pouca polvora, a fim de que as ballas, se movão mais vagarosamente, e me parece boa carga, a quarta parte do peso da balla.

Estas mesmas ballas se atiraõ sómente, com peças de oito, até quatro libras de balla, por serem mais commodas, que as peças de mayor calibre.

477. He necessario ter grande cuidado, que estas peças senão disparem por cima de alguma bataria nossa, porque o barro maltrataria os que se achassem nella, e he necessario tambem, que estas peças sejaõ bem reforçadas, por causa de levarem o taco de barro, que faz huma grande resistencia ao impulso da polvora, e esquentar-se muito a peça, e se a peça não for reforçada poem-se no evidente perigo de reben-tar.

478. Para carregarmos com balla de alumear acampanha, ou balla de fogos artificiaes, se carrega a peça sómente com a quarta parte de polvora do peso da sua balla de ferro, e se foquetêa sobre a mesma polvora, e mete-se-lhe a balla artificial, de se dá fogo à peça, que acendendo

pendendo a balla vay cahir na campanha bastante longe.

479. Ou, carregada a peça, com a quarta parte do peso da sua balla, se lhe metê em cima meyo taco, e se foquetêa, e sobre este, outro enfiado em agoa, para que a balla artificial não pegue na polvora, e logo se lhe metê a balla artificial, e se chega a este tal taco, e por hum estopim, que vay preso na balla, e chega á boca da peça, se dà fogo à balla; e estando intento o fogo da balla (o que se conhece quando sahirem lavaredas pela boca da peça) se dà fogo á mesma peça.

480. São excellentes estes artificios, para atirar às casas dos paizanos, às rumas de madeira, e a tudo o que he combustivel.

481. Há mais huns tiros chamados de chápeleta, que se fazem só com oito, ou doze grãos de elevação, ou pondo a culatra da peça sobre a soleira, cujas peças se carregão com muito pouca polvorá, como meya libra, e ás vezes huma quarta, conforme são mayores, ou menores os seus calibres, sobre a qual polyora se lhe mete sómente o taco, sem o foquetear, e logo se lhe metê a balla, e apontada a peça se lhe dà fogo; porém a distancia, em que haõ de jogar semelhantes tiros, he de secenta, e duas, ao menos, e ao mais, até cento, e trinta e cinco braças; cada braça tem dez palmos: o numero das peças em huma batatiã de chápeleta, deve

deve ser de cinco até dez; porque se as peças são menos de cinco, estes tiros serão muito vagarosos, e dão lugar ao inimigo a fazer seus retrincheiramentos, e se devem disparar hum tiro depois de outro, por intervallos iguaes. Estas peças não recuaõ; razão porque se podem usar de noite, marcando a elevaçãõ, e o lugar das rodas, áquellas, cujos tiros forãõ bons.

P. 482. Que petrechos deve ter huma peça em bataria

R. Cada peça deve ter duas cocharras, dous foquetes, duas, ou tres lanadas, seis, ou oito espeques, huma bimarra, para duas peças, duas cunhas demira, dous frentaes demira, hum, ou dous bota-fogos, dous faca-trapos, huma máquina de montar, ou desmontar artilharia, e ter de mais na bataria, dous ou tres foquetes, outras tantas lanadas, algumas carretas de sobreceleste, para remontar as peças, no caso, que o inimigo as desmante.

Deve tambem ter cada peça, hum faco de couro grande (ou borrachão) capaz de levar vinte libras de polvora, para encher as cocharras.

O uso deste faco impede o rasto das polvoras, que ordinariamente se faz nas batarias, usando de barris, e por este meyo se livra de algumas desgraças, que as devemos evitar, quanto nos for possível. Entre cada duas peças humana com agua para as refrescar.

P. 483.

- P. 483. Que he bataria?
- R. Bateria, he hum lugar, onde se poem a artilharia para atirar ao inimigo. Há diferentes especies de batarias: como.
484. Bateria levantada, que he aquella, cujos parapeitos, e leitos sobre que joga a artilharia, se fazem sobre acampanha em altura conveniente, e são as batarias mais ordinarias, e as melhores de todas; e se estaõ sete e meyo, ou nove palmos levantados os leitos, em que joga a artilharia, ainda são muito melhores.
485. Bateria enterrada, que he aquella, cuja plata-fôrma, ou leito de madeira, para sustentar o peso das rodas das carretas, he enterrada, de sorte que seja necessario fazer abertura no terreno natural, para servir de canhoneiras.
486. Bateria cruzada, he aquella, cujos tiros se encontraõ no alvo, que bate, com os tiros da outra bataria, para causar mayor ruina.
487. Bateria a escarpa, que he aquella, que bate a muralha obliquamente.
488. Bateria de enfiar, que he aquella, que raza, ou lava todo o comprimento de huma linha recta.
489. Bateria de révez, he aquella, que bate pelas costas, e algumas vezes por causa destas batarias,

tarias, se tem rendido as Praças.

490. Bateria á barba, he aquella, em que as peças jogão descobertas, por cima dos parapeitos, e sem canhoneiras. Ordinariamente só as hã em batarias do mar, e sobre a contra escarpa do fosso.

Raras vezes na campanha se atira de dia com estas batarias, pelo muito perigo.

As batarias se fazem por tres motivos, ou para abrir brecha, ou desmontar a artilharia do inimigo, ou para fazer defalojar o inimigo das suas defensas.

P. 491. Que são canhoneiras?

R. Canhoneiras são humas aberturas nos parapeitos das Praças, e na campanha são aberturas, ou nos parapeitos das mesmas batarias, ou entre os cestoens, pelas quaes jogão as peças da artilharia como A, figura 54. e o que se acha entre canhoneira, e canhoneira se chama merlão, como, B.

P. 492. Quaes são as causas, porque rebentaõ as peças, e seus remedios?

R. São bastantes: como não terem seus metaes proporcionalmente á roda da sua alma, por faltas; nesta falta entraõ tambem as peças escravalhadas, e broqueadas por dentro, ou por fóra; e as peças ladeadas, e de má metal. O remedio, he carregar a peça com menos polvora, como temos dito: se o metal he incapaz, ou nos não havemos de servir da peça, ou lhe

have-

havemos de dar fogo por hum rasto.

493. Nas peças escravaliadas, ou broquêadas, além de lhe diminuirmos a polvora, havemos de lavalas bem por dentro, com a lanada enfiada em agua, a cada tiro, e enchugada com outra lanada seca.
494. Se as ballas, com que se carregão as peças, não tem o seu devido vento; porque entrando justas as esfentaõ demaziadamente.
495. O remedio he refrescar a peça, e buscar ballas, com o vento proprio à tal peça, e bem esfericas.
496. Se a balla, ou mitralha, com que se carga a peça, tem mais peso, que a balla mestra, tabem a peça tem perigo de arrebenatar.
497. O remedio he peso igual ao que a cima dizemos, diminuindo-lhe a polvora. Se na alma da peça, depois de carregada, por descuido, ou malicia, ficar alguma pedra, prego, ou cunha, serà causa de arrebenatar a peça, ou se na polvora, levar solimaõ, ou azougue (destes dous não tenho experiencia) o remedio, he alimpar a alma da peça, e terà grande cuidado, que a polvora não tenha o a cima dito.
498. Tambem arrebenatã as peças pelo excessivo calor de muito atirar.

499. O remedio, he reconhecer, quando estaõ as peças esquentadas, que será quando o metal muda de cor, e se faz rouxo, principalmente no collo, e refrescalas por dentro, com a lanada enfiada em agua, e por fóra com mantas, ou pelles de carneiro, tambem enfiadas, e viradas com o pelo para a peça, embrulhando as á roda. O Artilheiro deve ter grande cuidado de tocar com a mão a peça, com que está laborando, e se a achar com demaziado calor, não use della, até a não refrescar. As peças no Inverno se refrescaõ de seis em seis tiros, e no Verão de cinco em cinco; e com peças pequenas basta de dez em dez. Usando de cartucho de pano, ou papel, se alimpaõ as peças com a lanada de tiro em tiro, e sendo cartucho de pergaminho, ou camelaõ, detres em tres tiros.

Finalmente arrebentaõ as peças por descuido, e pouco saber de quem as maneja, como não fazendo hum corpo de polvora, tacos, e balla.

O remedio, he fazer de tudo hum só corpo.

Quando as peças estaõ muito esquentadas, he bom modo abaixalas del culatra, e tapar-lhe o fogaõ, deitando-lhe agua dentro, quanta poder caber, e estando algum tempo, deitala fóra, e baixandõ-a de boça; e se for necessario, deitalhe nova agua.

503. As peças de ferro, se refrescaõ com borras de azeite, ou cebo. He excellente modo, porém ordinariamente não se faz; e eu aconselhara, que nas armas de pederneira se lhe não dê azeite por dentro; porque nunca se porá huma balla no alvo, e o mesmo entendo lerá nas peças; porque as graxas as esquentão demasiadamente; quando não há agua, para se refrescarem as peças, se lhe diminue a carga até ficar em hum sexto do pelo da sua balla de ferro, aqual diminuição o prudente Artilheiro regulará, não só a respeito da peça, mas tambem do alcance da balla.

504. O mayor numero de tiros, que huma peça pôde atirar em huma hora, são dez, com peças grandes, e tendo a tirado trinta tiros, se deve deixar descansar a peça, por espaço de huma hora.

Com peças de huma libra já atirei vinte e dous tiros em hum minuto, e atirára mais, se fosse necessario.

P. 505. Como são essas peças, e como se manejaõ, para darem tantos tiros?

R. Estas peças, são de huma libra de balla, cujo comprimento he de seis palmos na sua alma, e se carregão, com cartucho de camelaõ, ou outra qualquer cousa, que se lhe não pegue fogo, no qual vay, ou a balla mestra, ou a balla miuda, sobre hum pratinho de madeira, e se foqueteaõ, com hum foquete de duas haf-

tes, unidas por duas alças, ou azas de couro, escorvaõ-se com espoletazinhas de folhas de Flandes (podem ser de cartas de jogar) e se lhe dà fogo, por meyo de hum bota-fogo cheyo de certo misto (eu acho melhor o morraõ) a sua carreta he diferente das ordinarias; eu fiz esta operaçãõ na Beira, em presença do meu Mestre o grande Engenheiro mór, do Reyno, Manoel de Azêvedo Fortes, e do Brigadeiro Antonio Monteiro de Almeida, e Jacinto Lopes Tavares, que entãõ governava a Praça de Almeida, no anno de 738; e este de 742 o fiz nesta Cidade do Rio de Janeiro, em presença do meu General Gomes Freyre de Andrada, e do meu doutissimo Mestre de Campo Andre Ribeiro Coutinho, e de todos os mais Officiaes desta Praça.

P. 506. Tenho visto o como se carregaõ as peças, quero agora saber, como se fazem as pontarias.

R. Facilmente se fazem as pontarias especulativamente he o seguinte.

M O D O.

07. **P**ondo-se o Artilheiro dentro do reparo na culatra da peça (pôde estar fóra de traz da conteira) com hum olho fechado, outro aberto, e pelas joyas busque a raiz do alvo, e logo pela mesma joya da culatra, e pelo frontal de mira, se vã demandar o alvo, nas peças de grande calibre, hum palmo esfor-

gado por cima do mesmo alvo, e nas peças de pequeno calibre, meyo palmo, de forte, que fiquem estes tres pontos, em huma linha recta, e temos feito a pontaria. Esta linha visual, he quasi paralléla à alma da peça.

508. Tambem he boa pontaria, buscando a raiz do alvo pelas joyas primeiramente, e depois com huma regra, bem galgada, posta da mais alta faicha da culatra até a boca, id est, de joya a joya, sobre as mesmas joyas, e com hum nivel por cima, pôr a tal regua paralléla ao horizonte, de forma, que a peça fique com elevação sobre o mesmo horizonte: Posta a peça nesta situação, se busque o alvo (tirando a regua) pelas mesmas joyas, que se descobrir, certamente daremos no alvo.

509. Quando se atira, por elevação por cima do horizonte, ou por baixo, sempre se faz a pontaria, como temos dito, fazendo-a primeiro, por joya.

510. He necessario advertir, que por mais julteza, que haja nos tiros feitos em huma bateria, he preciso começar a atirar de baixo, para cima, até, que acertemos no alvo, e sendo os tiros de perto (que são os verdadeiros) a melhor pontaria, he encher a boca da peça do alvo, a que queremos atirar, e dar fogo á peça.

P. 511. Como se dá elevação às peças?

R. Facilmente, porque não há mais que pôr o instrumento de dar elevação às peças (a que eu chamo nova esquadra) sobre qualquer faixa, ou na culatra, ou bocal, ou no lizo do fogaõ, ou no collo; e ver os grãos, que queremos, e assim mandar, ou levantar a peça de joya, ou de culatra, até que o mostrador chegue aos grãos pedidos, e temos dado a desejada elevação á peça. Eu prefiro esta nova esquadra, ás mais esquadras, porque com esta não importa, que a boca da peça esteja, ou fóra do parapeito, ou dentro da canhoneira, e com a esquadra ordinaria, não sey como se possa fazer isto commodamente, e sem perigo evidente. O tiro feito pela elevação de quarenta e cinco grãos, alcança o dobro do tiro feito por quinze: os tiros igualmente distantes de quarenta e cinco grãos, são iguaes, como o tiro feito por trinta e cinco grãos alcança o mesmo, que o tiro feito por cincoenta e cinco grãos porque de trinta, e cinco grãos, a quarenta e cinco vão dez, e de cincoenta e cinco grãos, a quarenta e cinco vão os mesmos dez grãos de diferença; porque são igualmente distantes de quarenta e cinco grãos.

512. Querendo conhecer o mayor alcance de huma peça, basta fazer o tiro pela elevação de quinze grãos, e a distancia, que alcançar dobrada, he o mayor alcance, a que a peça pôde chegar. Como se huma peça pela elevação de quinze grãos alcançou cento e cincoenta bra-

ças,

ças, pela elevação de quarenta e cinco grãos
o alcançará trezentas, mayor alcance possível da
tal peça.

513. A experiencia mostra, que huma peça de
trinta e tres libras de balla alcança de toda a bol-
ollada 2250 braças; e por 15 grãos alcança 1125
braças; e horizontalmente alcança 225 braças,
e meya. A peça de 24 libras de balla alcança
de toda a bolada 2250 braças, e por 15 grãos,
o 1125 braças, se horizontalmente alcança 225
braças e meya.

A peça de 16 libras de balla, alcança de to-
da a bolada 3000 braças, e por 15 grãos, 1500
braças, e horizontalmente, 300 braças.

A peça de 12 libras de balla, alcança de
toda a bolada, 1875 braças; e por 15 grãos
937 $\frac{1}{2}$ braças, e horizontalmente, mais de 168 $\frac{1}{2}$
braças.

A peça de 8 libras de balla alcança de to-
da a bolada, 1875 braças; e por 15 grãos 937 $\frac{1}{2}$
braças, e horizontalmente 150 braças.

A peça de 4 libras de balla, alcança de to-
da a bolada, 1125 braças; e por 15 grãos 562 $\frac{1}{2}$
braças; e horizontalmente, 112 $\frac{1}{2}$ braças.

A peça de 2 libras de balla, alcança de to-
da a bolada, 552 $\frac{1}{2}$ braças; e por 15 grãos,
276 $\frac{1}{2}$ braças; e horizontalmente, 55 $\frac{1}{2}$ braças.

Por 514. Porque não tratamos dos mais alcançes?

R. Porque senão sabem pela experiencia, pe-
ta boa-

taboadas dos Autores são falsas, não só pelas seus fundamentos, mas ainda pelas infinitas mudanças, que se achão nas peças, que não dão lugar a averiguar a verdade, e me parecem semelhantes taboadas escuzadissimas, por não servirem mais, do que para mostrar a engenhosa invenção de seus Autores, e na pratica não tem utilidade alguma. Os que laboraõ com artilharia comhecem esta verdade.

515. Assim como tambem acho mais utilidade á esquadra, ou seja de Tartaglia, ou de Torroceli, do que para pôr huma peça com a sua alma parallelá, ou por baixo, ou por cima do horizonte, e para marcar a elevação, que se dá a algum tiro, para continuar com mais, com esta mesma elevação, que para conhecer os alcançes das peças, não presta para nada: porque por mais experiencias, e calculos, que tenho feito, nunca a balla foy à parte, que pretendia, e a razão, com que rejeito o uso destas esquadras, se póde ver no meu Tratado da Artilharia.

516. Porêm aconselho aos novos Artilheiros, que sigão o parecer daquelles, que tem experiencia das peças, porque vale mais hum pouco de uso, e experiencia de Artilheiro, que sabe, do que todas quantas esquadras há.

P. 517. Como se dá fogo á peça?
R. Pegando o Artilheiro no bota-fogo (ou morraõ)

saõ) bem acezõ, e de bom cravo, na maõ direita, com as costas, para a bolada, e à voz, que ouvir do seu Commandante: fogo; chegará com o morraõ ao rasto da escorva, e dará fogo; e logo fará meya volta à esquerda, sobre o pé esquerdo, para se livrar do recuo da peça.

P. 518. Todas as pontarias assim feitas, são justas?

R. Não; porque tem muitos defeitos.

P. 519. Quaes são, e as suas emendas?

R. Não ter a peça os munhoens assentados em linha recta, hum com outro, e a esquadria com os metaes, e alma da peça, como estar hum mais dianteiro, ou mais alto, que outro: com este defeito faz a peça o tiro aveço.

O remedio, he estarem assentados os munhoens em linha recta, engrossando as munhoneiras, onde houver falta, metendo-lhe huma chapa, ou por baixo, ou por diante, ou por de traz, mas he muito máo remedio; porém querendo-se ular da peça, não há outro.

P. 520. Que são munhoneiras?

R. Munhoneiras, são aquellas aberturas, que tem as falcas da carreta, onde se encaixão os munhoens da peça.

P. 521. Que proporção há de ter o assento dos munhoens?

R.

R. Eu figo (e he melhor) que dividindo o comprimento da peça, em sete partes iguaes, na terceira, contando da culatra, para a boca, menos huma polegada, se assentem os munhoens, *Fig. 8.* contando a sua grossura desta polegada, para a culatra. *Figura 8.*

Isto he quanto ao comprimento da peça; porèm o assento dos munhoens, no que respeita a grossura da peça, he, que fação huma linha recta, e sejaõ tangentes com a peça, pela *Fig. 55.* parte de baixõ da mesma peça, como, *fig. 55.*

Ou, que descontando huma polegada da superficie convexa inferior da peça, dahi para cima, se assentem os munhoens, como, *figura 56.* *Fig. 56.* e he o melhor modo.

P. 522. E os defeitos, que os Autores lhe poem?

R. Saõ facilissimos de remedear, com boas sobre-munhoneiras; e as peças com os munhoens desta fórmula, saõ melhores, para se laborar com ellas.

P. 523. Logo todos os munhoens, que não estiverem assim assentados, saõ defeituosos?

R. Quanto a mim, claro està, que saõ; porque se estiverem mais chegados à boca, fazem a peça pezadissima da culatra, e se estiverem mais chegados à culatra, fazem cabecear a peça, que vale o mesmo que fazela abaixar de joya; e o remedio neste caso, he pôr-lhe pelo no cascavel.

Se estaõ mais para a parte superior da peça, fazem que se enterre a peça na sua carreta,

e causa o não se dar elevação á peça, e os munhoens, antes devem estar mais chegados à superfície inferior da peça do que superior; porque o primeiro remedeia-se com sobre-munhoens; o segundo tem muito mão remedio, ou para melhor dizer nenhum.

524. O segundo defeito das pontarias, he estar a alma da peça ladeada; porque os tiros darão aveços.

Como a alma da peça póde estar ladeada, para qualquer dos lados, direito, e esquerdo, alto, e baixo, o remedio deve respeitar, onde a balla percute; o que a experiencia mostrará, se a balla der aveça, para a direita, se porrá na faixa alta da culatra (estando a peça apontada como no primeiro tiro) a distancia, que baste á esquerda, para que pela joya do bocal, vá o rayo visual demandar o ponto, em que ferio a balla, e logo por este ponto achado na faixa alta da culatra, se tornará a fazer a pontaria pela joya do bocal, a demandar o alvo proposto, e de necessidade ficará emmendado o tiro.

Se a balla der aveça para a esquerda, em tal caso a distancia na faixa alta da culatra, se tomará da sua joya, para a parte direita, até descobrir o ponto, em que a balla percutio, e o mais como a cima.

Quando a alma da peça seja ladeada, para baixo, ou para cima, percutindo a balla, para cima, ou para baixo diretamente do alvo proposto, a emmenda se fará desta sorte.

Se

Se for, para baixo se acesse a peça, como no primeiro tiro, e se levantará na joya da culatra huma pequena de cera, ou outra coufa (a isto chamaõ mira) tanta quantidade, quanta baste, atè descobrir o golpe da balla: isto feito, se acesará a peça ao alvo proposto, dirigindo a linha da pontaria, ou rayo visual, por cima da cera, e joya do bocal, e assim dará a balla no alvo.

Se a balla percutir o alvo, por cima, e direito, á mira que se punha na joya da faicha alta da culatra, se porá na joya da faicha alta do bocal, tanta quantidade, quanta baste, a que pela joya da culatra, e por cima da mira, se descubra o golpe da balla, e a ceste-se a peça, como no primeiro tiro, e depois se busque o ponto da mira, ou visual pela joya da culatra, e por cima da mira a de mandar o alvo dito, e a balla percütirá justamente o alvo.

Póde este defeito participar de aveço, para a direita, ou para a esquerda, e juntamente dar alto, ou baixo, como acontecerá, quando a peça seja ladeada, para a parte esquerda, e para baixo, que neste caso dará a balla á esquerda do alvo, e por baixo d'elle.

Entaõ se devem emmendar ambos os erros, acesando primeiro a peça, como no primeiro tiro, e tomando ao lado contrario da joya da culatra, o que baste, para que vá demandar a visual a parte, onde ferio a balla, e neste ponto se levantará a mira, para que por cima della, e da joya do bocal, se descubra o golpe

da mesma balla, o que feito, e aceitada a peça fazendo a pontaria, por cima da mira, e da joya do bocal ao alvo, que se pretende, nelle hirá percutir a balla.

Se a balla der ao contrario, isto he, para a parte direita, a emmenda se fará da mesma forte, que se tem dito, sobre a faicha alta da culatra, para a parte contraria.

Da mesma forte, se emmendarão os tiros, que derem aveços, para cima do alvo proposto, pondo-lhe amira sobre a faicha alta do bocal, e aceitando a peça, como no primeiro tiro, e do ponto da joya da culatra, por cima da mira, se vá demandar o golpe da balla; e sendo assim apontada a peça, se vá novamente demandar o alvo proposto, pela visual da joya da culatra, e por cima da mira, e ficarão emmendado o tiro.

Quando a alma da peça estiver por igual, entre os seus metaes, e feita apontaria à rais do alvo, acertamos, e continuaremos com os tiros; porém, quando não dermos no alvo, por ser o tiro comprido, que he o mesmo que alto, neste caso poremos humia mira sobre a joya do bocal, tão alta, que pelo seu extremo, e joya da culatra vejamos o lugar onde deu a balla: logo tirando amira, e pelas joyas, faremos nova pontaria a esta mesma parte, e certamente daremos no alvo.

Porém se o tiro for curto, tornaremos a apontar a peça, pelas joyas, como no primeiro tiro; e sobre a joya da culatra lhe poremos mira

de tal fôrma alta, que pelo seu extremo, e joya do bocal, vejamos onde deu a balla: logo tirando a mira, buscaremos, por joyas, este mesmo ponto, e disparada a peça daremos no alvo.

525. Mas se o Artilheiro não tiver, com que pôr a mira, fará apontaria, por joyas, à rais do alvo, e se lhe não acertar, fará outra pontaria, pelas mesmas joyas, ao extremo superior do alvo, e se ainda lhe não acertar, use o Artilheiro do seu juizo prudencial, fazendo a terceira pontaria, ao meyo destas duas, ao terço, ou conforme os dous primeiros tiros, que forão hum comprido, e outro curto, e acertará no alvo.

Este he o melhor modo de emmendar as pontarias.

526. Quando a peça está bem fundida, e bem montada, e bom leito, em que joga, a má pontaria nasce do máo Artilheiro, o remedio, he apontar a peça bem, e com as circunstancias, que ella pede. Prática he esta que só a experiencia ensina; e o Artilheiro, pelo uso que tem de laborar com semelhantes peças, poderá emmendar os seus tiros ladeados.

527. Bem se vê a grande justeza, que especulativamente se dá no modo de emmendar as pontarias das peças ladeadas, mas praticamente nunca se acerta no alvo, por mais emmendas, que lhe fação, e se acerta, he por erro, e talvez entre cem tiros será hum.

528. Tambem se vê o grande prejuizo, que se segue ao serviço de tua Magestade, de se aceitar peça ladeada, por pouco, que seja; e era útil ao Real serviço, que se castigassem aquelles officiaes, que tem a seu cargo, aprovar as peças, com semelhante defeito; porque metem no Real serviço instrumento, que tira a honra aos Artilheiros, e talvez em presença dos seus Generaes, sem nunca poderem acertar hum tiro, cujo defeito, mais se attribue ao pobre official de artilharia, que á peça.

P. 529. Póde-se pôr huma peça, como no primeiro tiro?

R. Poem-se facilmente; porque logo no primeiro tiro se lhe marcaõ os grãos da sua elevação, e para o segundo tiro chegamos a peça á bateria, e lhe damos a mesma elevação, e depois a dirigimos a buscar o alvo.

530. O tiro, que se faz, quando a alma da peça, he paralléla ao horizonte, he quando se lhe poem a nova esquadra, sobre qualquer faixa, ou lizo do fogaõ, ou collo, e o mostrador cahe na linha do meyo marcada, o que he sinal de estar perpendicular ao horizonte, e alma da peça paralléla ao mesmo horizonte. Esta nova esquadra só se póde pôr nas faixas das peças, lizo do fogaõ, collo da peça, e não se póde pôr nas mais partes, por estarem obliquas, para a boca da mesma peça, e he necessario muito esta advertencia.

531. O terceiro defeito he, quando as rodas da carreta são defiguaes: este defeito se conhece, pondo huma regua, bem galgada, sobre ellas, e hum nivel, e ver, se as rodas estão niveladas, ou para que parte inclinão, e desta parte estará a menor roda. Neste defeito entra o de estarem as munhoneiras huma mais funda, que outra; o mesmo defeito he ter a peça hum munhão mais alto, que outro. O remedio he buscar novas joyas, e usar dellas, e este mesmo remedio tem as peças, que jogão em leitos, que não estão de nivel.
532. O quarto defeito, he ter a carreta huma munhoneira mais larga, que outra: neste mesmo defeito entra o de não estarem as munhoneiras em linha recta, e a esquadria nas falcas da carreta, mas huma mais dianteira, que outra.
- O remedio, he pregar-lhe hum prego de cabeça chata na munhoneira, pela parte de diante do munhão, onde ella não encofsta, nem faz força ao disparar da peça: o mesmo remedio da chapa, he nas munhoneiras fundas.
533. O quinto defeito, he ser a balla mais pequena, do que pede a bocadura da peça, o remedio, o temos dito; e o melhor he ter ballas prevenidas.
534. O sexto defeito, he ter o fogaõ dianteiro, e pôde ser tal, que só o tapalo, e abrir novo ouvido será remedio. Este defeito não he para o ti-

O tiro, he sim para a carreta; porque logo a despedaça.

P. 535. Só há estes defeitos?

R. Os Autores trazem mais, e eu os repito no meu Tratado; porém não são defeitos, para as pontarias, e o bom juizo prudencial, e a necessidade, mostraõ as emmendas, e remedios, que se devem fazer, e em que casos.

P. 536. Falamos em joyas, tomara saber o que são, e o para que servem, e como se buscaõ?

R. Joyas, são os mais altos pontos das faichas altas da culatra, e bocal: servem para por elles se fazerem as pontarias; buscaõ-se assim: atraveça-se sobre a mais alta faicha da culatra hum regua denivel, para ficar paralléla ao horizonte, e se deichaõ cahir dous plumos de tal modo, que os fios toquem por ambas as partes o metal da faicha alta, como A B, C D, figura 57. e a distancia A C, entre os plumos se divide pelo meyo, em E, e em direito da dita divisão E, se faça hum sinal na peça, que será a joya na faicha alta, em que se tomou, como na faicha alta da culatra; e o mesmo se fará sobre a faicha alta do bocal.

Fig. 57.

537. He erro sinalar estes pontos com lima, ou fundilos com a mesma peça; porque póde a peça posta na bateria não estar na posição, que tinha, quando se notaraõ estes pontos das joyas.

538. Estes mesmos pontos, em caso de necessidade se podem pôr ao lado da peça, em a faixa alta do segundo reforço, ou em qualquer outra parte da peça; veja-se o meu Tratado.

P. 539. Que he vivo, e como se busca?

R. Vivo, he ametade da differença, que hã entre o diâmetro da culatra, e o diâmetro do bocal (ou em outra qualquer parte) e he o mesmo que igualar os metaes do bocal com os da culatra; busca-se assim: com hum compasso de pontas curvas, se a brace a peça na mais alta faixa da culatra, e esta distancia se porã sobre huma linha recta como AB, figura 58. *Fig. 58.* e passando o mesmo compasso á mais alta faixa do bocal, tomando-lhe o seu diâmetro, com elle viremos á mesma linha recta, e o poremos do mesmo ponto A até F, e a differença FB, se dividirá em duas partes iguaes, em G, e huma destas partes GF, ou FB, serã o vivo da peça; e com esta medida se farã o frontal de mira; os mais modos de buscar o vivo se vejaõ no meu Tratado da Artilharia.

540. Hã circumstancia em buscar o alvo, a que se atira?

R. Há muitas circumstancias, como, quando o alvo de alguma pontaria for a demolir, ou bater huma muralha, se porãõ as peças o mais proximo possivel; e se farã a pontaria (se poder ser) ao terço da altura da muralha, proxima do terreno natural.

541. He boa distancia, para bater de centô e trinta e cinco braças, até cento e quarenta e quatro. As ballas vão com a mayor velocidade possível até a distancia de 630, ou 720 braças, e daqui para diante vay a balla diminuindo a sua força.
542. Se a pontaria for a demolir as defensas, arruinar os parapeitos, e flancos, se fará a pontaria por baixo do cordão, dous ou tres palmos, isto he, quando a peça fique em plano inferior aos parapeitos, e se ficar horizontal, se apontará pela rais do cordão.
543. Se a bateria for superior por cima dos parapeitos, se baterá por cima delles, para descavalgar a artilharia.
544. Se a peça for acestada á cavallaria, ou infantaria, em campanha raza: a cavallaria, será apontada a peça, pelos peitos dos cavallos; e á infantaria, pelas cintas dos soldados.
545. Se o terreno for pedregoso se deve fazer o tiro mais curto alguma coula, para que com os estilhaços das pedras, e chapeletas das ballas faça mayor dano.
546. Se a cavallaria for de galope, ou algum cavallo particular, que passe atraveçado, se deve reparar na pressa, com que marcha, e a distancia, em que vay, para assim se a pontar a pe-

a peça mais, ou menos adiante, conforme a experiencia; que houver da peça.

547. Tambem se deve fazer reflexão ao vento, que corre, se he brando, ou rijo, para se inclinar a pontaria sobre o vento. O mesmo se deve praticar com qualquer pessoa, e sempre estes tiros se fazem com peças de huma libra, até tres, ou ao muito quatro: com peças de huma libra, he o melhor.

548. O mesmo he, para qualquer navio, que vá velejado; porém com esta consideração, que se deve dar fogo, quando vâ direito o navio, e conforme a inclinação do balanço de hum, e outro navio, e he necessario, que o Artilheiro seja pratico em medir estes tempos.

549. O mesmo se deve considerar no arfar do navio, quando der caça a outro. Da parte do navio, a que se atira se deve considerar o cavar dos mares, o quanto se levanta, ou abaixa, e medir o tempo de dar fogo, que será aquelle, que baste, a que a balla chegue a tempo, que o navio contrario suba sobre as ondas.

550. O Artilheiro que andar embarcado, deve ser juntamente marinheiro, para saber mandar á via, e pôr o navio em conveniente posição de disparar; como tambem observar as distancias, que no mar são enganosas, e parecem menos, do que são.

551. Se a peça se aceitar da terra, para o mar a alguma embarcação, se repare (como temos dito) se o navio passa atravessado, com vento largo bonançoso, ou a remo, para que assim se lhe ponha a pontaria mais, ou menos dianteira, respeitando as distancias.
552. As peças no mar não alcançam tanto, como na terra; porém os tiros da terra, para o mar, são com muito pouca diferença aos mesmos, que os do mar, para a terra.
553. As ballas encadeadas, enramadas, palanquetas, de pernos, e outras que se usão nas pendencias navaes, não cursaõ tanto, como a balla mestra; por isso se devem atirar de distancia conveniente.
554. O mesmo se entende dos cartuchos de balla miuda; e quando em huma praça se houverem de usar destes cartuchos; sempre a pontaria se deve fazer mais curta, do que com balla mestra, pela razão a cima.
555. Se o navio navegar transversalmente, e depreça se fará o acesto a dous corpos do navio, adiante da sua proa, e dar fogo à peça, quando tiver passado corpo e meyo.
556. Se navegar com tempo fresco moderado, se aceitará a peça a hum corpo do navio adiante, e descobrindo a proa, se dará fogo à peça.

557. Se navegar com calma, a remos, e vella, se acestará a peça a meyo corpo do navio adiante, e emparelhando com o fogoão, se dará fogo à peça.

558. Se o navio for entrando por alguma barra, se fará a pontaria ao meyo do corpo do mesmo navio, e absolutamente todo o tiro, que se fizer aqualquer navio, para se deitar a pique, hà de ser ao lume da agua, e para delalvorat aos mastros, e inçarfias.

559. Se o navio navegar de noite, e com receyo de encontrar navio inimigo, se acestará a artilharia horizontalmente, para o Artilheiro a poder disparar com presteza, sem se deter a fazer pontaria, por ser impossivel fazela certa, para cujo effeito darei aqui huma cunha.

560. Deve tirar a balla mestra a algumas peças, e meter-lhe alguns dos cartuchos, que temos dito, e de dia se tirarão estes cartuchos, e se lhe meterão as ballas mestras.

561. Deve tambem o Artilheiro ter carregadas algumas peças da bateria de baixo, quando as hà, com ballas encadeadas, palanquetas &c. o Artilheiro, no mar, terá cuidado de prevenir todas as cousas necessarias. He commum, que todas as peças no mar, se carregão com cartuchos, para mayor segurança, brevidade, e commodo; deve o Artilheiro ter prevenido

quan

quantidade delles, já feitos, conforme as pe-
ças, a que haõ de servir, afinando-os por fó-
ra, e as libras de polvora, que leva cada hum,
e o final que tiver o cartucho, o há de ter a
peça; e isto deve ser muito observado.

562. Deve mais o Artilheiro no mar, quando
carregar a peça pedir cartucho de tantas libras
de polvora, como, se a peça, com que labo-
ra, for de 12 libras de balla, pedirá cartucho
de 12, e metelo na peça. &c. logo pedir a balla
de tantas libras, quantas pedio de polvora, e
taco juntamente, e juntamente meter a balla, e
taco na peça, e acabar de carregala.

P. 563. Para que vay a balla, e o taco junta-
mente.

R. Para não cahir a balla fóra da peça com o
balanço do navio.

564. Para servir com facilidade huma peça no
mar, se fação de huma parte das portinhollas,
huma chelêira para vinte e quatro ballas do
calibre da peça de baixo da portinhola, lugar
para 24 tacos; dous guarda-cartuchos, hum
de folha de lata, em que hã de andar o cartu-
cho de polvora, outro de madeira, em que
hã de andar o de folha de lata.

Atraveçado por cima da peça se porão la-
nadas, foquetes, saca-trapos, &c. e por este
modo pôde o Artilheiro usar promptissimamen-
te da sua peça.

P. 565.

P. 565. Como he a cunha que se disse a cima?

R. Desta sorte. Huma cunha de madeira dividida em trinta e seis parres iguaes como figura 59. e pondo esta cunha de baixo da culatra da peça a apontará o Artilheiro ao alvo, e justo o tiro, terá grande cuidado no ponto da cunha, que tocou a faicha alta da culatra, quando se disparou a peça, e hir se há servindo desta cunha nos mais tiros, e escufa a nova esquadra, para buscar a mesma elevação, que tinha dado á peça.

P. 566. Como nos havemos de haver para continuar os tiros ao mesmo alvo, sem que sejamos obrigados a buscar a elevação da peça, de cujo tiro estamos satisfeitos, por bom?

R. Para continuarmos com os tiros marcaremos na primeira pontaria os assentos das rodas, da conreira, e da joya do bocal deixaremos cahir hum plumo, e marcaremos na plata-forma onde toca, para nos mais tiros tornarmos a pôr a peça na mesma situação.

P. 567. Como se atira de noite?

R. Para com certeza fazermos os tiros de noite, ou se porá hum bocado de morraão acezo sobre a joya do bocal, e pela joya da culatra, e por este morraão assim acezo, a pontar se há a peça.

568. A cunha a cima serve para se continuarem semelhantes tiros.

569. Ou tendo-se atirado de dia ao alvo, a que pretendemos atirar de noite, observaremos na cunha graduada, que ponto toca á culatra da peça, e para marcar a direcção da peça, da joya do bocal deicharemos cahir hum plumo, e tornando a chegar a peça á bataria novamente lhe meteremos a cunha de mira, que toque o ponto marcado, e temos a elevação da peça, e para a sua direcção, deicharemos cahir o plumo até nos dar no lugar, que tinhamos notado, e por este modo temos a peça apontada como no primeiro tiro.

569. Nas praças de guerra se esclarecem os fogos, e a campanha, para disparar a artilharia dos flancos, e faces.

570. Tambem se atira de noite a alguma luz, que a parece, porém he necessario muita pratica, para nos não enganarmos nas distancias, que sempre são mayores do que parecem.

P. 571. Como se encrava a artilharia, e desencrava?

R. Facilmente se encrava a artilharia, e ás vezes se não pôde desencravar. Encrava-se, com cravos de aço, de diferentes grossuras, e comprimentos. Huns cravos tem de comprido hum palmo, e de grosso tanto como o dedo polegar, e outros, como o dedo minimo; picados, como lima, com os dentes, para cima para fazerem melhor preza no ouvido.

E metidos pelo ouvido à força de martello, e não podendo já mais entrar se lhe dà hum golpe de lado, e se quebraõ, e ainda se lhe daõ mais algumas pancadas para não ficar fóra do ouvido da peça. *Figura 60.*

572. Encrava-se tambem a artilharia, metendo-lhe pelo ouvido á força, seixinhos de rio, do tamanho de ervilhas. Tambem se encrava mettendo-lhe huma balla grande na sua alma. Tambem huma balla da peça embrulhada em hum xapeo metida à força até chegar ao fundo da sua alma encrava muito bem huma peça.

573. Alguns usaõ de tacos de madeira rija justos com os calibres das peças, figura 61. que se conhecerão pelas ballas. *Fig. 61.*

Alguns tacos tem suas mollas de aço, devem estes tacos ter de comprido dous palmos e meyo, e se faraõ entrar a força, figura 62. e vaõ com a cabeça A, para a culatra da peça, e he o mais difficultoso de tirar para fóra, com huma circunfancia, que se lhe ajunta, que refervo para o dizer de yóz aos nossos Officiaes. *Fig. 62.*

574. Outros encravaõ a artilharia, com huma balla, e huma cunha, que lhe metem por baixo à força, figura 63. o seu perfil he A. *Fig. 63, e 63. A.*

575. Succede muitas vezes, que quando a artilharia está em lugar humido muito tempo, ou que

Fig. 60. Se lhe entra agua na sua alma, as ballas se tomaõ de ferrugem, de sorte que senaõ podem tirar para fóra sem muito trabalho; e tambem por este modo fica a peça encravada.

Fig. 61. 576. Para defencravar a artilharia do cravo, ou ella está carregada, ou não: se a peça não está carregada, lhe deitaremos huma cocharrada de polvora na camera, e poremos hum estopim estendido, por dentro da alma da peça, que chegue atè a boca, e na boca lhe poremos hum ramo de madeira apertado ao maço, deichando-lhe hum boraquinho em baixo, para passar o tal estopim, e lhe daremos fogo por elle: se saltar o cravo fóra, temos defencravada a peça; e senaõ saltar, continuaremos, e se absolutamente não fahir o cravo, meteremos a peça em fogo no lugar do ouvido, atè a pormos em braza, e temos destemperado o cravo, que com huma broca faremos novo ouvido sobre o mesmo cravo.

Fig. 62. 577. Se a peça estiver carregada, a descarregaremos, e faremos como na primeira operaçãõ, e se o cravo não fahir, com outro cravo golpearemos aquelle por cima, atè que faya a alma da peça, e com huma talhadeira se cortará, e assim defencravaremos a peça.

Fig. 63. 578. Quando a peça estiver carregada, e encravada com balla mais grossa, lhe tiraremos o ratico, se o tiver, e pelo ouvido lhe deitaremos agua, atè

atè desfazer a polvora, de sorte que deite agua clara; e escoada que seja, e seca a peça lhe deitaremos, pelo ouvido, meya cocharrada de polvora, e lhe daremos fogo, que sem duvida arrojará a balla.

579. Quando a peça se achar encravada com balla, e chapéo, com o saca-trapp veremos se lhe podemos tirar o chapéo; quando não polahemos em braza para queimar o tal chapéo, e sahirá a balla bem, não estando a peça carregada; que estando, he necessario descarregala como a cima, e fazer a operação dita.

580. Quando a peça estiver encravada com feixinhos, não há mais remedio, que com hum ponteiro de aço hilos moendo, e hir soprando até que nos deichem o ouvido livre.

581. A peça encravada com taco de madeira, se desencrava, furando o taco com hum verrumaõ, e puchalo para fóra; quando não queira sahir, o furaremos em varias partes, e o partiremos com huma talhadeira, para o tirarmos em pedaços. Se a peça não estiver carregada, o melhor remedio he polá em braza, e se queimará o taco.

582. Se a peça está encravada com balla, e cunha, não há mais remedio, que descarregala com agua como temos dito, e darmos lhe algumas pancadas somente sobre a balla com huma

haſte rija, e ao meſmo tempo daremos algumas pancadas de malho de pão, no bocal da peça, que eſtará com a culatra alvorada; e aſſim que percebermos, que a cunha ſe moveo, haremos com a cocharra, e a tiraremos para fóra.

Eſta meſma operação ſe fará ainda que a peça eſteja carregada, e depois lhe tiraremos a balla, e polvora.

583. Se a balla ſe acha tomada de ferrugem, e a peça não eſtá carregada, he remedio bater bem a balla à roda, com hum ferro, eſtando a peça alguma couſa baixa de joya; e depois de bem deſcalçada a balla, veremos ſe a podemos mover do ſeu lugar, e tendo-a movido, eſcortaremos a peça, e lhe daremos fogo, que ſem duvida fahirá a balla; o melhor remedio he queimar a peça até a pôr em braza, porque logo ſahe a balla.

584. Se a peça eſtiver carregada, e recearmos, que diſparada arrebente, ou golpeando a balla, acenda fogo; hmedeceremos a polvora, deitando-lhe pelo fogaõ agua, e eſcoada, e enchuta a peça, ſe eſcorve com boa polvora, e ſe lhe dê fogo, que ſenaõ fahir a balla, e a polvora ſe queimar, eſtamos no caſo a cima.

585. Se a artilharia for inimiga, ainda que a deſcencravemos, não devemos, uſar della, ſem primeiro a reconhecer.

586. As peças que ſe poem em braza, ſe haõ de

deixar a refecer em lugar quente, e não ao ar frio, nem deitar-lhe agua fria por cima; por que isto as taz frangiveis.

P. 587. Como se arrebenta huma peça?

R. Facilmente; porque para partir huma peça, não há mais, que pola em braza naquella parte, por onde a queremos partir, e tendo-a bem vaõ na tal parte, com algumas pancadas de marraõ se parte facilmente.

588. Tambem se póde arrebentar, dando-lhe demasiada carga, e atacala bem com filásticas; o barro he muito melhor.

589. Ou meter-lhe a cunha a cima, por baixo da balla, ou outro qualquer obstaculo, que impessa o movimento da balla.

P. 590. Como se provaõ as peças?

R. Eu sigo diferente modo dos Autores, e he que montada a peça, e carregada com a sua carga devida (depois de haver reconhecido, e achada capaz, pela situaçãõ de seus meraes, para o real serviço) e em lugar de balla mestra, meter-lhe hum sacco de arã, que pese tanto, como a balla mestra; carregada a peça se lhe dê fogo por hũ rasto, e hindo-a reconhecendo a cada tiro, para ver se nos podemos fiar della. E tendo dado quatro, ou cinco tiros, com muita velocidade sem deixar arrefecer a peça, e achando-se sem defeito, se deve receber por

por boa, e se na prova lhe acharmos defeito, digno de se rejeitar, logo se lhe quebre hum munhão.

Devemos advertir, que disparada a peça, logo lhe taparemos a boca, e o ouvido, para ver se sahe fumo por alguma parte; e se sahir temos a certeza, que a peça não he capaz; porque tem alguma broca, ou fenda.

Tambem, depois de dados os tiros, e elevada a peça, he muito bom deitar-lhe na alma bastante agua, e tapar-lhe o ouvido, e logo com hum lanada muito justa metida pela boca da peça, se vá comprimindo a agua, que ou sahirá pela broca, ou fenda se ativer, e não a tendo por mais força, que se faça, não poderemos meter muito dentro a tal lanada.

Esta prova he a melhor, como mostro no meu Tratado: os que a não quizerem seguir, sigão aquella, que lhe parecer, com tanto que fique sua Magestade bem servido.

591. Peço aos Officiaes que tem a seu cargo o aprovarem as peças da Artilharia, que por serviço de sua Magestade, não aproveem peça com defeito; porque bem sabem o perjuizo, que se segue.

P. 592. Que he desfogoñar-se huma peça?

R. He, quando pela continuação do muito atirar, se lhe faz tão grande o ouvido, que chega ás vezes a ter hum, ou duas polegadas de diametro, e fica a peça inutil, para se laborar.

Na

Na prova das peças succede isto muitas vezes, e por essa razão se rejeitaõ.

P. 593. Como se remedea?

R. O melhor modo, e mais seguro, he mandar fazer huma duzia de limas de aço finissimo, em forma de rodelazinha, cujos dentes da lima estrejaõ pelo exterior, como A, figura 64. que tenhaõ del diametro escaço, o mesmo, que a abertura que fizermos no fogaõ.

Tem esta lima no meyo leu furo quadrado, para se lhe encaixar o veyo B, que terá quatro palmos de comprido, e nas pontas será o veyo quadrado.

Mande-se fazer hum banco forte, furado no meyo, em que terá sua chapa forte de ferro.

Tambem se mandarãõ fazer huma duzia de talhadeirãs quadradas. Feitos estes preparos, se porã a peça no chaõ, com a sua alma paralela ao horizonte, e com as talhadeiras se lhe abrirã o ouvido, de forma que caibaõ as limas a cima.

Por-se há o banco sobre a peça, cujo furo ficará perpendicular ao ouvido, e se lhe metã o veyo com a lima: este veyo terá, pela parte superior, huma travessa, ou leveiro de ferro, ou de madeira rija: em cada extremo pegará seu homem, que estarãõ sentados no banco, movendo o tal leveiro para a lima fazer as ranhuras no ouvido da peça.

Outros dous homens em costarãõ a lima ao metal por dentro do ouvido, com huma forquilha.

Fig. 64.

quilha de ferro, encavada em sua haste, empuxando o veyo; da outra parte estará outro homem com hum gancho puxando o veyo, para a mesma parte, onde se quer limar. Logo se farão duas, ou tres ranhuras, ou mais conforme a grossura do metal da peça, humas mais a baixo, que outras, como, figura 64.

Feitas as ranhuras, se encha a camara da peça de barro bem soqueteado, e bem justo, e para lhe ficar logo o ouvido, se cobrirá hum arame de ferro do mesmo barro, conforme o ouvido que se houver de fazer, seco que seja se meta pela abertura, que temos feito, e se segure no barro, e pelos lados, de sorte que fique perpendicular.

Feito isto se levanta a peça do chão, e se lhe faz tanto fogo, que fique em braza, à parte teremos derretido hum grande cadilho de bronze, e o deitaremos de vagar no buraco que temos feito.

Depois de frio o metal, tiraremos o arame, e o barro de dentro, e aperfeiçoaremos o ouvido.

É por este modo temos feito a nossa operação, de sorte, que ficará tão seguros estes novos ouvidos, como os que tinham tido as peças, e ás vezes melhores; a isto chamão tambem deitar grãos nas peças.

P. 594. Como se reconhecem as polvoras?
R. A slim: vér, se a polvora he azulada, que não brilhe posta ao Sol, ou pondo huma pouca sobre

bre hum papel branco, dar-lhe fogo; se o tomar logo instantaneamente, e o fumo sobir em columna ao ar, de cor azulado, e não deixar sobre o papel negruras, rayos, e faiscas que possam queimar o papel, he boa polvora; e se fizer o contrario he má.

595. Nos barris, sem os desfundar, tambem se reconhece a polvora, o que se faz, furando-o no bojo, e pelo furo tirar-lhe alguma polvora, e com ella, fazer a experiencia a cima.

P. 596. Como se remedeia a polvora má?

R. O melhor remedio, quando ella não vay à refinaria, he misturar a polvora boa com a má partes iguaes, e a má de todo he muio, bom gasta em salvas, e exercicio das tropas.

P. 597. Falta-me saber o que he reparo, ou cabreta?

R. Reparo, ou cabreta, he a uniaõ de dous grossos taboens de madeira rija (tambem se fazem de ferro) que se chamaõ falcas, e se unem por quatro traveças de madeira, que se chamaõ taleiras. A primeira traveça, ou taleira, vinda da boca da peça, se chama taleira dianteira, a segunda se chama taleira baixa, e a terceira se chama taleira alta, ou da mira, a quarta se chama taleiraõ, ou taleira de conteira.

98. Ao rasto da falca se chama conteira, ou rasto, q̃ he aquella porção da falca, que assenta no chaõ

599. Da taleira baixa á taleira dianteira, vay hum taboaõ, que se chama soleira.

600. As munhoneiras são huns rasgos feitos nas falcas, onde se metem os munhoens das peças.

601. Tem os reparos rodas, quando estas não tem rayos, se chamaõ rodas de patelca, e as que tem rayos se chamaõ rodas de rayos.

602. As rodas de rayos tem cubos, ou massas, e pinas.

603. Rayos são os páos, que vem dos cubos ás pinas, os cubos são aquelles corpos de madeira, onde entra o eixo; e rayos. Pinas, são aquelles pedaços de madeira, que fazem a volta da roda, em que se encaichaõ os rayos.

604. Eixo, he o que a traveça nas falcas, e vem sahír aos cubos, e se chaveta nas cabeças com hum pedaço de ferro, que se chama frotroço.

605. Há tambem humas rodas baixas com sua lança, que se chama armaõ, e serve para ajudar a conduzir a artilharia. Tambem há reparos do mar, que constão de quatro rodas, e duas falcas, e huma soleira.

606. As carretas de rayos são chamadas de campanha, e as de patelca são de praça.

P. 607. Em que consiste a bondade de huma carreta?

R. Consiste em que dure muito tempo, sem se quebrar, e que seja facil de se mover com a peça em cima.

P. 608. Porque não tratamos esta materia dos reparos, mais fundamentalmente?

R. Porque esta materia depende de tratado á parte, para individualmente se saber cortar, e conhecer os defeitos, e bondade de hum reparo, e quem o quizer ver recorra ao meu Tratado da artilharia, e nelle achará tudo miudamente.

P. 609. Como se conhece, que está huma peça bem montada na sua carreta?

R. Facilmente: vendo-se, os munhoens estão assentados horizontalmente, e com hum cordel, posto de huma cabeça do eixo á boca, ver se dá outra cabeça, á mesma boca, e ao mesmo ponto há á mesma distancia, que se a houver, está a peça bem montada, para o Artilheiro, estando a carreta sã, e podendo-se-lhe dar 12 grãos, por elevação por cima do horizonte, e quatro por baixo do mesmo horizonte.

P. 610. Quantos cavallos são necessarios para conduzir huma peça, ballas, polvora, morraão, ou outro qualquer peso?

R. A regra he facil, porque não há mais, que ver, quantas libras de balla joga a peça, e a sua

ametade são os cavallos necessarios para conduzir a tal peça. Como em huma peça de 8 libras de balla, a sua ametade são 4: logo quatro cavallos são necessarios.

Porém quando o numero de cavallos for impar, acrescentaremos mais hum cavallo ao numero achado em peças grandes, e em peças pequenas diminuiremos hum, e serão os cavallos necessarios, como se a peça for de dez libras, pela regra a cima nos dá cinco cavallos, a que acrescentando hum dá seis, numero de cavallos necessarios. Deve-se porém advertir, que na peça de tres libras são necessarios dous cavallos.

Hum cavallo forte a rasta facilmente de 500 até 600 libras de peso, hum cavallo mediocre a rasta de 300 até 450 libras.

P. 611. Se para a condução da artilharia não houver cavallos, de que nos serviremos?

R. Servinoshemos com bois, e entao he necessario o dobro do numero dos cavallos, como se são necessarios 6 cavallos, nos serviremos de 12 bois, e são os necessarios, para a peça, que tem necessidade de 6 cavallos.

P. 612. Quaes são as vozes do manejo de huma peça?

R. São os seguintes. Cada hum a seu posto. Destapar a peça, se está tapada. Pegar nos espeques.

Pôr a peça horizontalmente, poucò mais, ou menos.

Tirar a pranchada, ou capitel.

Destapar o ouvido.

Apontar a peça.

Pegar no diamante.

Alegrear o ouvido.

Pegar no polvarinho.

Escorvar a peça.

Moer a polvora, no fim do rasilho.

Pegar no morraõ, ou bota-fogo.

Preparar, para dar fogo.

Affoprar o morraõ.

Fogo.

Meya volta á esquerda, que he para se livrar do recuo da peça, e se faz logo, que se dá fogo.

Retirar o bota-fogo.

Tapar o ouvido a peça.

Pegar na lanada.

Alimpar a alma da peça.

Tirar a lanada, e sacodila, a tres tempos, que he

alimpar três vezes a alma da peça.

Pegar na cocharra.

Enchela, ou pegar no cartucho.

Metela, ou metelo na peça.

Largar a polvora, ou cartucho na alma da peça.

Chegalá, ou chegaló, á camara.

Meter o taco.

Pegar no foquete.

Metelo na peça.

Foquetear o taco.

Retirar o foquete.

Pôr

Pe-

Pegar na balla.
 Metela na boca da peça.
 Chegala ao raco.
 Pegar no taco.
 Metelo na peça.
 Pegar no foquete.
 Metelo na peça.
 Chegar o raco á balla, e foquete ao.
 Pegar nos espeques.
 Chegar a peça á batávia.
 Destapar o ouvido.
 Apontar a peça.
 Pegar no diamante.
 Alegrar, ou romper o cartucho.
 Escorvar.
 Continuar a bataria.

Isto he o mesmo que começar de novo, e se for necessario, se refresca a peça, e se deixa descansar por algum tempo.

613. Seria de grande utilidade, para o real serviço, que as fundições da artilharia fossem de calibres, comprimentos, e grossuras certas, conforme o para que as peças haõ de servir, como havendo-se de fundir artilharia de bater, toda fosse do mesmo peso de balla, do mesmo comprimento, e da mesma grossura.

Para peças de campanha todas do mesmo calibre.

Desta sorte nunca faltariaõ ballas, para a artilharia, não só nas náos de guerra, mas nas praças, e campanha, levando cada peça as competentes.

petentes, porque se podiaõ servir das ballas das peças, que não jogavaõ.

Se quebrasse hum reparo, montava-se a peça em outro do mesmo calibre; se arreventasse huma peça, ficava o seu reparo servindo para outra; porque por mais especulativo, e pratico que seja o Artilheiro, por mais zello que tenha do real serviço, se lhe falta a comodidade, e facilidade necessaria nas suas armas, não será possível usar dellas; e nós sabemos muito bem o quanto he util a agilidade, e promptidaõ em qualquer função de guerra, principalmente na artilharia; porque fazem que seja o Principe bem servido; e se reduziria a artilharia a huma summa facilidade, e nos livrariamos de tanta differença de calibres de peças, que não causaõ mais que huma obscura confusaõ.

FIM DA ARTILHARIA.



APPENDIX I.

De algumas perguntas uteis.

P. 614. **S**E he possível, que duas peças de artilharia semelhantes, e iguaes, e com igual peso de polvora, e elevaçõ, possaõ fazer diversos effeitos?

R. Quando não há nenhuma differença nas causas, são os effeitos os mesmos porém neste caso podem as peças produzir diversos effeitos, que são alcançar mais huma peça, que outra, quando a balla tiver mais, ou menos vento, quando huma for mais atacada, que outra.

P. 615. Se dando-se mais carga a huma peça, fará mayor, ou menor effeito?

R. Parece que dando-se mais polvora a huma peça, faria mayor effeito, porque nascendo o impulso da polvora inflamada, quanta mais polvora levar a peça parece, que mais imprefação dará á balla.

Nós mostramos no nosso Tratado, que a mais polvora se não queima, e por consequen-

cia a polvora inflamada, que havia de imprimir toda a sua força na balla, a reparte, e imprime tambem na polvora, que senão queima: logo a balla tem menos força: logo a mayor carga não faz mayor effeito.

P. 616. Se a artilharia recua antes, ou depois que sahe a balla?

R. O certo he, que se não move a peça antes de sahir a balla; porque o mesmo agente tem para mover dous corpos desigualmente pesados, hum a peça, e a carréta, outro a balla: naturalmente se vê, que mais de pressa a polvora inflamada, há demover a balla, como mais leve, do que a peça com a sua carréta, como mais pesada: logo primeiro sahe a balla, do que se móva a peça.

Porém a penas sahe a balla da peça, o ar impellido, pela polvora inflamada, com a sua força elastica, faz huma reacção na alma da peça, e a faz recuar, como se vê todos os dias.

P. 617. Por que razão mais commummente arrebenta as peças na camara, e na boca, do que em outra qualquer parte, não tendo bróca?

R. A razão he, porque achando a polvora inflamada muita resistência, não só não taca, mas ainda na balla, e não podendo vencer esta resistencia, arrebenta logo no principio do grande movimento da polvora inflamada; porém se a peça for reforçada, não será facil o arrebentar.

No boçal, ou junto a elle, arrebenta tam-
bém pelo xofre da balla contra o ar.

P. 618. Se he, ou não util atacar a polvora na
peça?

R. Esta resposta he bem importante; o Artilhei-
ro deve recolher a polvora toda junta na cama-
ra da peça, e apertala, mas não com excessão;
porque estando bem unida, occupa menos lugar,
e fahê com mayor violencia, e faz melhor effei-
to a balla despedida, o que não succede, estan-
do a polvora mal unida.

Deve unir-se a polvora de forte, que não
faça tanta dureza, que o fogo a não possa pe-
netrar, e faya tal vez, sem se acender toda. Os
fogueteiros mostrão esta verdade; porque quando
a polvora está bem unida, e apertada, vão ar-
dendo pouco a pouco, mas se a polvora está
desunida, se acende em hum instante, e arre-
bentaõ.

P. 619. Porque se metem os tacos antes, e de-
pois da balla?

R. Por duas razoes se metem antes, e depois
da balla. A primeira, para que se possa aper-
tar, e unir a polvora, e detela junta, porque
de outra maneira, o foqueteala sómente, não
he capaz de a recolher, como deve, na cama-
ra da peça.

A segunda razão he, para que detenha a
inflamação da polvora unida, e mova a balla
com mayor força, porque senão tivesse taco, a

inflamação da polvora fahiria primeiro, que a balla, e por consequencia faria menos effeito.

O taco depois da balla, he para a deter, que não faya facilmente, e que possa receber toda a força da polvora inflamada; porém não he necessario apertar tanto este taco, como o da polvora; basta apertalo de fórma, que detenha a balla; e se a peça estiver apontada por baixo do horizonte, ou no mar, correrá a balla pela alma da peça, antes de se lhe dar fogo.

P. 620. Se faher a polvora da alma da peça sem se queimar?

R. Póde succeder, por muitas causas; a primeira, quando se carregou a peça, e se deixou ficar alguma polvora pela sua alma; a segunda (que succede muitas vezes) quando a peça tem mais carga, do que aquella, que lhe toca; a terceira, quando a polvora he humida, e ruim, e de má composição; e finalmente, quando se tem atacado muito. Porém se a peça for carregada com sua devida carga, e a polvora for boa, nunca deixará de se queimar.

P. 621. Porque razeão as peças mais compridas arrojaõ as ballas mais longe, que as mais curtas?

R. Esta pergunta tem duas partes: a primeira, quando as peças são do mesmo calibre; porém huma mais comprida, que outra; a mais comprida arójará a balla mais longe; porque a força elastica da polvora inflamada tem tempo de se communicar á balla, o que não succede nas

peças

peças curtas; porque mais depressa se move a balla, e por consequencia não tem tempo de receber todo o impulso da polvora.

Não se segue daqui, que quanto mais compridas forem as peças, tanto mais arrojardão a balla longe; porque por mais carga, que tenha a peça, e por mais comprida que seja a balla não receberá mais movimento, do que aquelle, de que he capaz de receber; e daqui vem, que há certos termos no comprimento das peças, e sua curteza; que excedendo, ou faltando são os tiros mais curtos.

A experiencia mostra, que as peças demaziadamente compridas alcançãõ menos, que as curtas; como huma peça de dezoito palmos de comprimento alcançou mais, que outra de trinta; e hum palmos e meyo.

Esta experiencia se fez na colubrina de Nany.

A segunda parte desta pergunta he, quando são diferentes calibres: neste caso sempre a peça de mayor calibre, sendo proporcionada, he mais comprida, que a de menos calibre, e por consequencia a mais comprida alcançará mais; porque o mayor corpo he capaz de receber mayor impulso, e mais velocidade.

622. Porque atirando-se com huma peça no mar a hum navio, não faz tanta bataria, como se a tal peça se atirasse a huma muralha; e se estando a peça muito proxima do alvo, fará mayor effeito; e se o vento poderá desviar a balla

R. Atirando-se a hum navio no mar, como a balla leva comfigo o navio, não faz tanto dano; porém se o navio navegando se oppuzer ao movimento da balla, receberà mayor dano, do que se o tal navio navegasse com a mesma direcção, que a balla.

A segunda parte desta pergunta he clara; porque como a balla recebe o movimento da polvora inflamada, e o não perde, sem o comunicar, e como no principio do seu movimento, ainda o não tem communicado: logo a peça mais perto do alvo despede a balla com mais violencia, e por consequencia farà mayor dano.

O vento não pôde fazer torcer a direcção da balla, quando ella for grande, e a distancia curta; porém se a distancia for grande; neste caso pôde o vento fazer desviar a balla da sua direcção; porque como a balla vay perdendo do seu movimento, basta qualquer encontro de lado, para lhe mudar a direcção; e por isso os Artilheiros destrós, neste caso a pontão sobre o vento; se a balla for pequena ainda será mayor o desvio da sua direcção?

P. 623. Se huma balla, sem ser em braza, pôde acender fogo na polvora?

R. Como a balla não vay em braza nem faz fricção na polvora, por ser corpo defunido, e mole, não pôde a balla acender fogo. A experiencia mostrou isto em Ostende, em que huma balla da artilharia passou sete barris de polvora,

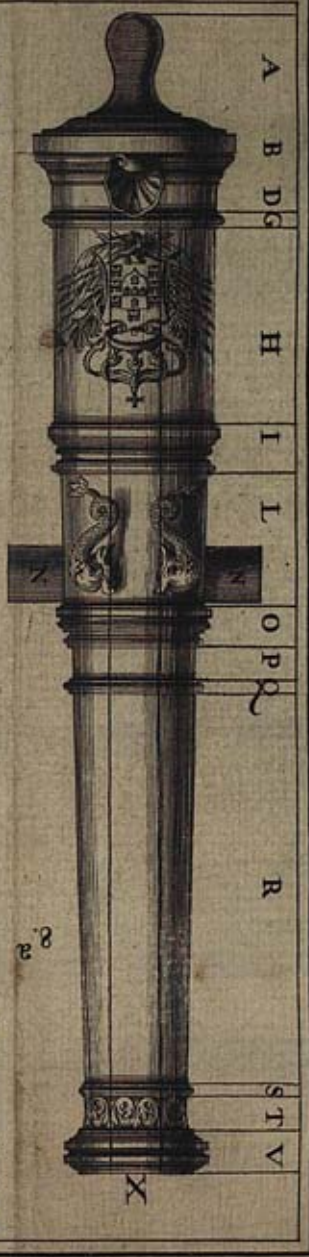
vora, sem lhe acender fogo, em distancia de 2500 braças: outra deu em outro barril, em distancia de 100 braças, e não acendeo fogo.

Porém se a balla topar em algum prego, pedra, ou outra qualquer coufa, que por fricção possa acender fogo, clara está, que o acenderá.

FIM DO PRIMEIRO APPENDIX.

APPEN-

Illustration de l'usage.



MA REUA ORF^{ce} au T. A. H.

8 2

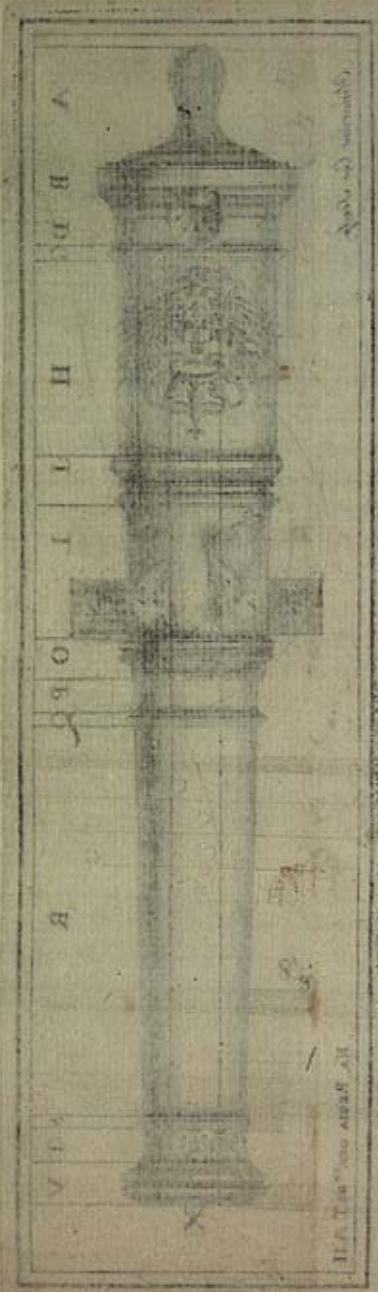
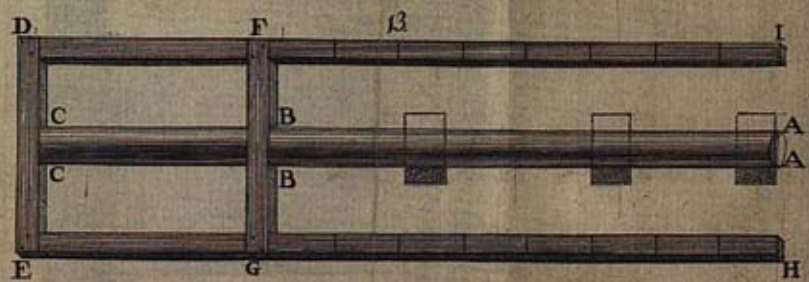
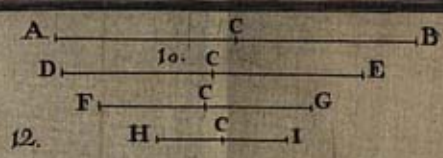
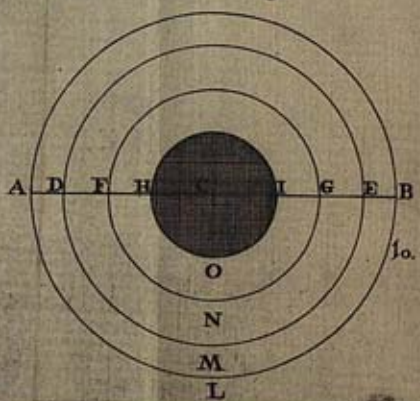
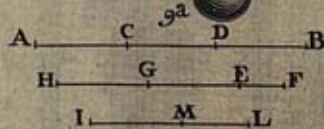
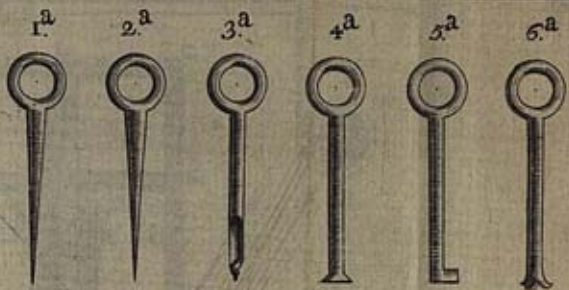
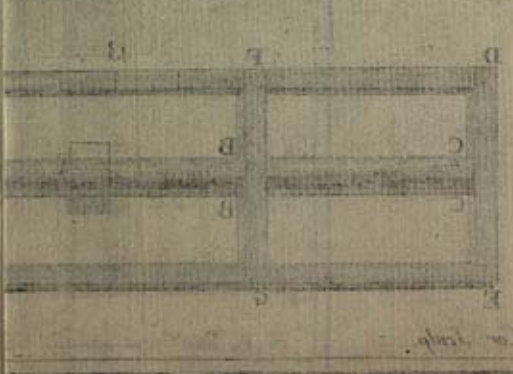
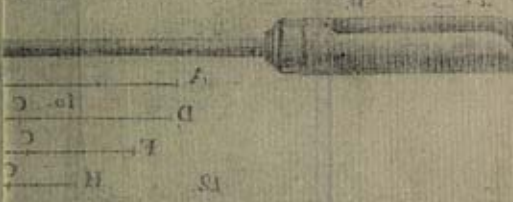
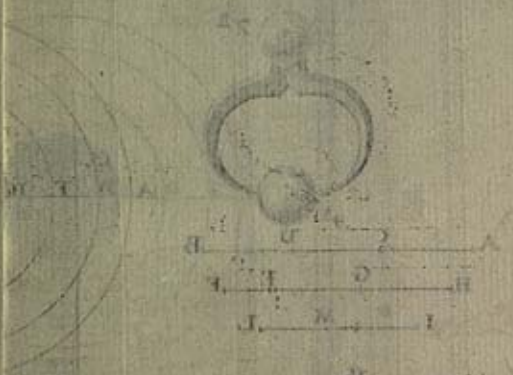
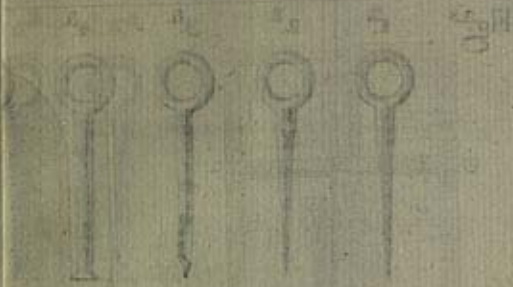


Fig. 15

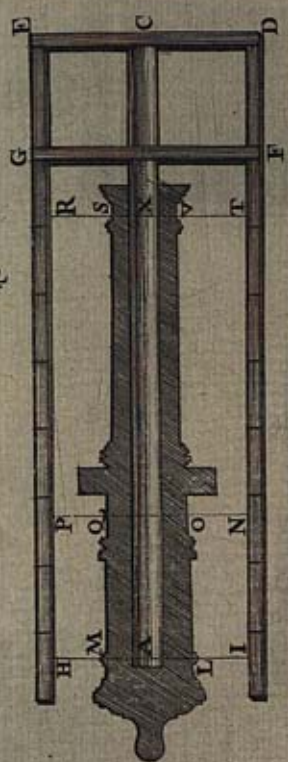


Q. Cor Sulp.

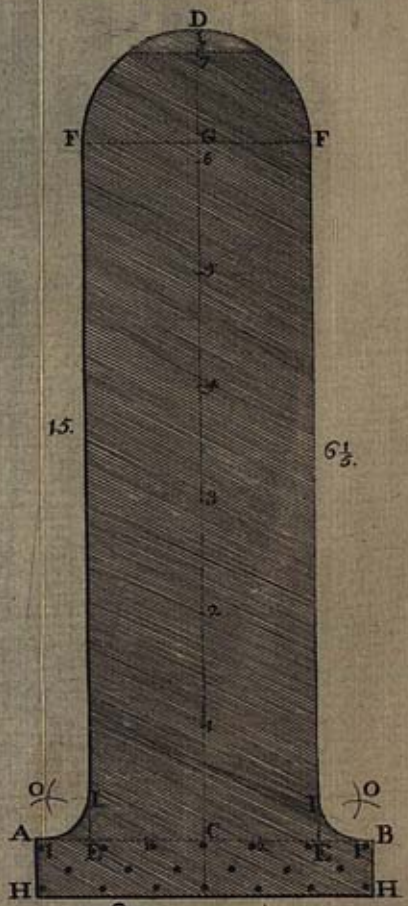
NA REGIA OFF. CA DE T A. H.



14

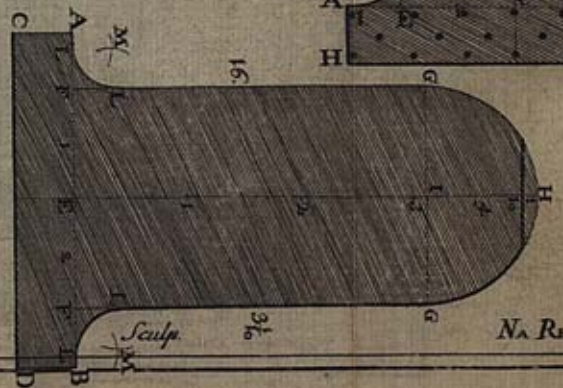


15



6 1/2

91

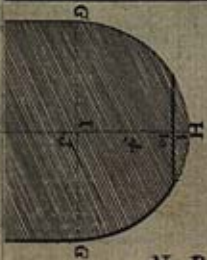
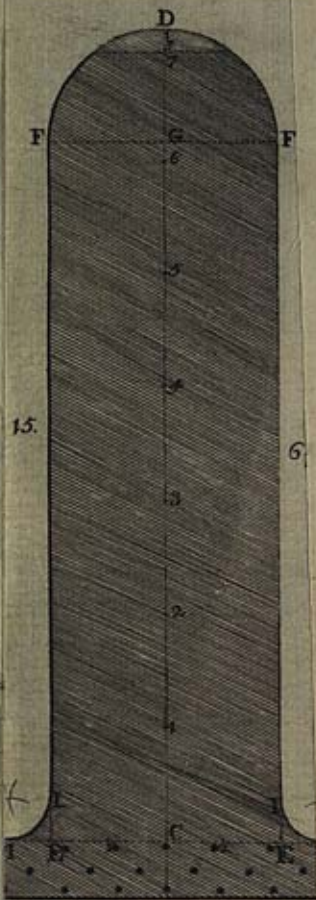


Q. Cor

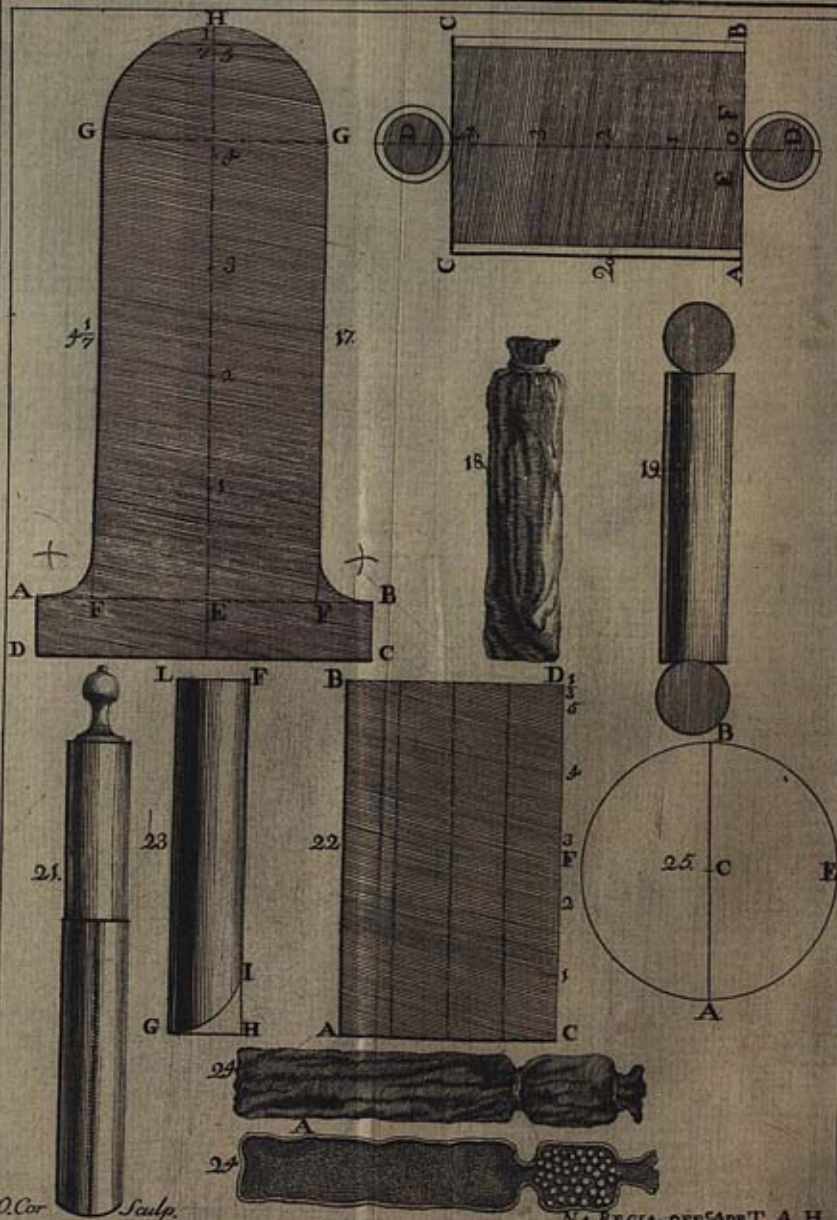
Sculp

9 1/2

NA REGIA OFF. T. A. H.

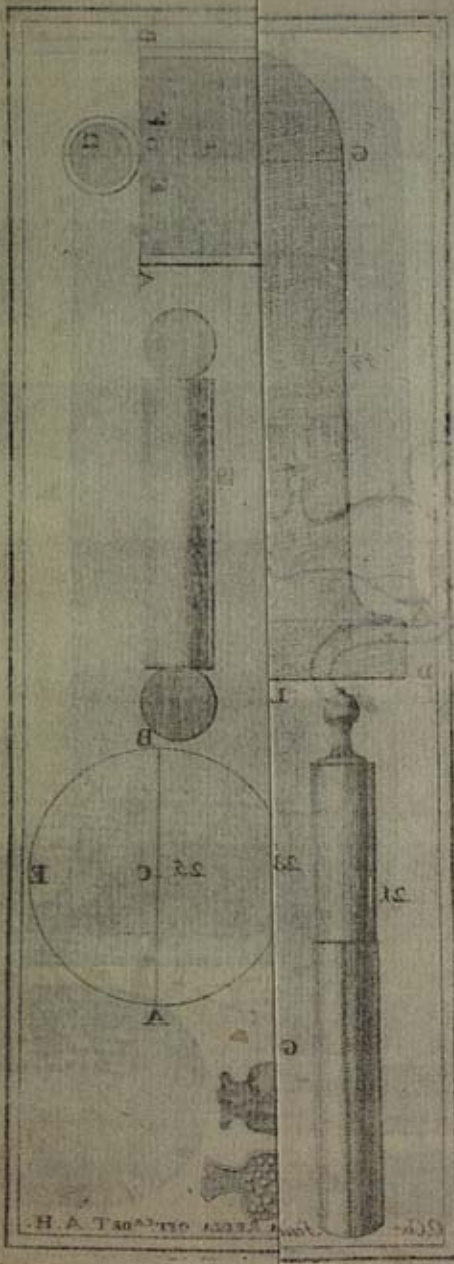


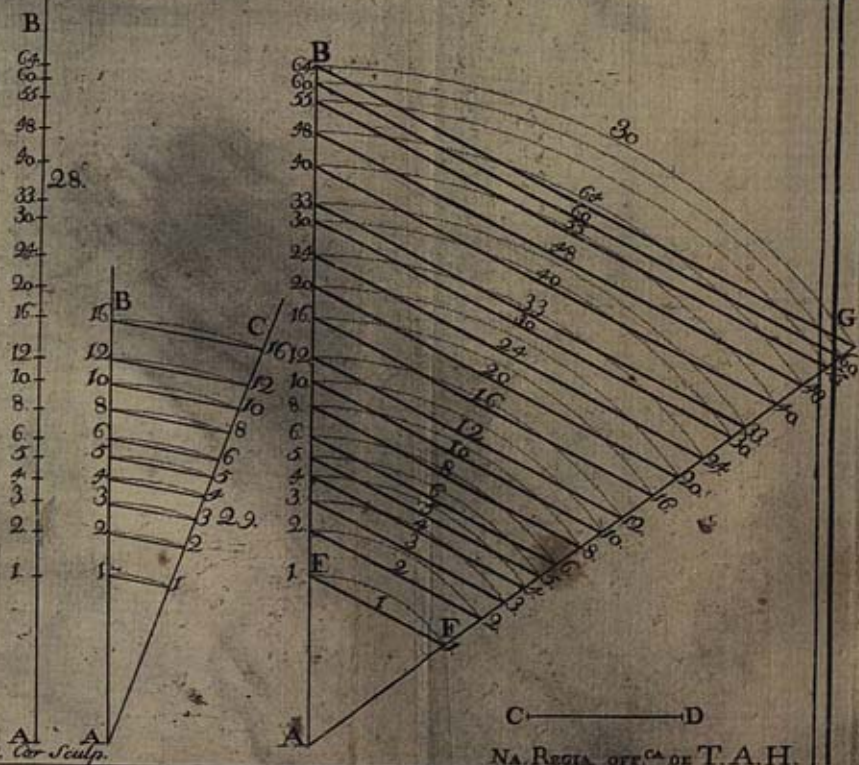
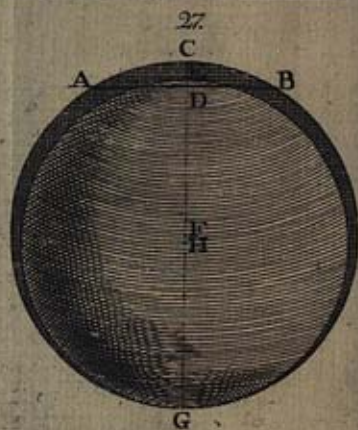
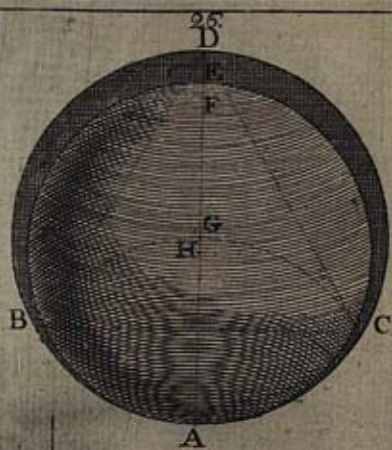
NA REGIA OFF. CA



O. Cor. Sculp.

NA REGIA. OFF. CA. DE T. A. H.



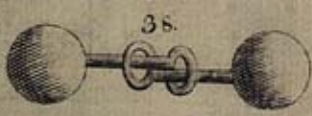
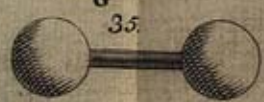
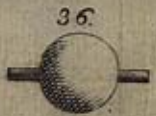
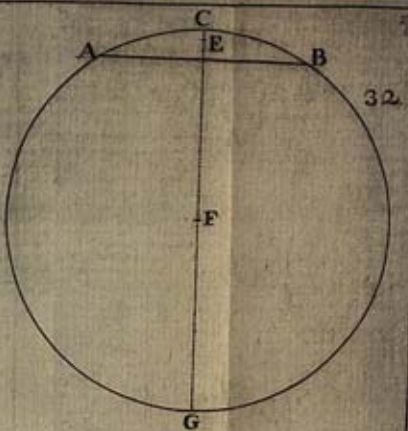
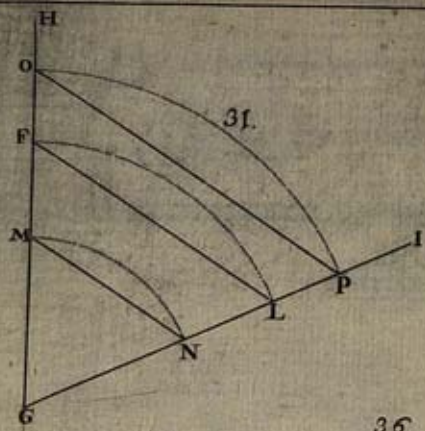




A

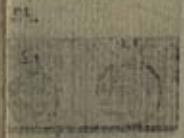
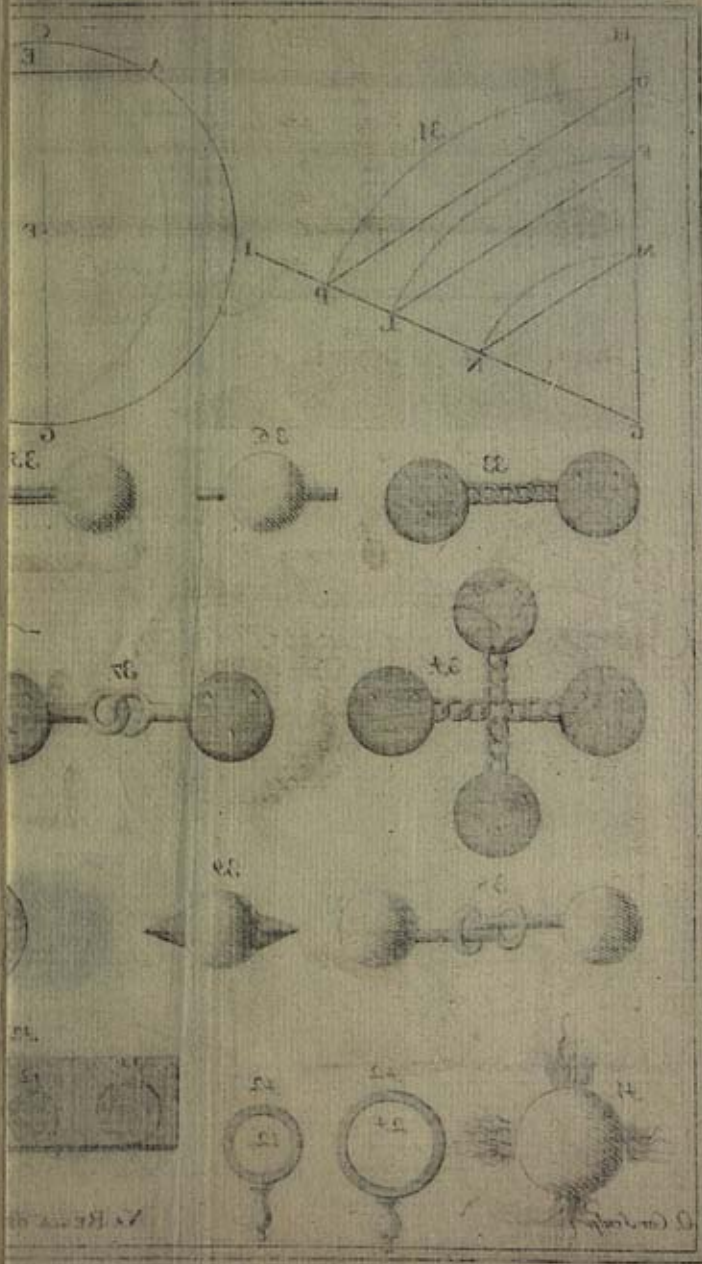


Q

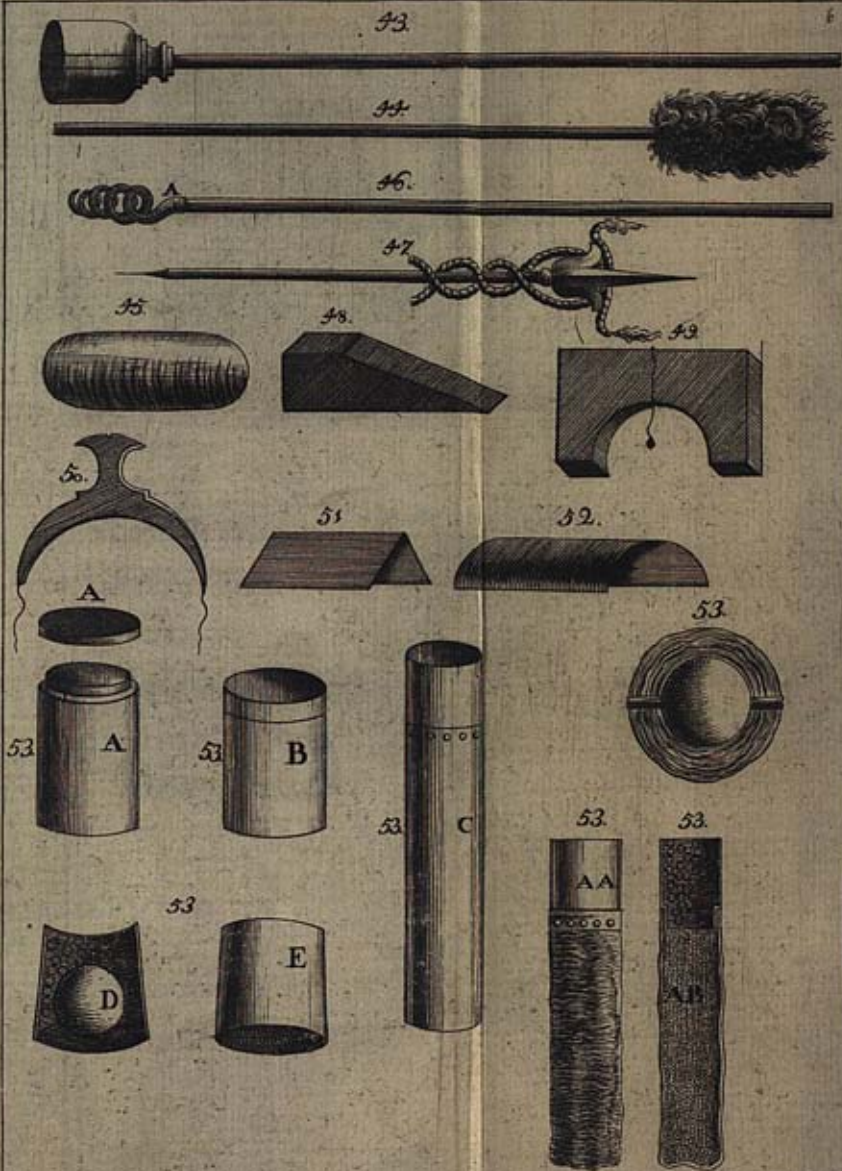


O. Cor. Scalp.

NA REGIA OFF^{CA} DE T. A. H.

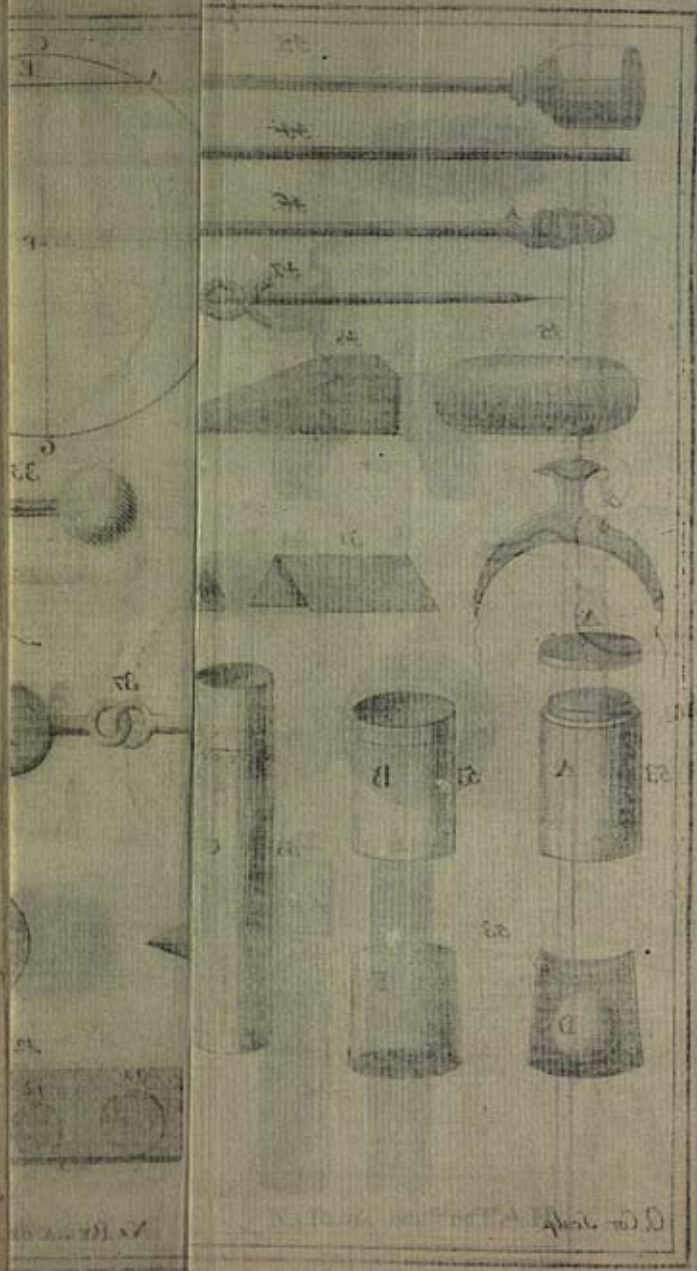


78. 79. 80.

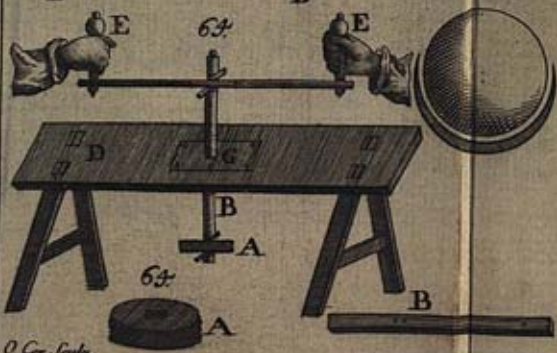
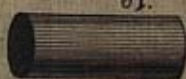
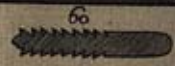
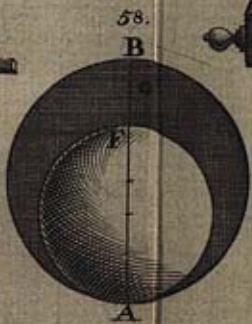
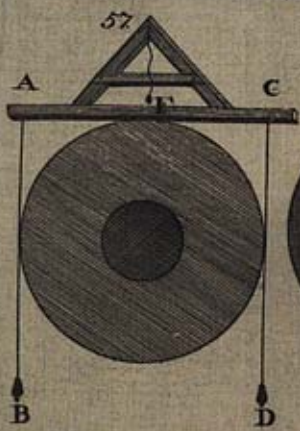
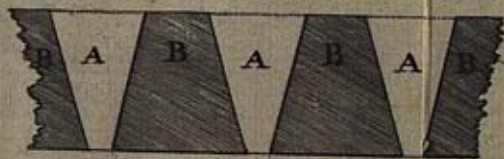


Q. Cor. Sculp.

NA REGIA OFF. CA DE T. A. H.

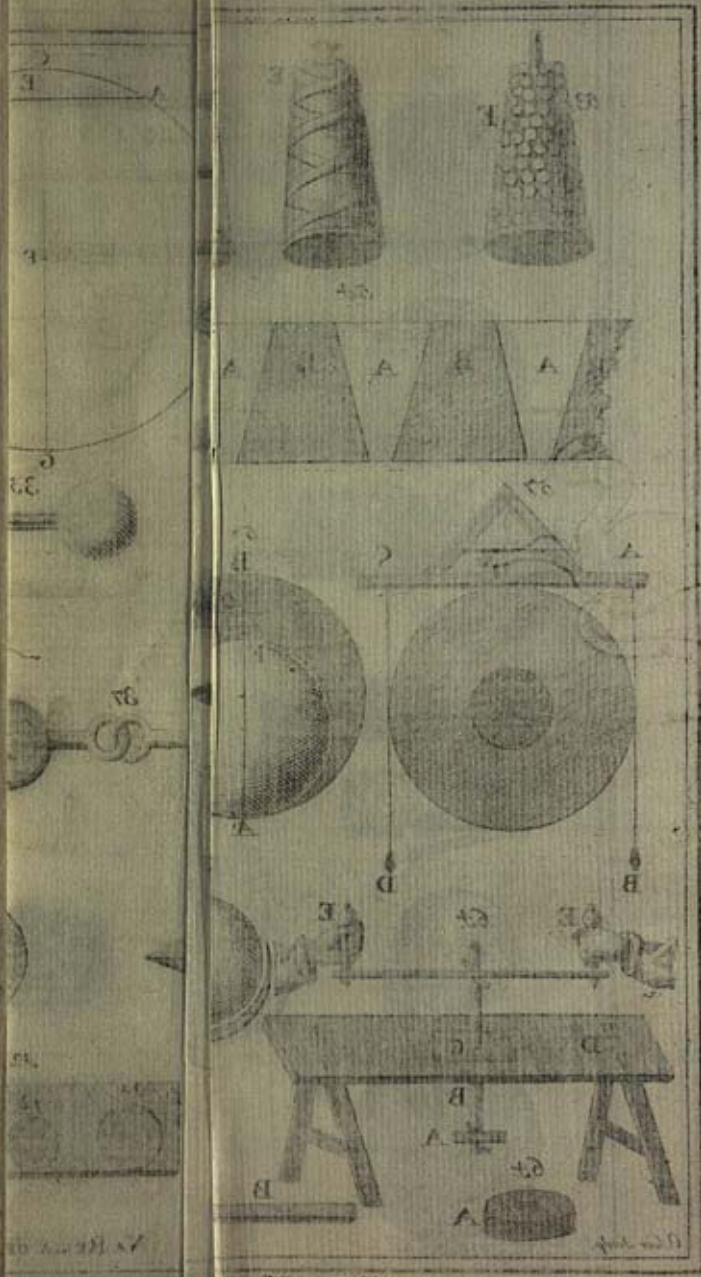


Plaque de l'art de l'horlogerie



O. Cor. Sculp.

NA REGIA OFF. DE T. A. H.



T:

onça

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16

Taboada, numero primeiro, onde se achão os diametros das ballas suppondo o diametro de huma libra dividido em 100. partes iguaes.

onças	partes	libras	partes	li.	Par.	li.	Par.	li.	Par.	li.	Par.	li.	Par.
1	40	1	100	21	275	41	344	61	393	81	432	101	465
2	50	2	126	22	280	42	347	62	395	82	434	102	467
3	57	3	144	23	284	43	350	63	397	83	436	103	468
4	63	4	158	24	288	44	353	64	400	84	437	104	470
												105	471
5	68	5	171	25	292	45	355	65	401	85	439	106	473
6	72	6	181	26	296	46	358	66	404	86	441	107	474
7	76	7	191	27	300	47	360	67	406	87	443	108	476
8	80	8	200	28	303	48	363	68	408	88	444	109	477
												110	479
9	88 $\frac{1}{2}$	9	208	29	307	49	367	69	410	89	446	111	480
		10	215	30	311	50	368	70	412	90	448	112	482
10	85 $\frac{1}{2}$	11	222	31	314	51	370	71	414	91	449	113	483
11	88	12	229	32	316	52	373	72	416	92	451	114	484
												115	486
12	91	13	235	33	320	53	375	73	417	93	453	116	487
		14	241	34	324	55	378	74	419	94	454	117	489
13	93	15	246	35	327	56	380	75	421	95	456	118	490
14	96	16	252	36	330	56	382	76	423	96	457	119	491
												120	493
15	98	17	257	37	333	57	384	77	425	97	459	121	494
		18	262	38	336	58	387	78	427	98	461	122	495
		19	266	39	339	59	389	79	429	99	462	123	497
16	100	20	271	40	342	60	391	80	430	100	464	124	498
												125	500

Taboza de los pesos y medidas de la Real
 Audiencia de Mexico

Libras	Quintales	Cargas	Centenales	Medios	Quartales	Quintales	Centenales
100	25	125	100	50	25	125	100
200	50	250	200	100	50	250	200
300	75	375	300	150	75	375	300
400	100	500	400	200	100	500	400
500	125	625	500	250	125	625	500
600	150	750	600	300	150	750	600
700	175	875	700	350	175	875	700
800	200	1000	800	400	200	1000	800
900	225	1125	900	450	225	1125	900
1000	250	1250	1000	500	250	1250	1000



A



tare m
 huma
 ma op
 624. F
 que sa
 res igu

625. F
 que t
 muita

626. F
 que te
 baõ no

Regras

627. P



APPENDIX II.

Das ballas.

Porque as ballas nos armazens se arrumaõ em cheleiras, e não he facil saberse-lhe o seu numero, para mais facilmente se contarem, se empilhaõ, e por baixo se leguraõ com huma grade de pào do feitio, que tem a mesma pilha.

624. Há pilhas, ou piramedes quadrangulares, que são aquellas, que tem quatro faces triangulares iguaes, e acabaõ no seu apice em huma balla.

625. Há pilhas rectangulares, que são aquellas, que tendo quatro faces, acabaõ em cima em muitas ballas.

626. Há pilhas triangulares, que são aquellas, que tem tres faces triangulares iguaes, e acabaõ no seu apice em huma balla sómente.

Regras para achar as ballas nas pilhas triangulares.

627. Para resolver esta questãõ, he necessario

primeiro saber o como se acha o numero de ballas nas faces triangulares, o que faremos com esta.

Regra geral.

A's ballas da baze, ou do lado da pilha acrescentaremos mais huma como regra geral, esta soma se multiplica, pela ametade do numero das ballas da baze, ou do lado, e o producto será o numero das ballas, que se achão na face triangular.

EXEMPLO I.

Temos huma face triangular, que tem 5 ballas de baze, figura 1. ou de lado, e juntamos-lhe 1, q̄ faz 6, cuja soma se multiplique por dous e meyo, ametade de 5, e dá no producto 15 ballas, e tantas tem a face triangular.

II.

Temos huma face triangular, que tem 19 ballas de baze, ou de lado, juntando-lhe 1 faz 20, cuja soma se multiplique por nove e meyo, metade de 19, e dá no producto 190 ballas, e tantas tem a face triangular.

ACHAR

Fig. 1.

AC

628.

da q

mult

acha

num

P. H

quan

R. P

trian

ajunt

9 $\frac{1}{2}$

ce²

lado

7, 9

trian

mos

mult

agat

cos

o nu

o nu

o nu

o nu

o nu

o nu

ACHAR AS BALLAS QUE TEM
huma pilha triangular.

Regra geral.

628. **A** Juntaremos sempre á base, ou á altura da pilha 2, por huma regra geral, da qual soma tomaremos a sua terça parte, que multiplicada pelo numero de ballas, que se achaõ na face triangular, o productõ, será o numero de ballas, que a pilha contém.

E X E M P L O I.

P. Huma pilha triangular tem 19 ballas de alto, quantas ballas contém?

R. Primeiramente acharemos as ballas na face triangular; e porque temos 19 ballas de lado ajuntando-lhe 1 faz 20, que multiplicados por 9 $\frac{1}{2}$ metade do lado 19, produz 190 ballas na face² triangular; logo ás mesmas 19 ballas de lado ajuntaremos 2, e faz 21, cujo terço são 7, que multiplicado por 190 ballas da face triangular, produz 1330 ballas; e tantas diremos tem a dita pilha triangular.

E X E M P L O I.

$$\begin{array}{r} 19 \\ 1 \\ \hline 20 \\ 9 \frac{1}{2} \\ \hline 180 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 10 \\ 190 \\ \hline 7 \\ 1330 \end{array}$$

Cc ii

EX-

CHAR

EXEMPLO II.

- P. Huma pilha triangular tem 28 ballas de lado, e acaba em huma, quantas ballas tem?
- R. A 28 ajuntaremos 1, e faz 29, que multiplicados por 14, metade de 28, produz 406 ballas de face triangular: logo a 28 ajuntemos 2, e faz 30, cujo terço são 10, que multiplicados por 406, produz 4060 ballas, que tantas tem a pilha triangular, que tem 28 ballas de lado.

29

14

116

29

406

10

4060

OUTRO MODO.

Regra geral.

Se o numero das ballas: na face triangular se multiplicar pelo terço das ballas do lado triangular, e ao producto se lhe ajuntar os dous terços das ballas da face triangular, a soma será o numero das ballas da pilha triangular.

EXEMPLO.

Na mesma pilha temos 19 ballas de lado, ajuntando-lhe

tando-lhe 1, faz 20, que multiplicados, por 9¹ produz 190 ballas na face triangular, este ² producto 190, multiplicado pelo terço de 19, que são 6 e $\frac{1}{3}$, dá 1203, e $\frac{1}{3}$, aos quaes ajuntando 126, $\frac{2}{3}$ que são os $\frac{2}{3}$ de 190, face triangular, ³ soma 1330, e ³ tantas ballas tem a pilha triangular.

Huma pilha quadrangular tem 10 ballas de lado
 ou de alto (que se conta pelo angulo da pi-
 lha) e acaba em hum. O quadrado de 10 são
 100, que multiplicado pelo terço de 10, que
 são 3 e $\frac{1}{3}$, a este producto se lhe
 ajuntando o quadrado de 10, que he
 100, e faz 200, e ajuntando-lhe mais
 hum terço do lado, que são 3 e $\frac{1}{3}$, faz 270
 ballas, e estas se somam a pilha quadrang.
 190
 6 $\frac{1}{3}$
 1140 $\frac{1}{3}$

OUTRO MODO.
 63 $\frac{1}{3}$
 1203 $\frac{1}{3}$

Achando o numero de ballas nas faces triangulares
 e este se multiplica pelos terços do mesmo
 lado, e se ajuntam mais o terço
 do lado, e se somam as faces
 126 $\frac{2}{3}$
 1330 $\frac{1}{3}$

629. Achar as ballas nas pilhas quadrangulares, que acabaõ em huma.

Regra geral.

Se o quadrado do lado da baze, se multiplicar pelo

pelo terço do lado da mesma base, e a este producto ajuntarmos ametade do dito quadrado, e mais hum sexto do lado da dita base, a soma será o numero das ballas, que a tal pilha contém.

E X E M P L O I.

Huma pilha quadrangular tem 19 ballas de lado, ou de alto (que se contaõ pelo angulo da pilha) e acaba em huma. O quadrado de 19 são 361, que multiplicado, pelo terço de 19, que são 6 e $\frac{1}{2}$ produz 2166 $\frac{1}{2}$; a este producto se lhe ajunte $\frac{3}{4}$ metade do quadrado 361, que he 180 $\frac{1}{2}$, e faz 2466 $\frac{3}{4}$, e ajuntando-lhe mais hum $\frac{1}{6}$ sexto do lado⁶ que são 3 e $\frac{1}{6}$, faz 2470 ballas, e tantas diremos tem a pilha quadrangular.

O U T R O M O D O.

Achado o numero das ballas na face triangular, este se multiplique pelos dous terços do mesmo lado; a este producto se lhe ajunte mais o terço das ballas na face triangular, e a soma nos dará as ballas da pilha pedida.

E X E M P L O II.

Se o quadrado do lado da base, se multiplicar pelo

A^o mesm
tando
por 9
lar, e
são 1
mais
triang
mos t

$$19$$

$$\underline{19}$$

$$171$$

$$\underline{19}$$

$$361$$

$$\underline{6}$$

$$2166$$

$$\underline{120}$$

$$2286$$

$$\underline{180}$$

$$2466$$

$$\underline{3}$$

$$2470$$

EXEMPLO.

A^a mesma pilha, que tem 19 ballas de lado, ajuntando-lhe mais 1, faz 20, que multiplicados por 9 e $\frac{1}{2}$ produz 190 ballas na face triangular, esta $\frac{2}{3}$ multiplicada pelos 2 do lado 19, que são 12 $\frac{2}{3}$, produz 2406 $\frac{2}{3}$, e $\frac{3}{4}$ a estas juntas mais $\frac{3}{4}$ 63 $\frac{1}{4}$, que he $\frac{3}{4}$ o terço de 190, face triangular, $\frac{3}{4}$ soma 2470 ballas, e tantas diremos tem a pilha quadrangular.

$$9119$$

$$911$$

$$\hline 20$$

$$9\frac{1}{2}$$

$$\hline 180$$

$$10$$

$$\hline 190$$

$$12\frac{2}{3}$$

$$\hline 380$$

$$190$$

$$\hline 2280$$

$$126\frac{2}{3}$$

$$\hline 2406\frac{2}{3}$$

$$63\frac{1}{3}$$

$$\hline 2470\frac{2}{3}$$

630. Para achar as ballas nas pilhas rectangulares, que acabão em duas, ou mais ballas.

He necessario saber, que nas pilhas rectangulares, se acha sempre huma pilha quadrangular, e tantas faces triangulares, quantas são as ballas; em que acaba a tal pilha—menos huma, que fica para a pilha quadrangular: como na pilha rectangular *A C E D*, em que a pilha quadrangular, he *A B C*, e as faces triangulares são as que se achão em *B C D E*, e neste caso são cinco; porque a pilha rectangular acaba em 6, figura 2.

Fig. 2.

Re-

Regra geral.

Para achar as ballas, que estão nas pilhas rectangulares, não he necessario mais, que ajuntar às que se achão na pilha quadrangular, as que tem as faces triangulares, e a soma será a resolução da questão.

E X E M P L O I.

Huma pilha rectangular, que acaba em 19 ballas, e tem de alto, ou de lado 18, quantas ballas contém? Quadremos 18, e faz 324, que multiplicadas por 6, terço da altura 18, faz 1944, a que ajuntaremos 162, metade do quadrado 324, e mais 3, sexto da altura 18, e a soma 2109 ballas são, as que contém a pilha quadrangular, á qual ajuntaremos dezoito faces triangulares, que tem cada huma 181 ballas, e fazem as 18 faces 3078 (porque cada face triangular tem 18 de lado) estas ballas 3078 das faces triangulares, juntas a 2109 da pilha quadrangular, faz a soma de 5187 ballas, e tantas diremos, que tem a pilha rectangular.

rade de 16, produz 136) que tem cada huma
136 ballas, fazem as vinte e duas faces 2992,
cuja soma total são 4488 ballas, e tantas dire-
mos tem a pilha rectangular. Há mais modos
de achar o numero das ballas nas pilhas; mas
estes são os melhores, e mais facéis.

<u>16</u>	
<u>16</u>	
<u>96</u>	
<u>16</u>	
256	
<u>5 $\frac{1}{3}$</u>	16
1280	<u>1</u>
<u>85 $\frac{1}{3}$</u>	17
1365 $\frac{1}{3}$	<u>8</u>
128 $\frac{1}{3}$	136
<u>2 $\frac{2}{3}$</u>	<u>22</u>
1496 $\frac{2}{3}$	272
2992	<u>272</u>
<u>4488</u>	<u>2992</u>

E porque nem todos farão estes calculos, dou
aqui huma taboada, que chegará sómente até
as pilhas, que tiverem 20 ballas de lado, ou
de alto, e acabaõ em huma, ou em duas, até
o numero de 24 ballas.

Explicação da taboada.

631. As taboadas, número 2. tem sete colunas, a primeira he o numero de ballas, que a pilha tem de alto.

Taboada
2.

A segunda he o numero de ballas das pilhas triangulares correspondentes ás alturas das pilhas, que tem de frente da parte esquerda.

A terceira, he o numero das ballas nas pilhas quadrangulares.

As mais são o numero das ballas nas pilhas rectangulares, que acabaõ em 2, 3, até o numero 24.

Uso da taboada.

Huma pilha triangular tem 6 ballas de lado, e acaba em huma, queremos saber, que ballas contém?

Vamos á taboada, columna segunda, onde diz pilha triangular, e deçefemos por ella a baixo, até toparmos com o numero 6, e defronte, á direita, na segunda columna, lhe correspondem 56 ballas, e tantas diremos tem a pilha triangular.

Huma pilha quadrangular tem 17 ballas de alto, e acaba em huma, quantas ballas contém?

Vamos á taboada, columna primeira, e busquemos o numero 17, e busquemos o titulo, pilha quadrangulares, e em frente do numero 17, lhe correspondem 1785 ballas, e tantas

di-

diremos tem a pilha quadrangular.

Huma pilha rectangular tem 15 ballas de alto, e acaba em duas, que ballas tem?

Vamos á taboada, e busquemos o titulo pilhas rectangulares, e juntamente o numero 2, em que acaba, e descendo pela sua columna a baixo, busquemos o numero, que corresponde ao numero 15, e acharemos 1360, e tantas ballas diremos tem a pilha rectangular.

Outra pilha rectangular tem 19 ballas de alto, e acaba em 6, que ballas tem?

Vamos ao titulo, pilhas rectangulares, e busquemos o numero 6, em que acaba, e descendo pela sua columna a baixo, busquemos o numero, que corresponde a 19, e acharemos 3420 ballas, e tantas diremos tem a pilha rectangular.

Estas mesmas regras servem para achar o numero das granadas, bombas &c. que se empilhaõ.

FIM DO SEGUNDO APPENDIX.

divinos... Huma pira rectangular... pira rectangular... de so numero...

Uma pira rectangular... e queda em... Vimos so titulo... numero de...

numero das gradadas... FIM DO SECUNDO LIBRO... APPEN...



A

632.

obse
deve
por o
de no
brir,
de qu
rallél
temo

633.

cas-2
cias
mero
feren
palm
em tr
tro f
legad
gura



APPENDIX III.

Das batarias.

632.



Uando algum Official da Artilharia for encarregado da construcção de alguma bataria, deve observar, e reconhecer bem o terreno, onde a deve pôr, como se tem caminho capaz, para por elle conduzir a Artilharia (que sempre he de noite) se tem terra bastante, com que se cobrir, que não fique enfiada de parte alguma, de que possa ser contra-batida, e que fique parallelá á parte, que bate, e na distancia, que temos dito.

633. Deve logo mandar fazer fachinas, e estas aos soldados, fargentos, e á alguns Officiaes á proporção, como se vê na taboada, numero 3^o. o comprimento das fachinas, he diferente: humas não devem ser menos de 12 palmos, nem mais de 13 $\frac{1}{2}$ atada cada fachina em tres parte, e bem aper^tada: o seu diametro será, ou de hum palmo, ou de nove polegadas: estas se seguraõ com tres estacas. Figura 3.

Fig. 3.

634.

Fig. 4.

634. Outras tem 18 palmos de comprido, atadas em quatro partes diferentes, que juntas estas com fachinas de 12, ou 13 $\frac{1}{2}$ palmos de comprido, são boas, para as ca² nhoneiras: estas se seguraõ com quatro estacas. Figura 4.

Das fachinas a cima pôde hum faldado fazer por dia dez, ou doze, com suas estacas.

635. Estas fachinas misturadas com terra servem em lugar de cestos, para fazer os parapeitos das trincheiras, e batarias, e para cegar fossos, fazer travezés, e outros retrincheiramentos.

636. Nunca se devem fazer nas batarias fachinas de palha; porque o fogo as queima logo; porém fazem-se fachinas de toda a casta de madeira.

637. As estacas teraõ de comprido de quatro e meyo, até sete palmos e meyo; grossas, na sua cabeça, duas, ou tres polegadas,

Fig. 5.

638. As fachinas, que traz a cavallaria, tem de comprido 7 $\frac{1}{2}$, ou 9 palmos, como, figura 5. destas fachinas ² pôde hum soldado fazer por dia 16, ou 18, com suas estacas.

639. He melhor que sobejem 40, ou 50 fachinas, e estacas, do que falte huma só; porque as que sobejaõ, servem para reformar as canhoneiras.

640. nas
de 2
form

641. mos,
fórm
estar
alta,
parte
domi
7 $\frac{1}{2}$ a
2 te

642. S
algun
os pa
a serv
das p

643. S
ser vi
go, f
para

644. C
de co

645. A
interi
20 $\frac{1}{2}$
sup²

640. As grossuras dos parapeitos, ou espaldões nas batarias de bater, ou contra bater seraõ de 27 até 30 palmos, podem ter menos, conforme as peças, a que são oppostas.
641. A altura das canhoneiras, será de 3 palmos, e $3\frac{1}{2}$ até $4\frac{1}{2}$, e a altura dos merloens será conforme a estiva situada a bataria, como estar mais, ou menos enfiada, mais, ou menos alta, &c. se a bataria estiver de nivel, com a parte, que se quizer bater, e o inimigo a não dominar, he boa altura para os parapeitos de $7\frac{1}{2}$ até 9 palmos, por cima da joelheira, ou ao todo onze e meyo, ou $13\frac{1}{2}$ palmos.
642. Se o lugar, que commanda a bataria, he alguma cousa superior, he necessario levantar os parapeitos de sorte, que os soldados, que a servem não possaõ ser descobertos no recuo das peças.
643. Se a bataria se pozer em parte, que possa ser vista de revéz de qualquer obra do inimigo, será necessario fazer hum bom espaldão, para cobrir o interior da bataria.
644. Os lados da bataria, ou espaldões teraõ de comprido 15, ou 18 palmos.
645. As canhoneiras tem de abertura, no rasgo interior da bataria, 3 palmos, e no exterior, $10\frac{1}{2}$, ou $13\frac{1}{2}$ palmos.
- Ee 646.

646. He necessario, que a bataria seja, quanto for possivel, parallela, ao que se quer bater, porque sendo obliqua, fica fraquissima; porque obriga a abrir as canhoneiras deviãs, ou obliquas, e se lhe diminue parte do merlaõ.

647. A distancia do meyo de huma canhoneira, ao meyo da outra, naõ deve ser menos de 27 palmos, nem mais de 30.

648. Quando a bataria se achar em tal situaçõ, que seja necessario enterrar-lhe a sua plata-fôrma, hum e meyo, ou tres palmos, para estar denivel, com o que queremos bater, a escavaremos, e esta terra servirá para lhe fazermos os parapeitos.

649. E se a bataria se fizer sobre o terreno natural, será necessario fazer hum fosso do comprimento exterior da mesma bataria, bastante-mente largo, e profundo, para delle tomar a terra necessaria, para o parapeito.

650. Se a bataria for elevada, por cima do terreno natural, além do fosso, que se lhe faz, para se tirar a terra necessaria, para os parapeitos (quando o fosso a naõ dé) se tomará sobre os lados, e ainda, para levantar o fundo da bataria, ou plata-fôrma.

651. Se a bataria for sobre terreno pantanoso, nos serviremos de cestoens, feitos de ramos, que

que
ao m
652. m
toens
tro c
para
para
forte
4.º F
2.º F
653.
toens
cada
batar
654.
toens
de te
gar n
terra
cher
gross
do,
artilhar
655. 1.º
ria,
levan
ofachin
quib

que tenhaõ 9, ou 10 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, e não menos 12 palmos $\frac{1}{2}$ de alto.

652. Para cada merlaõ, são necessarios 7 cestoens, 3 de 9 palmos de diametro, para dentro da bataria, 2 de 10 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, para o meyo, e 2 de 7 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, para a parte exterior da bataria, e será mais forte, se se lhe poem 4 cestoens por dentro, de 4 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, tres no meyo, e dous por fóra.

653. Huma bataria de tres peças, leva 30 cestoens, 6 por cada lado, ou espaldão, e 9 por cada merlaõ; a abertura das canhoneiras nas batarias dos cestoens, são como nas outras.

654. A acomodação, e disposição destes cestoens, se vê na figura 6.

Fig. 6.

Os cestoens, estando postos, se encherão de terra, que se conduzirá em sacos, do lugar mais proximo, ou esterco misturado com terra, e em caso de necessidade, se podem encher os cestoens de fachinas feitas de ramos grossos de arvores, e se podem encher de tudo, o que for capaz de cobrir, e resistir à artilharia.

655. No lugar, em que há de jogar a artilharia, quero dizer nas plata-fórmãs das batarias levantadas, se fará hum leito, ou dous, de fachina com canissos por cima, cada canisso

Ee ii

de

de 18 até 27 $\frac{1}{2}$ palmos de comprido, e de 9 até 10 $\frac{1}{2}$ palmos $\frac{2}{3}$ de largo, sobre os quaes se lhe dei² taráõ duas, ou tres polegadas de terra, ou mais, para fazer o leito das plata-fõ mas, e pôr a madeira por cima, a fim que as peças possaõ laborar mais solidamente, e se não enterrem as rodas das carretas.

656. Nas batarias, que se fazem sobre rochas, e onde há pouca terra, nos serviremos de cestos, sacos de terra, sacas de lãa, ou barricas.

657. As batarias com sacas de lãa, se fazem com sacas, humas de 25 $\frac{1}{2}$ palmos de comprido, e 10 $\frac{1}{2}$ de grosso, e $\frac{2}{3}$ pondo-se tres sacas juntas de $\frac{2}{3}$ lado, fazem a grossura do parapetto da bataria.

658. A primeira sacca, da parte de dentro da bataria, terá 25 $\frac{1}{2}$ palmos; a do meyo 22 $\frac{1}{2}$ palmos; e as de fóra 19 $\frac{1}{2}$; e faráõ o mer² laõ, e se cravaõ, e seguraõ $\frac{2}{3}$ com suas estacas: podem ser de outra qualquer grandeza, o ponto está, que cubraõ. Figura 7.

659. E porque poderia pegar fogo nas ditas sacas, o remedio he ter tinas de agua misturada com terra de fóma, que fique grossa como lodo, e com ella dár á roda das sacas.

660. Os cestos se fazem sobre hum terreno direi-

Fig. 7.

direito, metendo-lhe huma estaca, e desta, como de centro com hum cordel, que tenha 4 $\frac{1}{2}$ palmos, ou 5 $\frac{1}{2}$ de comprido, prezo na estaca, faremos no $^{\circ}$ dito terreno huma circunferencia, em aqual se meterão páos de 7 $\frac{1}{2}$ ou 9 palmos de comprido, de distancia em $^{\circ}$ distancia, e depois se entrelassaõ, ou tecom com ramos de arvores, que se apertarão huns com os outros, quanto for possivel, como, fig. 8.

Fig. 8.

661. Os caniffoz se fazem, pondo os páos a plumo com as medidas, que dissemos que se tecerão com ramos de arvores, o mais apertadamente, que se poder. Figura 9.

Fig. 9.

Para mais perfeitamente servir huma bateria são necessarios.

A. 662. Cestinho, para acarretar terra, que tem 14 polegadas de alto, e 14 de diametro na boca, e 4 ou 5 polegadas no fundo. Fig. 10.

Fig. 10.

B. 663. Cestinho, ou ceirinha, feita de vimes, ou ramos de arvores, que tem 15 polegadas de alto, e 12 de boca, e 10 no fundo, para o mesmo uso. Fig. 10.

C. 664. Saccos para terra, que tem 29 polegadas de alto, e 15 polegadas de largo. Fig. 10.

665. O modo como se dispoem sobre as trincheiras, se vê em C C. Figura 10.

666.

666. São necessários cestoens de 7 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, e 12 de alto.

Mais cestoens de 9 palmos de diametro, e 12 de alto.

Mais cestoens de trincheira de 4 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro, e 4 $\frac{1}{2}$ de alto.

667. Portas, para fechar as canhoneiras em quanto se carregão as peças, que são huns taboens à prova de mosquete, para que o inimigo não veja, o que se faz na bataria; e depois das peças carregadas, se tiraõ, para lhe dar fogo: isto mesmo fazem os frontaes de mira, tendo de madeira.

668. Tinas, para ter agua nas batarias, que se fazem em caso de necessidade de huma pipa cerrada ao meyo.

669. Os pranchoes para as plata-fórmãs, ou leitões, em que joga a artilharia, teráõ de grosso de 2 até 2 $\frac{1}{2}$ polegadas, e de largo palmo, e meyo.

670. Os seus comprimentos serão de 18, ou 22 $\frac{1}{2}$ palmos, e vem diminuindo, até junto do pa^o rapeito, que acabaõ em 9, 12, ou 13 $\frac{1}{2}$ palmos: a vigotta, que se põem junto ao pa^o rapeito, terá o mesmo comprimento, e devitolla 5, ou 6 polegadas; as mais vigottas, sobre que se põem os pranchoes, teráõ de comprimento os mesmos 27, ou 30 palmos; e de vitolla

la

la 5 ou 6 polegadas; as estacas, com que se segurarão, terão o comprimento, que o terreno permitir, como se o terreno for brando são necessarias estacas mais compridas &c. a sua grossura será de 5, ou 6 polegadas.

671. Todas as plata-fôrmas, ou leitos, terão de comprido de 27 até 30 palmos; e terão de declive, para o parapeito 6 polegadas, a fim que as peças se metão em bataria mais facilmente depois de carregadas.

Pratica na campanha de fazer huma bataria.

672. Depois de escolhido o lugar, sobre que se deve fazer huma bataria, com huma corda estendida, se marcará o numero de brassas, e palmos, que deve ter a bataria, com duas estacas A B, figura 11. por fóra desta linha se tirará outra C D, sua paralléla, e desviada da primeira 4 palmos para a berma.

Os trabalhadores porão as fachinas com as suas cabeças na linha A B, ao comprido da dita corda, as outras com as suas pontas, nas pontas das primeiras, e se continúa assim, até encher a grossura do parapeito.

Em distancia de 15, ou 20 palmos, lançaremos a linha E F, paralléla a C D, e as linhas E G, F G, em distancia de doze palmos, que denotta o fosso.

Logo se dividirão os trabalhadores em duas brigadas; huma, para abrir o fosso, cuja ter-

ra se deitará sobre a fachina; a outra brigada trabalhará, para a parte de dentro, que hirá buscar a terra dos mais fossos, e caminhos de communicação, e a virá deitar nos parapeitos.

Esta brigada só trabalha de noite; porque de dia ficaõ muito expostos aos tiros da praça; a brigada de fóra, que trabalha nos fossos, se porá cada soldado trabalhador em distancia hum do outro, de quatro palmos e meyo, trabalhando, sem estrondo, e com o grande cuidado de enterrar as fachinas, quanto for possível.

O numero dos trabalhadores deve ser quadruplo do numero de brassas, que a bataria tem na frente. Os instrumentos de trabalho devem ser dobrados dos trabalhadores, e proprios ao terreno, como para terra grossa, mais enchadas; para saibro pás; para terra pedregosa picaretas; (esta he má terra) deve tambem haver maçoens para bater as estacas, fources, machados, piloens para bater as terras, e destes, dous, para cada peça da artilharia.

Elevado o parapeito por igual, e bem fachinado, na altura de quatro palmos e meyo, se marcarão com estacas as distancias das canhoneiras; seus rasgos interior, e exterior, e o comprimento dos merloens.

Marcadas as canhoneiras, e merloens, fevão fachinando, e deitando terra em cima, calcando-a bem com os piloens, sobre cada afentada de fachinas, e estacando-as, com tres estacas, cada fachina, e metida cada estaca na par-

a brigada
que hirá
minhos de
rapeitos.

ite; por-
s tiros da
balha nos
chador em
palmos e
om o gran-
quanto for

e ser qua-
a bateria
trabalho
s, e pro-
ofsa, mais
pedrago-
evê tam-
cas, fou-
as terras;
ilhariá.

e bem fa-
e meyo,
das ca-
terior, e

oens, fe-
ima, cal-
cada af-
com tres
estaca na
par-

parte, em que se atou; e se continuará até a
altura de nove palmos, e com quatro e meyo,
que tínhamos saõ os onze e meyo; e teremos
feito o parapeito, e espaldaõ.

E no caso, que a tal bateria seja domina-
da da praça, altearemos os parapeitos até 12,
ou mais palmos.

673. Feito isto se determinará hum lugar de traz
da bateria, para hum grande payol de polvo-
ra, capaz de cincoenta barris, e distante da
plata-forma cincoenta, ou cem passos que se
cavará no chaõ de 3, ou 4¹/₂ palmos com 32
palmos de largo, e 42 de ² comprido; e por
cima se cobrirá com pranchoes, e fachinas, e
terra, para evitar o fogo, e bombas.

674. Este payol se cobrirá com algum, ou al-
guns, redentes, ou espaldaõ.

675. Os barris de polvora se cobriráõ por cima
com couros crús de cavallos, ou de boys.

Além deste payol, se devem fazer mais ou-
tros pequenos, de duas em duas peças, e des-
viados da plata-forma 30 palmos: terá cada
hum 12 palmos de lado, e enterrados 3, ou 4¹/₂
palmos, e cobertos, como os a cima.

676. Estes payoes levaõ sómente dous barris de
polvora, e para que não succeda alguma des-
graça, tem cada payol huma tentinella.

677. Estes payoes se communicão com a bataria por caminhos de communicação de 7¹/₂ palmos de largo.

678. Para se fazerem os leitos, em que joga a artilharia, se acentão cinco vigotas dos comprimentos, e vitollas a cima, sobre o terreno, e se seguraõ com outras duas vigottas, huma junto ao parapeito, outra no fim do leito; estas tem leus entalhos abertos de fórma, que alfação a figura do leito; e se seguraõ mais com olestacas, bem batidas: os vaons, entre estas vigottas, se encha de terra bem calcada; e batida ao pilaõ. Figura 12.

Fig. 12.

679. A foalhaõ-se por cima, com prânchoens das vitollas a cima, cujo comprimento he, o primeiro prânchoã de nove palmos, o segundo nove e meyo; o terceiro dez palmos, o quarto dez e meyo; e assim continuando com meyo palmo de differença, até chegar ao numero de dezoito prânchoens, que fazem a plata-fórma; tendo cada prânchoã palmo e meyo de largo: quando a bataria tem de comprido 27 palmos, leva 18 prânchoens; e quando tem 30 palmos, leva 20, junto ao parapeito; e por cima do afsoalhado, se poem outra vigotta de 9, ou de 12, ou 13 palmos e meyo de comprido, e de 5, ou 6 polegadas de vitolla, para toparem as rodas das carretas.

680. Para acharmos o comprimento de huma bataria

bat
ren
mo
doe
dan
riãs
681.
bra
682.
bra
gro
laõ
teri
mei
683.
mer
nico

bataria, usaremos esta regra. Por cada peça daremos tres brassas, ou ao menos vinte e sete palmos, sem comprehender as grossuras dos espaldosens, ou parapeitos; como sendo seis peças, dando tres brassas a cada peça, lhe são necessarias dezoito brassas.

681. A largura de huma bateria deve ter quatro brassas e meya.

E X E M P L O.

682. Huma bateria de quatro peças, tem doze brassas de comprido, sem comprehender as grossuras dos espaldosens; o primeiro meyo merlaõ tem 13 palmos; o primeiro rasgamento interior da canhoneira tem 3 palmos, e o primeiro merlaõ interior tem 26 palmos.

Tudo o mais se continúa da mesma sorte até o ultimo meyo merlaõ, que terá tambem 13 palmos; a cada rasgamento exterior de canhoneira, se darão dez palmos e meyo, ou tres e meyo; a largura de quatro brassas e meya; a sua metade he para a plata-fórma, a outra metade he, para continuar a plata-fórma com fachinas; seu pontaõ de 20 palmos de largo; e a mesma largura póde ter o seu fosso á roda, se fór necessaria terra.

683. As ballas se empilhaõ por de trás de cada merlaõ; e huma peça em bateria deve ter muniçoens para cém tiros ao menos, e lhe são ne-

cessarios dous artilheiros, e seis soldados.

684. As letras I, representaõ os payoes. A linha L M, representa largura da escarpa exterior.

M N, representa a berma. H, representa a rampa, ou sobida, para a bataria.

As letras P, representaõ a praça da bataria.

685. Para enganar o inimigo se costumaõ abrir mais canhoneiras, do que há de peças na bataria; e sempre as batarias, para fazerem bom effeito, devem ter dobrada artilharia, do que a parte que batem.

Deve haver em huma bataria, para ser bem fervida, hum carro de feno, ou palha, para tacos de 6, ou 7 peças, duas massarocas de morraõ.

686. Além do que temos dito deve ter algumas cordas de cincoenta e quatro palmos de comprimento, e quatro polegadas, e duas linhas de circunferencia; outras de cento, e oito palmos de comprimento, e da mesma grossura a cima; outras de trinta e seis palmos de comprimento, e tres polegadas, e oito linhas de circunferencia.

Cabos que tenhaõ de grosso quatro polegadas, e oito linhas, ou cinco polegadas, e duas linhas, e de comprimento noventa palmos.

Os cabos servem, para montar, ou desmontar a artilharia. As cordas de 108, ou de 54 palmos servem, para atar as peças nas carrretas, ou carros matos, ou triquebal.

687. He necessario impedir que os soldados, ou outra qualquer pessoa passe pela bataria; porque incomoda muito aos que a estaõ servindo, e são o alvo do fogo da praça; e por imprudencia poderà algum soldado fumar, e causar alguma desgraça, e devemos com toda a cautela evitar as do fogo, e para isto se rogaõ aos Engenheiros, que sejaõ servidos mandar fazer hum caminho de communicação a quinze, ou vinte passos por de traz dos grandes payoes da bataria.

FIM DO TERCEIRO APPENDIX.



APPENDIX IV.

Dos fogos artificiaes.



Artilheiro deve saber compôr toda a sorte de fogos artificiaes, para ver, e incomodar os inimigos.

O ver os inimigos de noite, he huma ventagem grande, e he tambem mayor ventagem não deichar trabalhar sem os incomodar; isto se consegue com os fogos de arteficio: todo o segredo destes fogos, consiste em os fazer violentos, duraveis, claros, que queimem, e que não sejaõ faceis de se apagar.

688. Todas estas qualidades se achaõ em o enxofre, alcanfor, boraz, polvora mohida, oleo de petroleo, cera nova, pez Grego, calophanè, oleo, cebo de carneiro, e toda a sorte de graixa, facil a se inflamar.

Não tratarei das composicoens, que se podem fazer de todos estes simples, pelo reservan, para outro tratado; mas sómente direi dos fogos mais communs, e de que o uso he ordinario nas Praças de guerra, como saõ.

Pa-

Panellas de fogo.

689. Panellas de fogo, são panellas de barro, com suas azas, cheyas de polvora fina, e com huma granada carregada dentro: esta tal panella se cobre de huma pelle de carneiro, pergaminho, ou lona, e nas azas se lhe metem morroens acezos, ou estopins, e na garganta destas panellas se lhe dá hum laço de corda para se arrojarem, que cahindo se quebrao, e os morroens acendem a polvora, e granada. Figura. 13.

Fig. 13.

Esta invenção he excelente para desalojar os inimigos de algum retrincheiramento, estrada coberta, ou outra qualquer parte. As granadas de vidro, são garrafas de vidro grosso cheyas de polvora, que se deitaõ como as panellas, ou com mecha, ou com estopim, servem para deitar nas brechas, e se usáraõ no sitio de Barcelona.

Ballas de fogo.

690. As ballas de fogo são de figura redonda do tamanho de granadas reaes, e se arrojaõ à campanha, como as de ferro, com amaõ, ou com fundas, ou morteiro, a fim de descobrir os inimigos nas suas trincheiras.

Fazem-se, tomando breu, ou rezina de pinho, salitre, polvora grossa, de cada simples huma parte, de enxofre tres partes, tudo derretido, e encorporado com estopas, e se fa-
çaõ

ção as ditas ballas.

Ou alcatrao huma parte; azeite de oliveira huma quarta parte, tudo bem fervido, e derretido; logo tomando estôpas torcidas, como para calafetar, se deitaõ no vaso, em que estiver esta composiçãõ, e ferverãõ o tempo, que parecer estaõ bem empapadas, e o alcatrao bem cozido, e tirada esta composiçãõ do fogo, atè que arrefeça, das estôpas faremos ballas, e se hirãõ enrolando com fio rijo, e feita a balla dotamanho que parecer, se lhe darã hum banho de polvora por cima.

Quando quizermos usar deste arteficio, furaremos a balla, e o buraco encheremos de polvora mohida, e dando-lhe fogo, a lançaremos, ou com a maõ, ou com funda &c. esta balla queima tudo, o que he combustivel.

Fachinas breadas.

691. Fachinas breadas, sãõ feichinhos de ramos de arvores limpos da folha, e se banhaõ em a composiçãõ de quatro partes, de pez negro, quatro partes de rezina de pinho, huma parte de cebo, ou azeite, tudo derretido juntamente.

Deita-se sobre materias combustiveis, como rumas de madeira, fachinas, gabionadas, gallarias, pontoens.

Barris de fogo.

692. Barris de fogo, sãõ huns pequenõs barris,

Gg

ris,

ris, cestinhos, ou cubos de madeira, cheyos de estôpa, ou filásticas, temperada na composição a cima: serve para queimar todo o combustivel.

Novellos.

693. *Novellos*, são cordas, ou morroens velhos, feitos em forma de ballas, fundidos na composição seguinte.

Pez negro, doze libras; cebo, ou graxa, seis libras, derretido tudo a fogo brando, e depois se lhe deitaõ tres canadas de oleo de dinhaça, e se faz ferver tudo junto; logo se lhe metem dentro as cordas, ou morroens velhos, e se faráõ ferver o tempo, que parecer estaõ as ditas cordas bem empapadas, e tudo muito bem cozido, e pondo-se esta composição a esfriar, faremos os *novellos*.

Ou: a composição se fará com duas partes de pez negro, huma de cebo sómente, e o mais, como a cima. Servem para alumiar de noite.

Archotes.

694. *Archotes*, são huñs molhoszinhos de juncos, ou esparto, banhados na composição de tres partes de cera nova, tres partes de pez, e huma de enxofre: servem para alumiar de noite.

Estopim.

695. *Estopim*, he huma especie de morraõ, e se

se faz com corda de algodão sem nó, nem borbote, cozida em agoa, em que se tenha derretido salitre, e se embrulha em polvora humedecida de agoa ardente, e se seque ao Sol. Este arde velozmente: e no caso que se queira estopim, que dilate mais o fogo, *id est*, que arda mais devagar, cozeremos o algodão em a composição seguinte.

Duas partes de salitre, tres de enxofre, tres de vinagre, e huma de agoa ardente, e huma quarta parte de goma Arabia, e depois embrulhado em polvora fina mohida, e se seque ao Sol.

Estopim inextinguível.

696. Azeite petroleo, rezina de pinho, pez negro, tromentina, cera nova, enxofre vivo, cal viva, de cada cousa huma quantidade, tudo destilado, em cuja destilação se molhe o algodão, e temos feito o estopim.

Conhece-se o estopim, que he bom, tomando dezoito polegadas de comprido, e darlhe fogo em huma ponta, se no mesmo tempo se comunicar a outra, he bom, e senão for assim, he final, que a corda não he bem embebida em polvora, ou bem leca, ou bem recozida.

Quem quizer ver esta materia por extenso, e mais diffusamente recorra ao meu Tratado de fôgos artificiaes.

FIM DO QUARTO APPENDIX.

Se faz com cordão de algodão sem nó, nem por-
 dare, e cozida em água, em que se tenha de-
 tido salitre, e se embulla em pólvora humi-
 da de algodão, e se seque ao Sol. Este
 anda vezoamente: e no caso que se queira esta-
 rido, que dilate mais o fogo, dá-se, que seja
 mais de vapor, e cozesmos o algodão em a com-
 posição seguinte, de salitre, e de estanho,

Duas partes de salitre, tres de estanho,
 tres de vitagre, e duas de água ardente, e
 huma parte parte de goma Arábica, e depois
 empalhado em pólvora humida, e se seque
 ao Sol, ou em outro lugar de calor, e se seque
 em outro lugar de calor, e se seque em outro
 lugar de calor, e se seque em outro lugar de calor,

Asseia geniois, rezina de gipho, per-
 negro, e timentina, certa nova, e canote vivo,
 cal viva, de cada humo huma quantidade, su-
 ficiente para se fazer humo leuolho, e
 algodão, e se seque em outro lugar de calor,

Contra este o estopim, que se dom, e
 mando de zoto pólvora de comprado, e de
 se logo em huma parte, e se no mesmo tempo
 se comunicar a outra, se dom, e se seque for
 se final, que se seque em outro lugar de calor,
 pólvora de bom tempo, ou de bom tempo, e
 de se seque em outro lugar de calor, e se seque
 de se seque em outro lugar de calor, e se seque
 de se seque em outro lugar de calor, e se seque

FIM DO QUINTO APPENDIX
 Gii



DE
 307

A
 nu

C
 Cara
 Cara
 nu
 co
 Cifra
 e l
 Red
 Red

N



I N D E X

DO QUE CONTEM ESTE TRA-
rado.

D A A R I T H M E T I C A .

A

A Rithmetica que he , numero 1.
Arithmetica, quaes saõ as suas operaçoens,
num. 11.

C

C ARACTERES, como se lhe dá o seu valor, nu-
mero 8. e seu exemplo num. 9.
Caracteres, quando vem juntos, com cifras, n. 10.
Caracteres de hum lugar juntos se fizerem mayor
numero, que o que compete ao mesmo lugar
como se escreve, num. 16. e seu exemplo n. 17.
Cifras somadas naõ produzem nada, num. 20.
e seu exemplo num. 21.

N

D

D

- D** Ar o mesmo nome a muitos quebrados, numero 75.
 Dar valor a hum quebrado, num. 76.
 Divisão que he, num. 47. como se faz 51. seus exemplos, num. 52, até 60.
 Dividendo que he, num. 48.
 Divisor que he, num. 49.
 Dinominador que he, num. 63.
 Dividir hum numero pequeno por outro mayor, num. 81. e 82.
 Dividir quebrados, num. 89, até 92.
 Diminuir que he, num. 22. como se faz, num. 23.
 Diminuir, suas regras geraes, num. 24. seus exemplos, num. 25, até 31.
 Diminuir quebrados, num. 85. e 86.

G

- G** Randeza que he, numero 3.
M Ayor commum divisor que he, num. 80.
M Multiplicar que he, num. 32.
 Multiplicador que he, num. 33.
 Multiplicação, como se faz, num. 36. suas regras, num. 37. seus exemplos num. 40, até 46.
 Multiplicar quebrados, num. 87.

N Umnero que he, num. 2.
 Numero de qualquer lugar somados, se produzem huma soma justa de dezenas, como se faz a operaçãõ, num. 18. seu exemplo num. 19.
 Numero multiplicado que he, num. 34.
 Numerador que he, num. 64.

P

P Arte que he, numero 4.
 Partes de huma grandeza como se expressãõ, num. 5.
 Preparaçoens necessarias para as operaçoens dos quebrados, num. 66.
 Productõ que he, num. 35.

Q

Q uebrado que he, num. 62.
 Quebrado, quando vale hum inteiro, quando vale mais, e quando vale menos, num. 65.
 Quociente que he, num. 50.

R

R epartiçãõ que he, num. 47.
 Repartir inteiros, e quebrados, num. 93.
 Reduzir hum todo as suas partes, num. 67.
 Reduzir huma grandeza inteira a quebrado de hum certo nome, num. 69.

Re-

N

Reduzir hum inteiro a quebrado, num. 70. e 71.
 Reduzir as partes ao seu todo, num. 72. 73. e 74.
 Reduzir a hum mesmo denominador muitos quebrados, num. 75.
 Reduzir hum quebrado a termos conhecidos, num. 76. 77. e 78.
 Reduzir hum quebrado a minimos termos, n. 79.
 Regra de tres que he, num. 94. e como se faz, n. 95.

S

S Omar que he, n. 12. e como se faz, n. 13.
 Somar, suas regras n. 14. seus exemplos, n. 15.
 Somar quebrados, num. 83, e 84.

T

T Aboada 38, seu uso, num. 39.

DA GEOMETRIA

A ngulo plano que he, num. 121. que differenças tem, num. 122.
 Angulo rectilíneo que he, num. 123, 124, e 125.
 Angulo igual a outro angulo, como se entende, num. 126.
 Angulos, como se medem, num. 127, e 140.
 Angulo recto, que he, num. 124.
 Angulo agudo, e angulo obtuzo que são, n. 125.

C

Centro que he, num. 130.

Circulo que he, num. 129.

Circulo como se faz, num. 135.

Corda que he, num. 134.

D

Dividir hum angulo pelo meyo, num. 143.

Dividir hum angulo recto em noventa
grãos, num. 144.

Diametro que he, num. 131.

E

E Squadra nōva como se gradua, num. 146.

E Como se faz, num. 147. Seu uso 148, e 149.

F

Fazer hum angulo igual a outro, num. 141.

Figura que he, num. 150.

G

Geometria que he, num. 96. em que se di-

vide, num. 97. sua origem, num. 98.

Grãos que são, num. 128.

Hh

L

- L**inha, que he, num. 101, até 104.
 Linha recta, que he, num. 105, como se faz,
 num. 106, e 107.
 Linha curva, que he, num. 108.
 Linha perpendicular, que he, num. 109. como
 se deita de 110, até 113.
 Linha recta, como se divide em partes iguaes,
 num. 114, 115, 160, até 161.
 Linha obliqua, que he, num. 116.
 Linhas parallelas, que faõ, num. 117. como se
 deitaõ, num. 139, 142, e 167.
 Linha horizontal, que he, num. 118. e 119.

N

- N**ivel como se faz, num. 158, seu uso, nu-
 mero 159.

P

- P**arallélogramo rectangulo, que he, numero
 163, e 164. como se faz, num. 165.
 Petipè como se faz, num. 168. seu uso, numero
 169, 170, e 171.
 Ponto, que he, num. 99, e 100.

Q

- Q**uadrante, ou quarta parte de hum circu-
 lo, numero 136.

Que

Que
nu

R

S E

T

Triar
se fnu
Triar
se f

A

da
Agulhimp
Que

Que se entende por estar huma cousa de nivel,
num. 120.

R

R Adio, que he, num. 137.

S

S Emicirculo, que he, numero 132.

T

T Ermo, que he, num. 151.

T Triangulo rectilíneo, que he, num. 152.

Triangulo equilatero, que he, num. 152. como
se faz, num. 153, 154, e 155. de que serve
num. 156.

Triangulo isosceles, que he, num. 156. como
se faz, num. 157.

DA ARTILHARIA.

A

A Duella que he, num. 427.

A Advertencia util para usar promptamente
da Artilharia, num. 613.

A Agulha de gravato como se usa num. 263. suas
imperfeicoens, num. 267, até 275.

Alcances das peças, porque os não tratamos, numero 514.

Alma da peça, num. 213. Conhecer se está, ou não no meyo de seus metaes, num. 314, até 317.

Alma da peça parallela ao horizonte, num. 530.

Armaõ, que he, num. 605.

Artilharia arte, num. 174.

Artilharia peça, num. 175. No mar não alcança tanto como em terra, num. 552. Como se encrava, e desencrava, num. 571, até 585.

Artilheiro, que he, num. 172, que deve saber, num. 173, de que instrumentos necessita, num. 178, até 197. Quando laborar com peça ladeada, que deve fazer, num. 321. Quando se

achar sem cocharra propria da peça, num. 341, até 343. Quando se achar sem cartucho, numero 362. Não tendo com que pôr a mira, como se haverá; num. 525. No mar como deve pedir os cartuchos, e ballas, num. 562.

Artilheiros novos sigão o parecer dos velhos, que sabem, num. 516.

Atirar de bolada, e de toda a bolada, num. 210.

B.

Ballas para serem boas, num. 365, e se são proprias das suas peças, num. 366. Como se conhecem pela bocadura da peça por figura, numero 368, por numero, num. 369.

Bal-

amos, nu-
 e está, ou
 314, até
 num. 530.
 ão alcança
 omo se en-
 585.
 ve saber,
 sista, num.
 n peça la-
 Quando se
 num. 341.
 uchão, nu-
 mira, co-
 como deve
 562.
 os velhos,
 num. 210.
 Bal-

Ballas de chumbo, seu vento, num. 392, até 394.
 Ballas encadeadas, de pernos, enramadas, de
 ponta de diamante, mensageiras, de fôgos ar-
 teficiaes, enfogadas, ou em braza, num. 396,
 até 404.
 Ballas encadeadas, enramadas de pernos, ponta
 de diamante, palanquetas, e as em braza ão
 boas para o mar, num. 405, até 409.
 Ballas de ponta de diamante, parecer do Autor,
 num. 405.
 Ballas pequenas, e peças de mayor calibre, seu
 uso, 412.
 Ballas de fôgos arteficiaes boas para acampanha,
 num. 407.
 Ballas como se metem nas peças, num. 466, até
 469. As em braza, num. 475, até 468. As de
 alumear a campanha como se usa, num. 478,
 até 480.
 Ballas, cujo peso he mayor do que o da balla
 mestra, como se lhe diminue a polvora, num.
 470, até 474.
 Ballas nas pendencias navaes, ão cursaõ tanto,
 como a balla mestra, num. 553.
 Balla mestra se deve tirar à algumas peças, num.
 550.
 Balla, e taco, porque vaõ juntos, num. 563.
 Bateria que he, num. 483, até 490. Porque
 motivos se fazem, num. 490.
 Batarias de baixo nos navios, de que ballas de-
 vem andar carregadas, num. 561.
 Bimbarra que he, e de que serve, num. 441.
 Bocal, que he, num. 202.

Bo-

- Bocadura da peça, como se toma, num. 365.
 Bocas das peças, com que se tapaõ, num. 445.
 Bocel, que he, num. 202.
 Bondade do ferro, e do bronze, como se conhece, num. 225.
 Bois necessarios para a condução de huma peça, num. 611.
 Bronze, que he, 177.
 Brocas, que saõ, num. 215, e onde saõ mais, num. 216.
 + Busca-vida, que he, num. 313.

C

- **C** Alibre, que há de ter gravado, num. 189.
 que he, num. 375. como se faz, num. 376.
 para onças 379, sendo para chumbo, num. 381.
 até 384. como se usa do calibre, num. 388. como se examina, num. 389, até 391.
 Cana, num. 213, e 214.
 Canhoneira, que he, num. 491.
 Capitel, que he, num. 437, e 438.
 → Carga das peças, num. 282, e 283. Sendo commua, num. 276.
 → Cartucho que he, num. 346. sua differença de saquinho, num. 347. como se cortaõ, numero 348 até 350. Sua largura, num. 351. Sua operação, num. 352. Modo mais facil, num. 353. Sendo de pano, num. 354. Sendo de pergaminho, num. 355. Depois de cozidos, num. 356. Sendo das armas de pederneira, num. 357. Como se usaõ, 358, e 359. Sendo de balla miuda, num. 360.

365.
m. 445.
e conhe-
na peça,
ô mais,
um. 189.
um. 376.
um. 381.
388. co-
do com-
ença de
numero
sua ope-
um. 353.
bergami-
um. 356.
57. Co-
miúda,
naõ
- naõ cursaõ muito, num. 469, e 554.
Carreta que he, num. 597. Sendo de rayos como se chama, num. 606, e sendo de patefca, sua bondade.
Cascavel, que he, num. 198.
Cavallos necessarios para conduzir huma peça, e quanto arrasta cada cavallo, num. 610.
Circunstancias em buscar o alvo, num. 540.
Cobre das cocharras, quanto pela, num. 344.
Cocharra, que he 285. Como se corta 286, que polyora leuaõ 287, 288. Suas regras geraes, num. 289, até 301. Sendo para peça falsa de metal, num. 302, até 306.
Cocharra por igual, he o fundamento das mais cocharras, num. 323.
Cocharra para carregar por igual de huma só vez, num. 327. Sua operaçaõ, num. 325, até 328.
Para carregar por duas vezes ametade do peso da balla, num. 329. Pelos dous terços por huma só vez, num. 330. Sua operaçaõ, num. 331. por duas vezes, num. 332.
Collo, ou colarinho, num. 212.
Conteira, que he, num. 295.
Corte dos cartuchos, seu fundamento, numero 364.
Corte das cocharras, seu fundamento, numero 364.
Culatra, que he, num. 199.
Cubos, ou massas, num. 602.

Defeitos dos munhoens, num. 522, e 523.
 Defeitos das pontarias, num. 535.
 Diamante que he, num. 179. De que serve numero 180.

Diametro da alma da peça, alguma cousa menor, que o diametro da bocadura, num. 226.

Diametro da balla, achar a bocadura da sua peça, num. 385, até 387.

Distancia para acentar as batarias, num. 541. até 551.

Eixo de huma peça, que he, num. 322.

Eixo de huma carreta, num. 604.

Escravinhos, que são 216. E onde são mãos, e como se vem, num. 310, 311, e 319. Como se tomaõ, num. 312.

Espeques, que são, num. 439. De que servem, num. 440.

Esquadra de Tartaglia, ou de Torroceli, sua inutilidade para as peças da artilharia, n. 515.

Facha alta da culatra, num. 200.

Fins da artilharia, quaes são, num. 229.

Fogaõ, num. 201.

Fogo á peça, com que se dà, num. 430.

Frontal de mira que he, num. 433, até 435.

Funil

Funil
 Função
 men
 Furad
 Fuzil

G
 ven
 Golpe
 zen
 Grosso
 até

T
 co
 dila
 Instru
 314
 318

L
 fer
 Lizo
 Lizo

- Funil de escorva, que he, num. 431.
 Funçoens militares, de que peças necessitaõ, numero 241, até 243.
 Furador, que he, num. 109.
 Fuzil, vorruma, ferra, &c. num. 146.
 Argânta, que he, num. 212.
 Golfinhos que saõ, num. 207. De que servem, num. 208.
 Golpes em cruz nos cartuchos, porque senaõ fazem, num. 463.
 Grosuras das peças como se tomaõ, num. 257. até 265, e para que serve esta operaçaõ, n. 275.

- Oyas, que saõ, num. 211. Para que servem, como se buscaõ, num. 536, 538. He erro fundilas com as peças, num. 537.
 Instrumento para reconhecêr o ladeamento, num. 314. Seu uso, num. 315. Suas utilidades, num. 318. Seu defeito, e seu remedio, num. 320.

- Ladeamento, que he, num. 314.
 Lanada, que he, n. 420, até 423. De que serve, num. 424.
 Lizo do fogaõ, num. 204.
 Lizo da garganta, num. 212.

- M** Amilos, que são, num. 217.
 Mayor alcance de huma peça, num. 512,
 e 513.
 Medida justa de huma libra de polvora, num.
 362, de oito libras, num. 363.
 Molduras de que servem, num. 203.
 Morraão, que he, num. 450. Para ser bom, num.
 451. Como se prepara, num. 452.
 Munhoens, que são, num. 205. E de que servem,
 num. 206. Seu acento, num. 521. Seus defei-
 tos, num. 522, e 523.
 Munhoneiras, que são, num. 520, e 600.

N

- N**ivel, de que serve, num. 188.
 Nova esquadra, regua, tiralinhas &c. nu-
 mero 190.
Ouco de huma peça, num. 213, e 214.
 Ouvido, num. 201. Como se deitaão novos,
 num. 593.

- P** Assadeiras, num. 195. Que são, num. 409,
 até 411.
 Palavra artilharia, num. 176.

M.

II

Pa-

Palan
 Palm
 Panca
 me
 Partes
 ro
 Peça,
 par
 faz
 238
 Co
 rem
 gro
 Para a
 Co
 Co
 462
 mo
 juiz
 con
 num
 Co
 60
 tiro
 Peças
 num
 car
 nu
 Peças
 Peças
 fer
 Peças
 Pa-

- Palanquetas, num. 397.
- Palmetas, que são, num. 433.
- Pancas, que são, num. 439. De que servem, número 440.
- Partes de huma peça notadas por letras, número 223.
- Peça, de que partes consta, num. 198. em que partes se divide, num. 219. Para que fim se fazem, num. 228. Seus comprimentos, num. 238, até 240. Porque arrebentaõ, num. 277. Como se arrebentaõ, num. 587, até 589. Seus remedios, num. 492, até 503. Porque são mais grossas na culatra, e bocal, num. 278.
- Para amiudar os tiros como se manejaõ, num. 505. Como se conhece se está carregada, num. 454. Como se carrega, suas regras, num. 453, até 462. Como se lhe dá elevaçãõ, num. 511. Como se lhe dá fogo, 517. Sendo ladeada, prejuizos que se seguem, num. 528. Para se servir com facilidade, num. 564. Como se provaõ, num. 590. Porque se desfogonaõ, num. 592. Como se conhece se está bem montada, num. 609. Como se poem na elevaçãõ do primeiro tiro, num. 529.
- Peças de bater, num. 233, e 234. De campanha, num. 236. De acompanhar hum regimento, atacar hum quartel, impedir hum desembarque, num. 237.
- Peças de ferro não tem delfins, num. 209.
- Peças de 16, até 25 libras de balla, não podem ser curtas, num. 244. E porque, num. 245.
- Peças para o mar, que calibres, num. 246. Devem

- vem ser mais reforçadas, num. 247.
 Peças, suas grossuras, num. 248, até 254.
 Peças commuas, num. 248. Reforçadas, e singe-
 las, num. 255.
 Peças pequenas, porque são mais compridas, e
 ricas de metal, num. 279, e 280.
 Peças compridas, e curtas para que seruem, num.
 281.
 Peça partida dos munhoens para a bolada como
 se usa della, num. 307.
 Peças, huma liza, e outra escravahada como se
 usa dellas, num. 308.
 Peças em braza se poem a refecer em lugar quen-
 te, num. 586.
 Pés de cabra, que são, num. 444.
 Petrechos, que são, num. 429. Em huma bataria,
 num. 482.
 Pinas, num. 602.
 Pontarias como se fazem, num. 507, até 510.
 Seus defeitos, e emendas, num. 518, até 535.
 A sua justeza, num. 526, até 559. Especulati-
 vamente, num. 527.
 Polvarinho, num. 395.
 Polvora como se reconhece, num. 594, e 595.
 A mà como se remedea, num. 596.
 Polvora huma boa, e outra mà como se usa del-
 la, num. 308.
 Polvora como se conhece se está foqueteada co-
 mo convem, num. 464.
 Praças de guerra se etclarecem nos fossos, n. 570.
 Pranchas de chumbo, que são, num. 436.
 Primeiro reforço, num. 219.

Primeiro

R A
R R

Reconh

446,

Regra g

mero

até 3

Reparo

Rodas o

num.

Rogos

e arge

Roman

S Aca
426

Saquinh

360.

Segund

Segund

Soleira

Soquete

415,

415,

415,

415,

415,

Primeiro fim da artilharia, num. 229.

R

Ayos, num. 603.

Rasto, que he, num. 598.

Reconhecer a cocharra, soquete, e lanada, num.

446, até 449.

Regra geral para cortar qualquer cocharra, nu-

mero 333, até 337. Seu exemplo, num. 338,

até 340.

Reparo, que he na artilharia, num. 597.

Rodas quando não tem rayos, como se chamaõ,

num. 601. E quando os tem.

Rogos do Autor aos Officiaes, que tem a seu

cargo aprovarem as peças, num. 591.

Romana pequena, num. 193.

S

Acatrapo, que he 425. Suas medidas, num.

426. De que serve, num. 428.

Saquinho, que he 347. Como se cortaõ, num.

360. Sua regra geral, num. 361.

Segundo reforço, num. 220.

Segundo fim da artilharia, num. 230.

Soleira, que he, num. 599.

Soquete, que he, num. 144. Sua medida, num.

415, até 419.

T

- T
Tacos, de que saõ, num. 465.
 Talhas, que saõ, num. 442.
 Terceiro reforço, num. 221, e 222.
 Tiro de chapeleta, num. 481.
 Tiros, quantos se podem dar, num. 504. Já atirei vinte e dous em hum minuto, num. 504.
 Como se continuão, num. 566, até 568.
 Tiros de noite, 567, até 569.
 Tizoura, num. 192.

- V
Vento das ballas para peças de ferro, num. 368. Para peças de bronze, num. 370, até 373.
 Vergueiro, que he, 443.
 Vivo, que he, como se busca, num. 539.
 Vozes do manejo da artilharia, num. 612.

DOS APPENDICES.

- A
Achar as ballas, que contém huma pilha triangular, num. 628. Suas regras, seus exemplos.
 Achar as ballas nas pilhas quadrangulares, que acabaõ em huma, num. 629. Suas regras, seus exemplos.
 Achar as ballas nas pilhas rectangulares, que acabaõ

baõ e
 regra
 Achar
 680.
 mero.
 Altura
 Archote

B
 All
 laõ
 Ballas
 Barris d
 Barriz
 Bataria
 num.
 Bataria
 Bataria
 Bataria
 Bataria
 tanos
 Bataria
 653.
 Bataria

C
 Ar
 Ca
 ao me
 Canhone
 de peq
 Caniffos

baõ em duas, ou mais ballas, num. 630. Suas regras, seus exemplos.

Achar o comprimento de huma bataria, num. 680. Sua largura, num. 681. Seu exemplo, numero. 682.

Altura das canhoneiras, num. 641.

Archotes, num. 694.

B

Ballas se empilhaõ por de traz de cada merlaõ, num. 686.

Ballas de fogo, num. 690.

Barris de polvora com que se cobrem, num. 675.

Barriz de fogo, num. 692.

Bataria commandada, num. 642. Vista de revéz, num. 643.

Bataria com plata-fórma enterrada, num. 648.

Bataria com sacas de lãa, num. 657, 658, e 659.

Bataria elevada, num. 650. Sobre terreno pantanofo, num. 651.

Bataria de tres peças leva trinta cestoens, num. 653. Sua disposição, num. 654.

Bataria sobre rochas, num. 655.

C

Canhoneira, sua abertura, ou gola, num. 645.

Canhoneira, distancia do meyo de huma, ao meyo de outra, num. 647.

Canhoneiras se costumão abrir mais do que há de peças em huma bataria, num. 685.

Canissos como se fazem, num. 661.

Cala-

Cavalaria, que fachinas traz, num. 638. He melhor, que sobejem do que faltem, num. 639.
 Ceirinha, num. 663.
 Cestinho para acarretar terra, num. 662.
 Cestoens necessarios, num. 666.
 Cestoens necessarios a cada merlaõ, num. 652. E se enchem de terra, num. 654. Como se fazem, num. 660.
 Cordas em huma bateria, num. 686.

E Stacas seus comprimentos, e grossuras, numero 637.

Elpaldoens seu comprimento, num. 644.

Estopim, num. 695. inextinguivel, num. 696.

Explicação da taboada para achar as ballas nas pilhas, num. 631. As mesmas regras servem para as bombas, e granadas.

F

F Achinas seus comprimentos, num. 633, e 634. Misturadas com terra, num. 635. Nunca se fação de palha, num. 636.

Fachinas breadas, num. 691.

I Mpedir, que pessoa nenhuma passe pelas batarias, num. 687.

L

N

O

P

673.
 num.
 Panellã
 Partes
 684.
 Parapei
 Peças e
 niçoe
 Pilhas,
 Rectã
 626.
 Plata-fõ
 Porque
 peças

L

L Eito de fachinas com canifios, num. 655.

N Ovelos, num. 693.

O fficial da artilharia, quando for encarregado de alguma bataria, o que deve observar, num. 632.

P Ayol para polvora, num. 673. Com que se cobre, num. 674. Que polvora leuad, num. 673, e 676. Communicaõ-se com a bataria, num. 677.

Panellás de fogo, num. 689.

Partes de huma bataria notadas por letras, num. 684.

Parapeitos suas grossuras, num. 640.

Peças em huma bataria, deve ter cada huma muniçoens para 100 tiros, num. 683.

Pilhas, ou piramides quadrangulares, num. 624.
Rectangulares, num. 625. Triangulares, num. 626.

Plata-fórmás, seus comprimentos, num. 671.

Porque razáo mais commumente arrebetaõ as peças na camara, e na boca, do que em outra qual-

- qualquer parte não tendo bróca, num. 617.
 Porque se metem os tacos antes, e depois da balla, uum. 619.
 Porque as peças mais compridas arrojaõ as ballas mais longe, que as mais curtas, uum. 621.
 Porque atirando-se com huma peça no mar a hum Navio, não faz tanta bataria, como se com a tal peça se atirasse a huma muralha. E se estando a peça muito proxima do alvo, fará mayor effeito, e se o vento poderá desviar a balla da sua direcção, num. 622.
 Portas para fechar as canhoneiras, num. 667.
 Pranchosens para as plata-fórmãs, num. 669. Seus comprimentos, num. 670.

R

- R**egra para achar as ballas nas pilhas triangulares, num. 627, e 628. Quadrangulares, num. 629. Rectangulares, num. 630.

S

- S**acos, num. 664. Como se dispoem, numero 665.
 Se a artilharia recua antes, ou depois que fahê a balla, num. 616.
 Se duas peças de artilharia semelhantes, e iguaes com igual pelo de polvora, e elevação podem fazer diversos effeitos, num. 614.
 Sedando-se mais carga a huma peça fará mayor, ou menor effeito, num. 615.

Se

Se he,
 mero
 Se hum
 fogo
 Simple
 tefici

T In

V o
 se af

Se he, ou não util atacar a polvora na peça, numero 618.

Se huma balla sem fer em braza póde accender fogo na polvora, num. 623.

Simplees, que entraõ na composiçaõ dos fõgos artificiaes, num. 688.

T

Tinas para agua, num. 668.

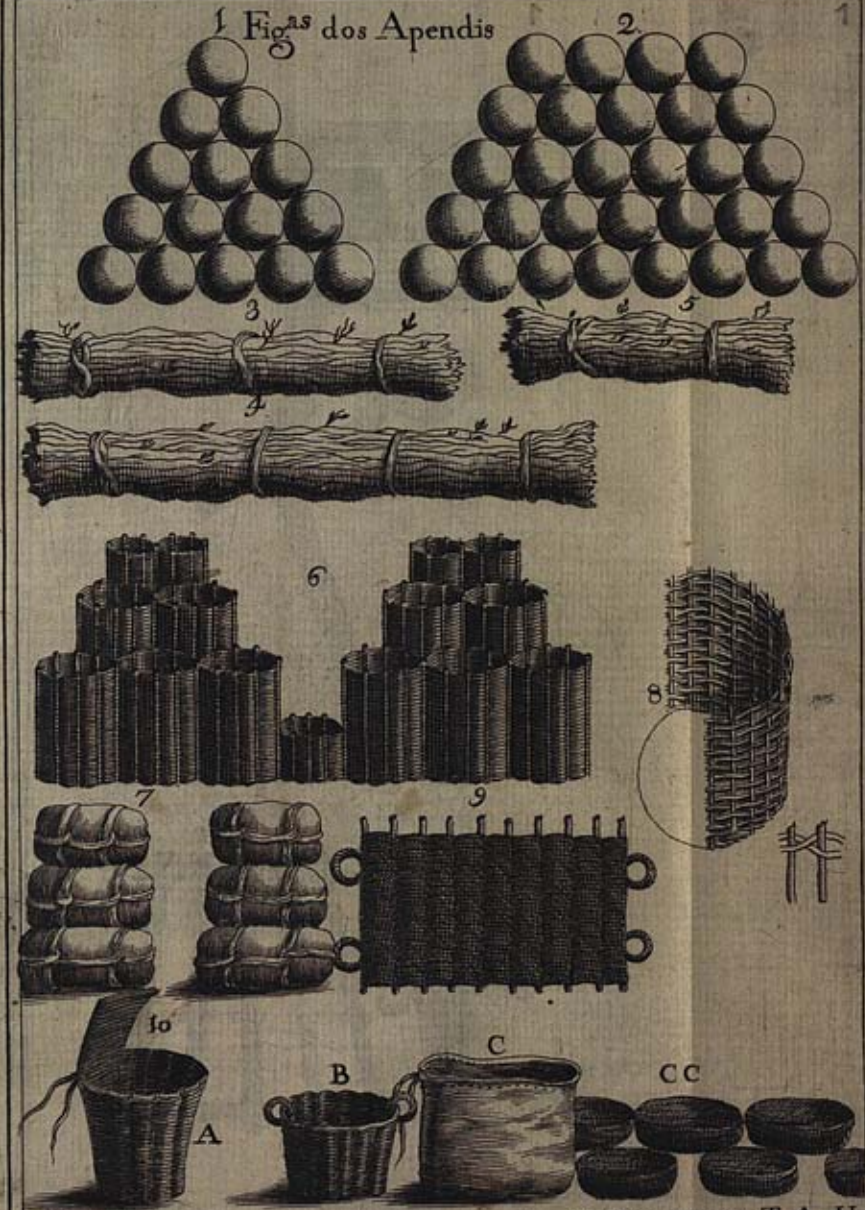
V

Vigottas, como se assentaõ, para se fazerem os leitos das batarias, num. 678. E como se assoalhaõ, num. 679.

F I N I S.



1 Fig^{as} dos Apendis



O. Cor. Sculp.

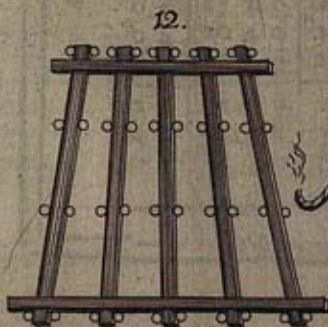
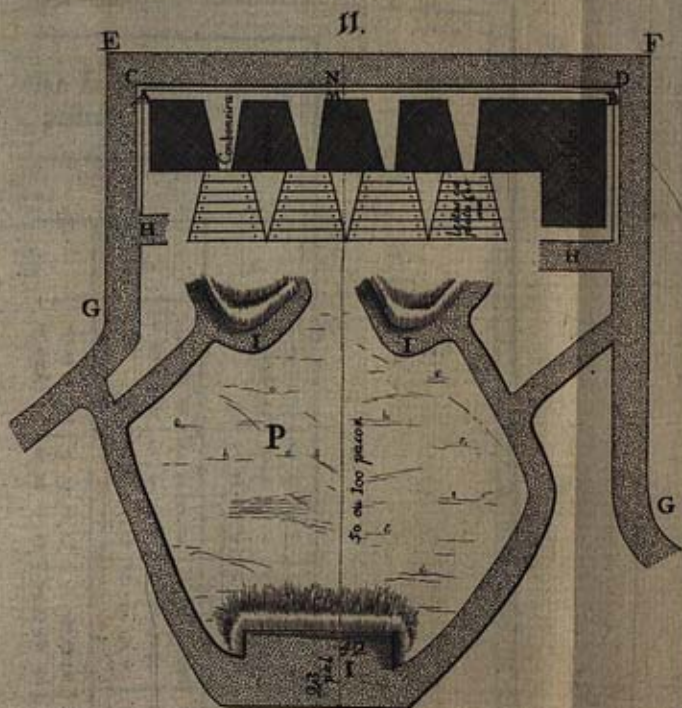
NA. REGIA OFF. CA. DE T. A. H.

Fig. 1. des. d'Armes



M. Paris

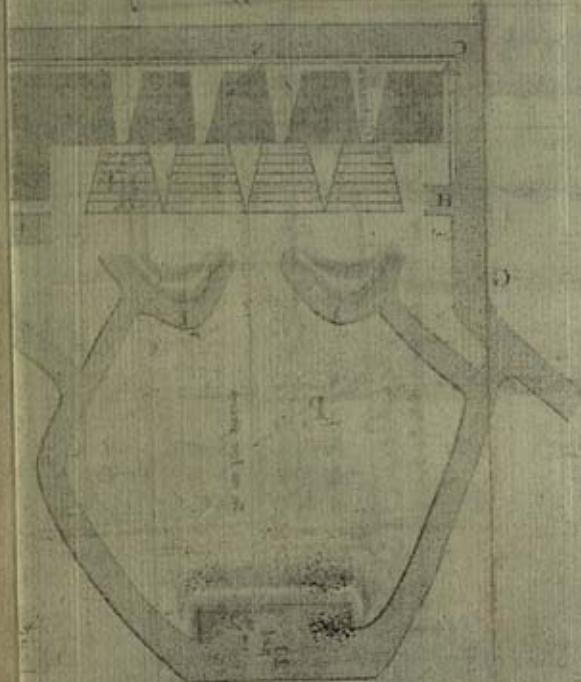
1780



O. Cor Sculp.

Fimdasfig^{as} dosapendis.

NA REGIA OFF. CA DE T. A. H.



Handwritten text, possibly a signature or name, written in a cursive script. The text is oriented vertically and appears to be "Handwritten as described".

Handwritten text, possibly a signature or name, written in a cursive script. The text is oriented horizontally and appears to be "Handwritten as described".

Alturas das pilhas.

Taboada, numero segundo, para achar facilmente o numero das ballas nas suas pilhas.

Acabaõ em 1.	Pilha trian- gular.	Pilhas qua- drangulares.	<i>Pilhas reãangulares.</i>				
	em 1.	2.	3.	4.	5.	6.	
2	4	5	8	11		17	20
3	10	14	20	26	14	38	44
4	20	30	40	50	32	70	80
5	35	55	70	85	100	115	130
6	56	191	112	133	154	175	196
7	88	140	168	176	224	252	280
8	121	204	240	276	312	348	384
9	165	285	330	375	420	465	510
10	220	385	440	495	550	605	660
11	286	506	572	638	704	770	836
12	364	650	728	806	884	962	1040
13	455	819	910	1001	1092	1183	1274
14	560	1015	1120	1225	1330	1435	1540
15	680	1240	1360	1480	1600	1720	1840
16	816	1496	1632	1768	1904	2040	2176
17	969	1785	1938	2091	2244	2397	2550
18	1140	2109	2280	2451	2622	2793	2964
19	1330	2470	2660	2850	3040	3230	3420
20	1540	2870	3080	3290	3500	3710	3920

Alturas das pilhas.

Taboada, numero segundo, para achar facilmente o numero das ballas nas suas pilhas.

Pilhas rectangulares.

Acabaõ em 7.	8.	9.	10.	11.	12.
2	2 6	2 9	3 2	3 5	3 8
3	5 6	6 2	6 8	7 4	8 0
4	1 0 0	1 1 0	1 2 0	1 3 0	1 4 0
5	1 6 0	1 7 5	1 9 0	2 0 5	2 2 0
6	2 1 7	2 3 8	2 5 9	1 8 0	3 2 2
7	3 0 8	3 3 6	3 6 4	3 9 2	4 4 8
8	4 2 0	4 5 6	4 9 2	5 2 8	6 0 0
9	5 5 5	6 0 0	6 4 5	6 9 0	7 3 5
10	7 1 5	7 7 0	8 2 5	8 8 0	9 3 5
11	9 0 2	9 6 8	10 3 4	11 0 0	11 6 6
12	11 1 8	11 9 6	12 7 4	13 5 2	14 3 0
13	13 6 5	14 5 6	15 4 7	16 3 8	17 2 9
14	16 4 5	17 5 0	18 5 5	19 6 0	20 6 5
15	19 6 0	20 8 0	22 0 0	23 2 0	24 4 0
16	23 1 2	24 4 8	25 8 4	27 2 0	28 5 6
17	27 0 3	28 5 6	30 0 9	31 6 2	33 1 5
18	31 3 5	33 0 6	34 7 5	36 4 8	38 1 9
19	36 1 0	38 0 0	39 9 0	41 8 0	43 7 0
20	41 3 0	43 4 0	45 5 0	47 6 0	49 7 0

51 8 0

Alto da...

Acabado em 7...

Alto da...

Alturas das pilhas.

Taboada, numero segundo, para achar facilmente o numero das ballas nas suas pilhas.

Pilhas rectangulares.

Acabaõ em 13.	14.	15.	16.	17.	18.
2	4 1	4 4	4 7	5 0	5 3
3	8 6	9 2	9 8	1 0 4	1 1 0
4	1 5 0	1 6 0	1 7 0	1 8 0	1 9 0
5	2 3 5	2 5 0	2 6 5	2 8 0	2 9 5
6	3 4 3	3 6 4	3 8 5	4 0 6	4 2 7
7	4 7 6	5 0 4	5 3 2	5 6 0	5 8 8
8	6 3 6	6 7 2	7 0 8	7 4 4	7 8 0
9	8 2 5	8 7 0	9 1 5	9 6 0	10 0 5
10	10 4 5	11 0 0	11 5 5	12 1 0	12 6 5
11	12 9 8	13 6 4	14 3 0	14 9 6	15 6 2
12	15 8 6	16 6 4	17 4 2	18 2 0	18 9 8
13	19 1 1	20 0 2	20 9 3	21 8 4	22 7 5
14	22 7 5	23 8 0	24 8 5	25 9 0	26 9 5
15	26 8 0	28 0 0	29 2 0	30 4 0	31 6 0
16	31 2 8	32 6 4	34 0 0	35 3 6	36 7 2
17	36 2 1	37 7 4	39 2 7	40 8 0	42 3 3
18	41 6 1	43 3 2	45 0 3	46 7 4	48 4 5
19	47 5 0	49 4 0	51 3 0	53 2 0	55 1 0
20	53 9 0	56 0 0	58 1. 0	60 2 0	62 3 0
					50 1 6
					57 0 0
					64 4 0

Abcoda T

Alfabeto para as
tabeas nos fins
das tabeas rectangula

Ordem A

11 ms

1 2 3 4

5 6 7 8

9 10 11 12

13 14 15 16

17 18 19 20

21 22 23 24

25 26 27 28

29 30 31 32

33 34 35 36

37 38 39 40

41 42 43 44

45 46 47 48

49 50 51 52

53 54 55 56

57 58 59 60

61 62 63 64

65 66 67 68

69 70 71 72

73 74 75 76

77 78 79 80

Alfabeto para as
tabeas nos fins
das tabeas rectangula

Alfabeto para as
tabeas nos fins
das tabeas rectangula

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

Alturas das pilhas.

Taboada, numero segundo, para achar facilmente o numero das ballas nas pilhas.

Pilhas rectangulares.

	Acabaõ em 19.	20.	21.	22.	23.	24.
2	5 9	6 2	6 5	6 8	7 1	7 4
3	1 2 2	1 2 8	1 3 4	1 4 0	1 4 6	1 3 2
4	2 1 0	2 2 0	2 3 0	2 4 0	2 5 0	2 6 0
5	3 2 5	3 4 0	3 5 5	3 7 0	3 8 5	4 0 0
6	4 6 9	4 9 0	5 1 1	5 3 2	5 5 3	5 7 4
7	6 4 4	6 7 2	7 0 0	7 2 8	7 5 6	7 8 4
8	8 5 2	8 8 8	9 2 4	9 6 0	9 9 6	10 3 4
9	10 9 5	11 4 0	11 8 5	12 3 0	12 7 5	13 2 0
10	13 7 5	14 3 0	14 8 5	15 4 0	15 9 5	16 5 0
11	16 9 4	17 6 0	18 2 6	18 9 2	19 5 8	20 2 4
12	20 5 4	21 3 2	22 1 0	22 8 8	28 6 6	24 4 4
13	24 5 7	25 4 8	26 3 9	27 3 0	28 2 1	29 1 2
14	29 0 5	30 1 0	31 1 5	32 2 0	33 2 5	34 3 0
15	34 0 0	35 2 0	36 4 0	37 6 0	38 8 0	40 0 0
16	39 4 4	40 8 0	42 1 6	43 5 2	44 8 8	46 2 4
17	45 3 9	46 9 2	48 9 5	49 9 8	51 5 1	53 0 4
18	51 8 7	53 5 8	55 2 9	57 0 0	58 7 1	60 4 2
19	58 9 0	68 0 0	62 7 0	64 6 0	66 5 0	68 4 0
20	66 5 0	68 6 0	70 7 0	72 8 0	74 9 0	77 0 0

Numero 3º.

Taboada das faxinas, estacas, macetes, e pranchoens, que são necessarios em
huma bateria começando em duas peças até 16. do calibre de 24. libras.

Baterias das peças de 24.	Faxinas de 12 até 13½ palmos de comprido.	Faxinas de 18 palmos de com- prido.	Faxinas que traz a cavallaria de 7½ até 9. palmos de com- primento.	Estacas de 4½ até 7½ palmos de comprido.	Macetes para bater as estacas.	Pranchoens pa- ra fazer as pla- taformas.
de 2. p ^s .	1 2 0	4 0	2 0 0	5 2 0	1 0	3 2
de 3. p ^s .	1 6 5	6 0	3 0 0	7 4 0	1 4	4 8
de 4. p ^s .	2 1 0	8 0	4 0 0	9 6 0	1 8	6 4
de 5. p ^s .	2 5 5	1 0 0	5 0 0	11 8 0	2 2	8 0
de 6. p ^s .	3 0 0	1 2 0	6 0 0	14 0 0	2 6	9 6
de 7. p ^s .	3 4 5	1 4 0	7 0 0	16 2 0	3 0	1 1 2
de 8. p ^s .	3 9 0	1 6 0	8 0 0	18 4 0	3 4	1 2 8
de 9. p ^s .	4 3 5	1 8 0	9 0 0	20 6 0	3 8	1 4 4
de 10. p ^s .	4 8 0	2 0 0	10 0 0	22 8 0	4 2	1 6 0
de 11. p ^s .	5 2 5	2 2 0	12 0 0	25 0 0	4 6	1 7 6
de 12. p ^s .	5 7 0	2 4 0	13 0 0	27 2 0	5 0	1 9 2
de 13. p ^s .	6 1 5	2 6 0	14 0 0	29 4 0	5 4	2 0 8
de 14. p ^s .	6 6 0	2 8 0	15 0 0	31 6 0	5 8	2 2 4
de 15. p ^s .	7 0 5	3 0 0	16 0 0	33 8 0	6 2	2 4 0
de 16. p ^s .	7 5 0	3 2 0	17 0 0	36 0 0	6 6	2 5 6

